



# Gol de Letria

10 anos de uma história real.

# Gol de Letra

10 anos de uma história real

1ª Edição  
São Paulo – 2010

Patrocínio



Idealização



Concepção e execução



# 10 anos é muito mais que 10 anos

Um marco. Uma data extremamente importante, um momento de celebração, um olhar para tudo o que foi construído. E tudo o que foi construído nos ensina que compartilhar foi o verbo que mais se conjugou ao longo dessa trajetória. Trabalhar em comunidade e com comunidade é isso.

Lutamos muito. Equipes de valor inestimável foram montadas, pessoas de fibra e competência admiráveis se juntaram ano a ano aos grupos que iam acumulando conhecimentos, expertises, e assim, pessoa a pessoa, projeto a projeto, fomos aprendendo a fazer o nosso melhor, compreendendo que a excelência que buscávamos dependia da soma dessas competências, da dedicação e do comprometimento de todos.

Esse dedicar-se aprendendo sempre foi a marca do nosso trabalho. Para isso tivemos que estabelecer cumplicidades com os profissionais e as comunidades atendidas, estar aptos a receber colaboradores voluntários e sempre dispostos a atrair apoio, demonstrando a importância do que fazemos para

financiadores, empresas dos vários segmentos econômicos e pessoas de origens diversas.

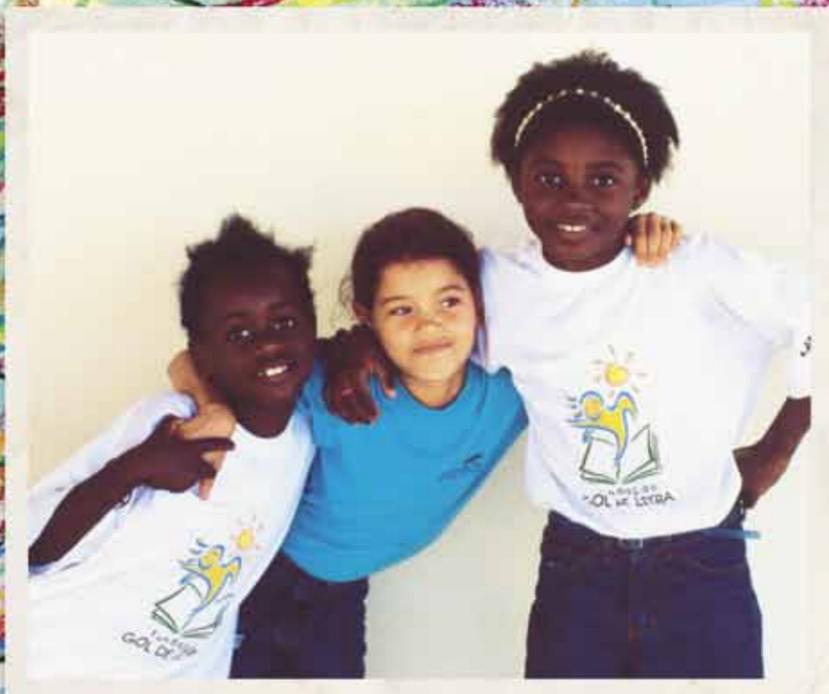
O desejo dessa publicação é registrar, de uma forma peculiar, como fomos construindo essa história que hoje tanto nos orgulha e agradecer a todos que dela participaram.

Quando decidimos contar essa saga através de muitos dos principais personagens, não hesitamos em convidar o Museu da Pessoa para que nos ajudasse. Sabíamos que assim alcançaríamos a melhor concepção, os melhores resultados, com uma publicação de valor agregado à altura do que pretendemos.

Por tudo isso, convidamos você a se deixar levar pela sensibilidade dos depoimentos e fatos aqui relatados, viajar na nossa história, saber das inúmeras dificuldades que enfrentamos e das vitórias que conquistamos.

Boa leitura.

**Conselho Curador  
Fundação Gol de Letra.**



*As ações e as conquistas  
da Gol de Letra são bem maiores  
do que a gente consegue ver no dia a dia.*

*Dez anos é muita coisa.*

*E lembrar faz a gente ter noção  
de que fizemos algo gigante.*

*Raí*



**É**

até corriqueiro dizer que os afazeres do cotidiano nos envolvem de tal forma que se torna difícil enxergar a dimensão de nossas realizações. Ainda mais quando se trata de um feito construído por inúmeras pessoas, cheias de história para contar. Mas diante de uma data emblemática como os dez anos da Fundação Gol de Letra – que já fez tantas coisas, realizou tantos sonhos e cada vez mais se torna referência no Terceiro Setor e em Educação no Brasil –, é fundamental criar formas de olhar para trás, para o presente e, só então, para o futuro.

Para colaborar com a Gol de Letra nesse vultoso exercício, ao longo de 2009, o Museu da Pessoa aliou um trabalho de pesquisa direta em seus arquivos – que incluiu o levantamento de documentos, publicações, projetos e relatórios produzidos pela Fundação – com a realização de 29 entrevistas de história de vida. Atuais e antigos colaboradores de São Paulo e do Rio de Janeiro, assim como voluntários, parceiros, fornecedores, gente das comunidades atendidas e ex-alunos contaram sua trajetória ao Museu da Pessoa. Além das entrevistas, centenas de depoimentos também foram colhidos por meio dos folders da Campanha “Minha História com a Gol de Letra”. Seja pelos folders, seja pelas entrevistas, cada pessoa compartilhou suas memórias ligadas à Gol de Letra, possibilitando que a história da Fundação fosse registrada a partir das próprias vozes que a construíram.

Esta publicação consiste em uma das leituras possíveis a se fazer a partir do riquíssimo material coletado. Sua

proposta é levar o leitor a um verdadeiro passeio pelas histórias das pessoas, de forma que cada trecho, ligado ao seguinte, remonta cronologicamente a trajetória da Fundação, entre o sonho, todos os passos para torná-lo real até chegar aos dias atuais.

A evolução dos capítulos sugere uma metáfora com a própria história da Fundação. O primeiro capítulo é o “Sonho” que, aos poucos, saiu do plano das ideias até ir para o papel e se tornar uma “História Real”, que é o segundo capítulo. Aos poucos, esse projeto foi colocado em prática, foi recheado – a fase de “Construção do Enredo” propriamente dita é o capítulo 3. Como em qualquer enredo, os percalços e as dificuldades existem, até para torná-lo mais consistente – é a “Trama e Seus Nós”, penúltimo capítulo. Por fim, o “Sonho Vivo”, como uma espécie de mural, onde há espaço para um balanço do que foi vivido até aqui e, indissociáveis desse passado, as expectativas para o futuro. Pela própria estrutura, que congrega passado e futuro, esse último capítulo reafirma um princípio do Museu da Pessoa, e da própria Gol de Letra, ao optar por fazer um trabalho de memória: é a reflexão sobre o passado que nos diz quem somos e que caminhos percorrer para tornar nossos sonhos vivos.

Gol de Letra – 10 anos de uma história real” espelha a razão de ser do Museu da Pessoa, que trabalha para coletar, registrar e disseminar histórias de vida, por acreditar que são essenciais para a construção da memória social.

**Museu da Pessoa**



# Índice

<i>Sonho</i> .....	10
<i>História real</i> .....	25
<i>Construindo o enredo</i> .....	49
<i>A Trama e seus nós</i> .....	79
<i>Sonho vivo</i> .....	115
<i>Linha do tempo</i> .....	132
<i>Os autores desta história</i> .....	136



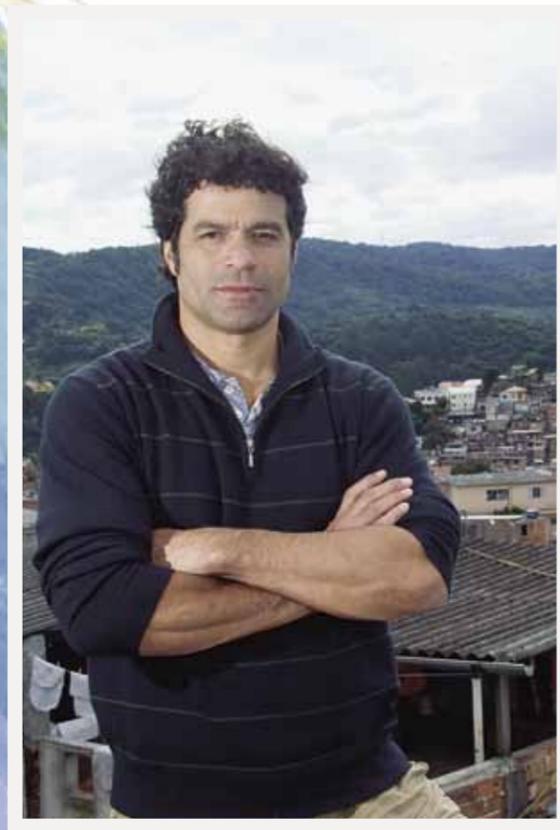
## Sonho

Tudo começou em Fortaleza, no Ceará, quando nasce o pai de Raí, seu Raimundo. Um nordestino sem estudo como muitos, que resolveu ser autodidata e se apaixonou pelos livros. E, assim, ele plantava uma semente em seus filhos sobre a importância da cultura e da educação. Tudo também começou no São Paulo Futebol Clube, quando Leonardo se incomodava em ver uma comunidade desassistida ao lado do Centro de Treinamento. Ficava tentando encontrar uma solução. “Mas como?”, pensava. Tudo começou com ações filantrópicas de uma estudante do Colégio Marista, ou até num dia de faxina promovido por uma estagiária em uma sala de aula de uma escola pública qualquer de Niterói. Tudo começou até bem antes, há mais de século, na Revolução Francesa, que deixou para o mundo a missão de buscar os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade; tão básicos e ainda tão distantes de uma grande parcela da humanidade. Foi vendo esses ideais acontecendo na prática, no seu dia a dia quando moraram na França com suas famílias, que os jogadores Raí e Leonardo começaram a sonhar com a construção de uma história real.

Tudo começa de muitas formas. E é sobre esses múltiplos pontos de partida, essas motivações tão íntimas, sonhos e ideais, que versa o capítulo “Sonho”. Ele também revela como os caminhos foram se cruzando para que as coisas acontecessem como, de fato, aconteceram.

# Filosofias de berço

**Rai Souza Vieira de Oliveira,**  
ex-jogador de futebol e empreendedor social.  
Instituidor e diretor-presidente da Diretoria Estatutária  
desde 1998



Meu pai parou cedo de ir à escola, era de origem humilde. Mas lia muito. Era muito inteligente. A maneira de subir na vida, de ter oportunidades, era através do estudo. Então, achou que uma boa saída eram os concursos, ele tinha facilidade. Passou no concurso dos Correios. Ele sempre foi um personagem muito interessante e diferente. Ia procurando assuntos para estudar. Teve a fase de ler Freud, a de aprender inglês... Ele tinha fases. Teve a fase de filosofia antiga, quando se encantou com os personagens e consequentemente com os nomes – nordestino tem mania de inventar nome, né? Acabou colocando nos filhos: Sócrates, Sóstenes e Sófocles. Daí minha mãe falou: “Vamos parar

com isso.” Tanto que, no quarto filho, ele botou o nome dele, Raimundo. Mas no quinto, já fez uma mistura: Raimundo com Guiomar, minha mãe. Deu Raimar. Uns amigos até brincam que, se seguisse essa lógica, eu deveria me chamar Guiomundo. Dei sorte!

**Meu pai era uma presença muito forte.** Em casa, ficava com os filhos até o jantar. Lá pelas 11 horas ia pro escritório e lia até as duas da manhã. Ele gostava de política. Era um assunto presente em casa e ele sempre defendia os menos favorecidos. No discurso e na prática. Ajudava a família, sempre tinha gente em casa que vinha para cá procurando oportunidade.

## Um time em casa

Em 11 anos, minha mãe ficou dez vezes grávida. Teve seis filhos e perdeu quatro. Não dava para ela trabalhar. Então, ela era mãezona mesmo. Era muito gostoso pros filhos. Terminava a refeição, íamos jogar pingue-pongue na mesa de almoço. Sempre foi muita brincadeira, muito movimento em casa. Como eram seis irmãos, era bom pra praticar esporte coletivo. E a gente tinha facilidade, quase todos

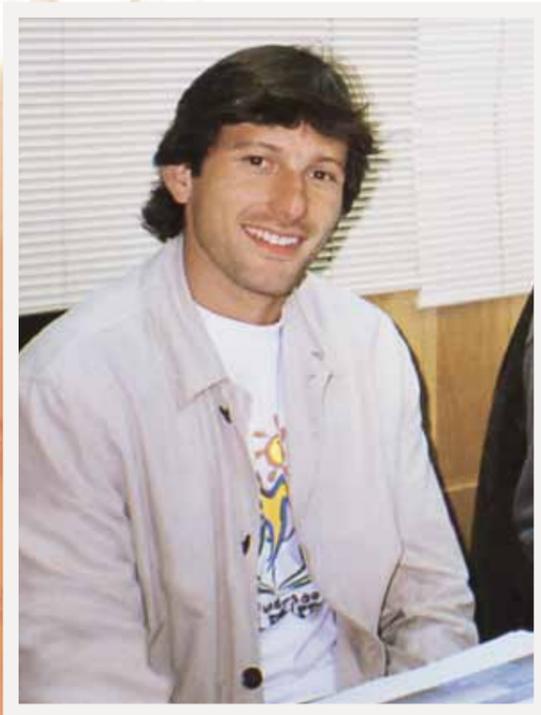
eram bons em esporte. A gente até brinca que minha mãe devia bater um bolão, porque meu pai era ruim, jogava mal... **Esporte sempre foi uma coisa muito valorizada em casa.** Todo mundo praticou bastante, e se destacava. No Colégio Marista, onde estudei, tinha bastante área aberta, incentivavam muito música e esporte. Teve uma época que quatro irmãos estudavam lá, ao mesmo tempo.

*“Uma fera em sua luta faz acontecer  
Fina flor em terra bruta nascer.”*

*Trecho de música composta por Sóstenes Brasileiro S. S. V. de Oliveira quando seu irmão Rai se mudou para a França, em 1993.*

# Vivendo e aprendendo a jogar

A gente morava num lugar que era muito tranquilo, brincava muito. O meu pai, um apaixonado por carro, moto, bicicleta... então a nossa vida foi muito na rua, andando de bicicleta. Niterói, apesar de ser uma cidade de 1 milhão de habitantes, tem aquela coisa de cidade pequena... Frequentávamos também um clube, o Rio Cricket, que foi uma referência na infância.



Jogava bola no clube, na rua, no colégio. Não pensava em ser jogador de futebol. Não tinha ninguém da família que indicasse esse caminho a seguir. **Até que, depois de uma infância normal, jogando bola, aconteceu a possibilidade de fazer um teste para ser jogador e acabou virando a minha vida.**

**Leonardo Nascimento de Araújo,**  
*ex-jogador de futebol, técnico do Milan e empreendedor social. Instituidor da Fundação Gol de Letra desde 1998*

Estudei sempre na mesma escola, o Instituto Abel. Era uma escola mantida pelos Irmãos Lassalistas que foi, talvez, depois da família, a minha maior referência.

Adorava ir para lá, e o esporte também me ligou muito àquela escola. Lá a gente jogava de tudo, vôlei, handebol, futebol, basquete. E tinha essa coisa de representar a escola que era muito gostosa de viver. Depois, até comecei a fazer Educação Física na Faculdade Gama Filho, no Rio de Janeiro; terminei o primeiro ano, mas tranquei a matrícula porque me transferi para São Paulo. Tinha começado a jogar profissionalmente e não consegui mais voltar para a faculdade.

# A vida como ela é



**Cristina Bellissimo (Tina),**  
*empresária. Fundadora e membro do Conselho Curador de 1998 a 2001*

No colegial, eu e algumas amigas do Colégio Marista lá de Ribeirão Preto (SP) – onde eu e o Raí nos conhecemos – tínhamos o hábito de visitar asilos, orfanatos, creches. Acho que o primeiro estímulo veio da escola mesmo. Mas nós gostávamos de alguns programas alternativos, de mexer em alguma coisa já filantrópica. Eu tinha uns 15 anos. Ainda no colegial, Raí e eu nos casamos. Foi

muito cedo, mas foi bom pra amadurecer, pra ver a vida como ela é. A gente viu a vida muito cedo, tivemos filho muito cedo. **Mas sempre apareceu alguém e deu uma mãozinha aqui e outra ali.** E eu acho que isso que aconteceu com a gente está na história do brasileiro que não nasce muito bem de vida: se ele tiver uma ajuda, ele vai pra frente. A gente acredita nisso.

# Uma líder carismática

Depois do curso normal, fui fazer um estágio numa escola municipal, lá em Niterói, aquele ambiente difícil, eu era uma menina... Imagina se os alunos iam me respeitar. Uma barulheira na sala, aquela confusão. E eu me lembro bem de quando conquistei a turma: levei esponja e sabão e botei todo mundo pra lavar a sala inteira, parede, carteira. Aí fizemos cartazes pra turma da tarde conservar a nossa sala limpa. Foi bem legal.

Eu sempre fui muito de reivindicar as coisas. **Era sempre representante de turma, acho que por conta de me destacar no esporte e também de fazer teatro no colégio.** Sempre fui meio “líderzinha”, meio política.

**Beatriz Pantaleão,**  
*estudante de História. Fundadora e diretora-tesoureira desde 1998*





## Liderança em jogo

### Raí Souza Vieira de Oliveira

Comecei a jogar no Botafogo de Ribeirão Preto com 18 anos. Ficava na reserva, entrava um pouquinho. Com 19, passei a ser titular. Lembro que com 20 anos eu já era capitão da equipe. Sempre com o meu jeito mais discreto. Teve uma época que o Botafogo estava perdendo, **o salário estava atrasado três meses e os dirigentes contrataram dois jogadores.** Aí eu tomei a palavra e **falei que achava aquilo um absurdo.** Imagine: eu era o mais novo, falando isso pro presidente do clube, na frente de

todo mundo, na frente dos novos jogadores. Acho que ali começou a aflorar esse meu lado. Talvez tenha sido influência do meu irmão Sócrates, que também jogava futebol e era um superlíder. Vivíamos no final da ditadura, e ele tinha um posicionamento político, era muito corajoso de colocar as suas opiniões. Ele unia essa coisa de inteligência e idealismo, que era muito do meu pai.

Outra pessoa que me influenciou muito foi o Telê Santana. Eu já estava no São Paulo, num

estágio bom da carreira, era capitão do time, mas o Telê marcou, porque, no estilo dele de exigência perfeccionista, conseguiu fazer com que eu melhorasse. Além de ser um jogador que marcava, armava o jogo, passei a fazer muito mais gols. O Telê era um cara que valorizava muito o jogo em conjunto. Tinha os destaques individuais, mas ele instigava os jogadores no coletivo, o jogo acabava ficando esteticamente bonito e envolvia o adversário, com muita movimentação.

## Virando gente grande

### Leonardo Nascimento de Araújo

Eu jogava no Flamengo e adorava. Cresci com aquela geração supervencedora do Flamengo dos anos 80, do Zico, Junior, Adílio, Leandro. Em 1987, me profissionalizei e não queria sair do time, ainda mais para ir a São Paulo, onde não conhecia ninguém. Mas foi uma grande surpresa, foi o momento em que virei, talvez, um pouco mais adulto. Quando você sai do seu berço – porque até então eu estava no Flamengo, no meu berço, minha casa, era o menininho que nasceu ali –, e depois começa uma contratação, numa cidade nova, sozinho, era a minha vida começando carreira solo, foi um salto que me permitiu depois viver tudo, ir para vários países.

**A partir do momento que você sai de casa, as barreiras não existem mais.** Fiquei um ano no São Paulo Futebol Clube, que foi ótimo como trabalho, como rendimento, jogando e conheci coisas novas numa cidade diferente.

Conheci o Raí no dia em que cheguei a São Paulo. Foi uma situação engraçada. Porque eu cheguei junto com o Alcindo Sartori, um outro jogador do Flamengo que também estava se transferindo. Foi uma troca, dois jogadores do São Paulo foram para o Flamengo e nós dois viemos para o São Paulo. E o Alcindo com o jeitão dele, todo aberto... Era a nossa

primeira visita para conhecer o Clube, os lugares. Fomos à fisioterapia e encontramos o Raí lá, pois ele estava machucado nessa época. E o Alcindo entrou falando, gritando, fazendo pergunta de contrato. Eu mais tímido, mais tranquilo, pensei: “Ai, meu Deus, o Alcindo chegando assim e eu aqui devagarinho.” Lembro da cara do Raí... Era como se ele pensasse: “Nossa! Que chegada é essa.” Foi muito engraçada aquela situação, e o Raí acabou como um grande amigo. Acho que minhas referências de grande amizade são o Careca, o Marcos Vinícius e o Raí. Independentemente do futebol, temos uma grande relação, somos parceiros e sócios.

## Leo toca a bola pra Raí...

### Uma copa decisiva para o Brasil

A copa de 1994 aconteceu num momento de mudanças políticas e econômicas, como o lançamento do Plano de Estabilização Econômica, que criou uma nova moeda, o Real, e um antecedente histórico, que foi o *impeachment* do presidente Fernando Collor em setembro de 1992, o que reforçou o resgate da democracia. Era um momento em que a população trazia o espírito nacional à flor da pele, ainda mais porque era muito recente a morte do piloto de fórmula 1 Ayrton Senna. Nessa conjuntura, alguns tetracampeões, e outros atletas, perceberam o poder que tinham em mãos e começaram a desenvolver projetos sociais. Jorginho e Bebeto inauguraram o Instituto Bola pra Frente; Cafu deu início à Fundação Cafu; Dunga fundou o Instituto Dunga de Desenvolvimento do Cidadão; a família de Senna criou o Instituto Ayrton Senna; Ana Moser fundou o Instituto Esporte Educação; entre outros.

### Raí Souza Vieira de Oliveira

Lembro que, na época em que o Leonardo estava renovando contrato com o clube, queria incluir no contrato alguma ação social. Ele pensou em algo com uma favela que ficava atrás do Centro de Treinamento do São Paulo. Mas isso acabou

não acontecendo, porque ele foi vendido para o Valência, na Espanha. Aquele desejo dele me tocou também, e acho que foi o embrião da Gol de Letra. Já tinha minhas ideias, estava construindo a minha postura política e tudo.

### Seleção campeã por um Brasil campeão

Ganhar a Copa de 94 foi uma conquista muito sofrida, mas por isso mesmo também saborosa. A pressão era enorme, porque o Brasil passou 24 anos sem ganhar Copa do Mundo. Então, o grupo tinha de aguentar a pressão do país todo, além de enfrentar os adversários e a imprensa. Daquele grupo ficou uma amizade, muita cumplicidade. Ainda tenho muitos contatos. Foi bonito de ver uma vitória de grupo. Nós conversávamos muito, eu trocava muitas ideias com o Ricardo Gomes e, em uma dessas conversas, a gente sentiu que o país inteiro estava seguindo essa seleção. Parecia até que, se a gente ganhasse a Copa do Mundo, resolveria todos os problemas do Brasil. Na verdade, sabíamos que ia continuar com problemas socioeconômicos, injustiças e tudo o mais. De qualquer forma, eu acho que isso fez despertar nesses jogadores o seguinte: não é ganhar o campeonato que vai mudar o país, mas talvez algo a ser feito com esse poder de mobilização.

## Pinga-pinga até a França

### Beatriz Pantaleão

O Raí foi morar na França. O Leo e eu ainda ficamos mais um tempo aqui em São Paulo. Mas eles já jogavam juntos na seleção, eram muito amigos. Um pouco depois, fomos pra Espanha; em seguida, Japão, onde ficamos dois anos. O Leo tinha 24 anos. Falavam: “Você está se escondendo no Japão? Você saiu da vitrine do futebol.” E aí nossa ida para a França foi interessante. Foi uma mudança radical, saímos de uma cidade desse “tamaniquinho”, que era Kashima, e fomos para a “cidade luz”! Um momento muito gostoso. O Raí era muito paizão

nosso lá. Engraçado, porque o japonês tem essas coisas padronizadas, mas eles te carregam no colo. Já em Paris era um clube maior, outra realidade, não tinha paparicos. O Raí que paparicou a gente. O Raí e o Leo sempre se identificaram muito. São duas pessoas muito sonhadoras, muito idealistas também. É um link que mantém os dois juntos até hoje. Tinham essa coisa de tentar usar a força do futebol, canalizar essa força para um fim social. Eles não eram do ramo, não eram nem pedagogos, nem professores. Eram atletas. Mas existia esse desejo deles.

## Uma escola para todos

### Cristina Bellíssimo (Tina)

Fomos pra França em 1993. Vi pelas minhas filhas... Lá você adquire cultura na escola, é natural, ela passa a fazer parte de você e te forma cidadão. Eu acho que isso é importante: você não deve estudar só pra arrumar um bom emprego, mas para ter uma base, uma estrutura.

Lá na França, a minha filha e a filha da minha empregada estudavam na mesma escola. Começamos a pensar: “Que bom se fosse sempre assim.” Mas a verdade é que aqui é muito desigual. Muitos não têm o básico, não têm meios de lutar.

# Um coração brasileiro

## Leonardo Nascimento de Araújo

É bacana ter um percurso fora, porque a gente acaba valorizando mais o nosso país. É como se você não conseguisse apagar aquele disco rígido que criamos, e que cada vez se fortalece mais. Eu acho que nós, brasileiros, principalmente aqueles numa situação melhor, vivem muitas vezes a culpa por uma maioria que vive numa situação complicada. Isso muitas vezes é muito forte dentro da gente. Viver com essa desigualdade social é algo muito pesado.

**A minha amizade com o Raí e o fato de dividirmos um mesmo ideal desde que nos conhecemos já fez nascer essa ideia de um dia conseguir realizar algo que contribuisse para uma evolução social.** Por isso não acho que eu e o Raí tivemos uma ideia brilhante. Eu acho que todos nós, ou grande parte da população, divide esse pensamento. O que o futebol nos deu foi a oportunidade de construir isso.

Então nós tínhamos um pouco essa ideia de que poderíamos realizar alguma coisa que impactasse, principalmente na educação, que acho que é a única forma de conseguirmos fazer realmente com que um país saia de um peso social. O fato de você conhecer e saber das coisas faz com que cresça a autoestima e isso transforma a pessoa.

## Chegou a hora!

Dividi muito com o Raí essas ideias, mas foi ele quem realmente deu o grande empurrão para que a Gol de Letra acontecesse. Nós nos conhecemos no Brasil, depois eu saí do Brasil em 1991 e ele em 1993, mas jogamos dez anos na seleção e tivemos muitas oportunidades de conversar sobre isso, foi muito pensado, só que teve um momento crucial, que foi quando ele voltou para o Brasil, em 1998, e se viu na possibilidade de realizar essa ideia.



Eu ainda estava no exterior como estou até hoje. Então, ele, numa ligação às três horas da manhã, disse: “Lembra tudo que a gente conversou nesses anos todos? Eu acho que tá na hora de a gente fazer alguma coisa. Vou te mandar um rascunho de uma ideia de organização que a gente tem...” Eu falei: “Calma, calma...” Me lembro que, no dia seguinte, nós conversamos outra vez e falei: “Vamos embora, vamos começar...” Acho que é dele o grande mérito de botar a nossa ideia para funcionar.

*“Se dependesse só do Leo, a Gol de Letra não iria existir. E se dependesse só do Raí, também não. Um completou muito o outro.”*

Beatriz Pantaleão

# Do bate-papo ao papo sério

## Raí Souza Vieira de Oliveira

Eu sempre gostei muito da história da França, dos ideais da Revolução Francesa. Tudo isso sempre mexeu comigo. Em 1997, quando o Leonardo foi jogar no Paris Saint-Germain, começamos nossas primeiras conversas sobre a Fundação Gol de Letra, regadas a um bom vinho francês. Geralmente era na casa do Leo; a gente ia lá pro terraço e ficava batendo muito papo, tinha várias ideias e sonhos de futuro.

E, em uma vinda ao Brasil, eu fiz uma propaganda para a Fundação Abrinq, de uma campanha chamada “Adote um Sorriso”. Lá, conheci a Ana Maria, superintendente da Abrinq, que se colocou à nossa disposição. Vi um caminho concreto e comecei a amadurecer as ideias.

Voltei para a França e continuamos as conversas. Falei: “Leo, vamos fazer juntos essa ação, ganharemos mais força!” Ele gostou da ideia, mas foi jogar no Milan ainda em 1997, e eu comecei a

preparar a minha volta para o Brasil. Como já tinha pego o aval do Leonardo, aproveitei para procurar a Ana Maria. E aí começou o processo.

Eu não tinha claro o que queria fazer, mas a gente foi afinando as ideias: em primeiro lugar, era usar a imagem de dois atletas com popularidade para mostrar pro país o que era possível fazer. A segunda ideia era pegar uma região desfavorecida de São Paulo e desenvolver um projeto educativo. Na França, a gente viu que diferença faz uma educação pública de qualidade.

A gente foi se aprofundando na questão educacional. **E fomos vendo que não ia ser uma ação exclusivamente com o esporte, mas sim utilizar o poder do esporte pra chamar a atenção, pra lutar pela causa maior que era a educação.**

## Bate bola ao telefone

Nas primeiras conversas com a Fundação Abrinq, eu já me entusiasmei e comecei a ligar pro Leo na Itália. Eu acho que a gente poderia até colocar a conta telefônica como investimento inicial! Ele participava ativamente, é uma pessoa muito intensa; mesmo com certa insegurança por estar longe, ele vibrava muito e tinha confiança em mim. Foram muitas conversas e, é claro, nas decisões principais era: “Nós estamos indo assim, o que você acha?” A Abrinq é uma instituição muito séria. Diferenciada no aspecto de planejamento. Quanto mais eu conhecia, mais ficava bem impressionado. E isso me deu confiança pra desenvolver o projeto.

## Nos braços da Abrinq

**Cristina Bellissimo (Tina)**

O Raí começou com a ideia: “Ah, vamos pegar pelo menos dez crianças pra tentar pensar no futuro delas, dar oportunidades, dar um bom ensino do pré até a faculdade.” **Eu lembro que o Raí falava que depois teríamos um embasamento para poder provar que isso faz diferença. Era uma coisa bem de coração.** E o amadurecimento dessa ideia foi quando a gente caiu nos braços da Ana Maria, da Fundação Abrinq.

### Telefonema decisivo

Depois que as coisas ficaram mais definidas, então eu passei uma hora e pouco com o Leo no telefone, eu aqui em São Paulo e ele em Milão. Ele queria saber detalhe de tudo! O Leo era assim: vontade ele sempre teve, mas ele tinha o pé no chão, e o Raí sempre foi mais sonhador. Eu sei que eu o convenci nesse telefonema longo, e saí festejando.



*“Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade...”*

*este trecho da música “Prelúdio”, de Raul Seixas, estampou uma grande faixa no dia da inauguração da Fundação Gol de Letra na Vila Albertina.*

## O sonho possível

Comecei na Fundação Abrinq em janeiro de 1990. Fui a primeira funcionária. Meu capital era o conhecimento sobre a área da infância, de mulher e de políticas públicas, e o da Abrinq era uma enorme vontade de fazer acontecer. A Abrinq foi referência, pois não era benemerente, caritativa, mas sim articuladora, interessada nas políticas públicas e na promoção da temática da infância na positividade. Muitos projetos nasceram de pessoas que vinham para a fundação, e um deles foi o “Adote um Sorriso”, iniciativa do dentista Fábio Bibancos. Quando a gente estava filmando um documentário sobre esse projeto, eu conheci o Raí, que gravou um testemunho sobre o assunto. A gente começou a conversar e ele me disse, timidamente, da experiência na França, de perceber as diferenças do sistema educacional francês e do brasileiro e de como ficava encantado de ver as crianças indo ao museu, aprendendo as coisas.

Aí, quando é fevereiro do ano seguinte, 1998, eu estava em reunião e veio a secretária, rindo, achando que era trote: “É o Raí, de Paris, querendo falar com você.” Como a Tina vinha ao Brasil com frequência, na primeira vinda dela, eu a recebi na Abrinq para poder estruturar esse trabalho.

**Vi que eles tinham uma imensa vontade, mas não tinham ideia de como fazer. A equipe da Abrinq percebia que precisava conduzi-los num contato com a realidade para que pudessem amadurecer o seu sonho.**

Como a ideia inicial deles era começar pelos pequenininhos, veio a possibilidade de ser uma creche.

Só que a Fundação Abrinq não tinha equipe para aquilo. Daí contratamos a Sônia London e o Luís Vieira da Rocha. Na realidade, eu, o Luís e a Sônia participamos da criação da Secretaria do Menor, que articulava as demais secretarias com intuito de cuidar da criança de forma integral. Ambos passaram pelas creches da Secretaria do Menor, onde a gente concretizou a visão de creche como um espaço de educação. Então disponibilizamos uma equipe com conhecimento profundo sobre infância e educação. A Sônia sistematizando todo o processo, e o espaço da Fundação Abrinq, sob a minha coordenação, contendo esse processo. A gente planejou o início desse desafio de transformar o sonho em realidade. E a Tina foi andando, a gente orientando e assessorando. Ela levava as informações para o Raí, falava com o Leonardo e a Beatriz. Participei até essa parte de pré-projeto, definição do nome, da logomarca. E, em paralelo, a gente também foi trabalhando a estrutura jurídica. Chamamos o Rubens Naves, advogado, que era Conselheiro na Fundação Abrinq, para ajudar na constituição legal.

*“A Abrinq foi um catalisador que nos colocou em contato com diversas instituições e que foi nos dando segurança.”*

*Raí Souza Vieira de Oliveira*

**Ana Maria Wilhelm, socióloga.**

*Consultora de investimento social privado pela Abrinq entre 1998 e 1999*



### Direito da criança não é brincadeira

Em 1989, a Associação Brasileira de Fabricantes de Brinquedos, então presidida por Oded Grajew (fundador da empresa Grow Jogos e Brinquedos), cria uma Diretoria de Defesa dos Direitos da Criança que, com outras organizações, luta pela aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente. O ECA é promulgado em dezembro de 1990, e a Fundação Abrinq, agora com estatuto próprio, passa a trabalhar pela garantia dos direitos da criança e do adolescente.

# Fundação, associação ou cooperativa?

*“Quando você pega um parceiro que tem um sonho bacana, precisa fazer esse sonho virar realidade!”*

Ana Maria Wilhelm

## Beatriz Pantaleão

Na constituição da Gol de Letra, eu lembro que surgiu uma dúvida se seria uma fundação, associação ou cooperativa, porque cada uma tem um estatuto, uma regra diferente. Fundação, na verdade, é porque a gente poderia financiar outros projetos. Achávamos que iríamos captar recursos para manter a Gol de Letra e outros projetos também. E eu lembro que não poderia ser duas pessoas. Pra ser uma fundação tinha que ser no mínimo três. Foi aí que eu acho que eu e a Tina entramos no circuito, entramos como duas famílias. Mas realmente, assim, a semente, o embrião, foram os dois. E aconteceu de a gente entrar. Foi bom.

## Toque, passe ou gol?

O negócio do nome, eu lembro que, na época, ficamos muito assim: “Gol de Letra ou Toque de Letra?” Lembro de uma vez conversando com a Tina dessa dúvida, e a gente falou assim: “Não, mas o gol é o objetivo alcançado, e o toque não...” de repente dá um toque, mas não é gol, a bola vai pra fora.” Tiveram essas trocas de ideia.

# Jogo de palavras

## Raí Souza Vieira de Oliveira

Letra é um gesto de futebol. É uma jogada em que você deixa a bola passar entre as pernas e pega de calcanhar atrás. Não sei por que, mas parece que faz alguma letrinha ali. É uma coisa conhecida no futebol. Tem toque de letra, passe de letra... Gol de letra é quando você faz o gesto e a bola entra. A gente estava jogando ideias e daí eu comentei com o Leo desse nome. E ele falou: “Mas não é um gol ainda, né? É um passe...” Eu acho que o Leo foi politicamente correto. Mas aí ele acabou

concordando. *As pessoas gostaram, porque “gol de letra” é um jogo de palavras que fala do esporte pela educação como ideia geral, e é um nome que pega muito fácil.* Letra era pra fazer um jogo de palavra com educação e gol representando o esporte. O nome pegou, mas só quem está mais próximo, quem conhece o trabalho é que acaba entendendo mais rapidamente que não é uma ação exclusiva de esportes.

## Quem deu cara à ideia

Conheci o Pitti numa campanha que eu estava fazendo pra Kopenhagen, contei o projeto pra ele e perguntei se ele poderia dar uma ajuda. De pronto, ele se colocou à disposição e fez um excelente trabalho. Criou o logo, todo o material de comunicação pro lançamento. Tudo de primeira qualidade. Teve também outro parceiro, que é a MV Vídeos. Então foram os dois parceiros históricos. O Pitti deu cara à ideia. Acho que o reconhecimento e a boa repercussão que teve se devem não só à força de comunicação que a gente tinha, mas de como ela foi feita.

# Fábrica de chocolates e de ideias

Quando montei minha empresa, surgiu a ideia de fazer uma campanha dos chocolates da Kopenhagen com o Raí. Como o São Paulo tinha acabado de ganhar o Campeonato Mundial, ele estava a toda. Conversando na sessão de fotos, ele me contou que estava com a ideia da Fundação, que precisava de alguém que desse algum suporte nesse começo. Eu me engajei no processo e a gente criou desde o logotipo até toda a identidade visual da Fundação Gol de Letra.

Quando o Raí me contou do nome, eu falei: “Acho ótimo, porque você associa, de certa

forma, a sua profissão e a do Leonardo com o gol, não no sentido literal, mas no sentido de acertar alguma coisa”. E letra é educação. *A gente precisava deixar muito claro que a Fundação Gol de Letra não é uma escolinha de futebol.* A gente precisava passar no logotipo essa ideia da escolaridade, da formação e do futuro. O logotipo tem um livro como base, tem uma criança crescendo, fazendo menção de subir, e tem o sol, que é o futuro. As cores são as da bandeira do Brasil, cores alegres. Foi o que a gente tentou espelhar nesse logotipo, que tem uma base, que é a educação, e tem o crescimento para o futuro.

*José Roberto de Souza (Pitti), publicitário. Voluntário na criação de projetos gráficos entre 1998 e 2005*



*“Quando parimos, guardamos um grande carinho pelo obstetra. E eu vejo que, por conta da Gol, o Raí mantém comigo esse carinho, essa gratidão.”*

Ana Maria Wilhelm

## Pitti Brant

A empresa de José Roberto de Souza, o Pitti, auxiliou voluntariamente a Gol de Letra. Além da criação do logotipo, a Pitti Brant (hoje Pitti'LM) cuidou de alguns boletins e relatórios anuais. Também produziu, junto a alguns jovens da Fundação, o livro *Um Olhar sobre a Vila*, sobre a comunidade da Vila Albertina.

## MV Vídeos

A MV Vídeos tem contribuído para a Gol de Letra desde o início: produz os vídeos institucionais, realiza a cobertura de todos os Torneios Gol de Letra de São Paulo. Colaborou no projeto “A Cara da Vila”, dando suporte técnico e formação aos jovens, o que resultou em vídeo de mesmo nome produzido pelos jovens do antigo FAC – Formação de Agentes Comunitários.

Rua  
Antônio Simplicio  
170



# História Real

Dar educação. Essa é a ideia. Mas para quem? Como? Onde? Essa é a fase das perguntas elementares e da busca pelas suas respostas. É assim que o sonho de dar oportunidade a crianças começa a sair do plano das ideias em direção ao papel. É hora de planejar, é hora de definir o que se quer, de incorporar os objetivos, de encontrar formas de viabilizá-los. É hora de juntar mais gente disposta a ajudar, a orientar. De conhecer quem pensa (e faz) parecido. E, fundamental, de encontrar quem precisa ser ajudado.

Nesse capítulo, o sonho começa a se tornar uma história real. Surgem os primeiros parceiros, o projeto pedagógico, a missão da Fundação Gol de Letra, as formações e contratações iniciais. Mas a história não poderia se tornar real sem um elemento muito importante: o local onde ela de fato começou. Não à toa, esse capítulo traz muitas histórias do prédio da antiga escola na Vila Albertina (São Paulo/SP), do seu entorno e de quem viu o bairro se transformando ao longo de décadas. Todo o processo de implantação descrito ao longo do capítulo desemboca em saborosas narrativas de pessoas que abriram as portas da comunidade, ou mesmo que só ficaram espiando a Gol de Letra lá chegar.

## Mais mãos para colocar a ideia em pé

### **Cenpec, educação como prioridade**

O Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) é uma organização da sociedade civil, criada em 1987, que atua na melhoria do ensino público em escolas públicas e em espaços educativos criados pelo Estado e pela sociedade civil. A Fundação Gol de Letra contou com o apoio e a orientação do Cenpec na elaboração de sua proposta pedagógica e na pesquisa sobre a comunidade.

### **Raí Souza Vieira de Oliveira**

A primeira contratação foi a Sônia London, que já tinha experiência pedagógica. Ela tinha uma visão do que poderia ser o trabalho e estava muito alinhada com o que acreditávamos. Outro parceiro importante foi o Cenpec. Nos ajudaram a construir um conteúdo sólido para ação. Teve outras pessoas... o Marcelo Jabu, educador e consultor. Ele conseguiu encaixar uma visão do esporte que ia bem com o que estava sendo construído.

Na questão jurídica, alguns profissionais da Rubens Naves particularmente se envolveram mais – o Guilherme foi uma pessoa importante em vários momentos da instituição. Quem mais? Difícil... É tanta gente no caminho.

## Responsabilidade por aquilo que conquistamos

**Sônia London,**  
professora. Consultora e elaboradora do projeto pedagógico entre 1998 e 2001

A Ana conhecia o meu trabalho com educação infantil. A primeira ideia deles era montar uma creche. Aí a gente foi junto construindo o projeto até implantar também com os mais velhos. Eu ficava muito satisfeita, mas, ao mesmo tempo, como eu era a pessoa que mais entendia de terceiro setor e de educação, **me sentia muito responsável pelo desenho, se ia agradar, se era isso mesmo que queriam. Mas tive total autonomia.** E eu tentei trazê-los também, fazer uma formação deles mesmo. Isso com o apoio da Fundação Abrinq – que tinha uma relação muito forte com outras organizações que trabalhavam com educação infantil, com educação de jovens. Eu fui com eles, principalmente com a Cristina, conhecer esses projetos.

## Ver para crer – e depois fazer

### **Cristina Bellíssimo (Tina)**

Essa foi a formação que a Sônia nos deu: nos profissionalizou e nos mostrou o que podia ser feito. Ela saiu comigo pra campo pra eu conhecer o que estava sendo feito no Brasil. Às vezes penso na Sônia e imagino o quanto ela se chocou com os meus comentários. **A visão que ela me deu**

e também trouxe pro grupo era não fazer economia em qualidade se a gente quisesse não só ter sucesso com as crianças, mas nos mantermos. Com ela, conheci vários estabelecimentos, creches, muita coisa. Depois a gente não conseguiu ter a creche na Fundação, mas a ideia inicial era creche, criança e adolescente.

## Fonte de inspiração

### **Beatriz Pantaleão**

Na verdade, o Raí ficou um ano escolhendo qual seria o formato da Gol de Letra, e teve um projeto que fomos visitar, que foi um dos que mais chamou a atenção deles. Era de uma alemã que veio para o Brasil, se encantou e foi morar na comunidade Monte Azul. Ela começou a fazer rodas de leituras na casa dela. Reunia as crianças depois da escola. Depois ensinou a fazer pão, e começou assim. Aí invadiram um terreno e começaram a montar uma

sede lá. Existiam várias atividades complementares: capoeira, teatro, marcenaria. Ela meio que organizou aquela comunidade. E ela falava como tinham caído os índices de violência da região. **Isso me tocou muito: ver uma pessoa estrangeira fazendo aquilo pelo meu país.** “Caramba, a mulher é uma alemã, se enfia numa comunidade e olha só o que ela conseguiu mobilizar.” Esse projeto foi nosso grande espelho.

### **Monte Azul, uma casa que virou associação**

A Associação Comunitária Monte Azul é fruto da iniciativa de Ute Craemer, pedagoga que, em 1976, começou a atender crianças da favela Monte Azul, na capital de São Paulo, em sua própria casa, nas imediações da comunidade. Em 1979, foi fundada oficialmente a associação, que desenvolve atividades educacionais nos princípios da pedagogia Waldorf, bem como atividades profissionalizantes, culturais, de saúde e sociais. A entidade atende cerca de mil jovens, atingindo direta e indiretamente 12 mil pessoas.



## Teorias antes da prática

### Sônia London

Muitos dos programas de educação complementar que a gente visitou, da prefeitura e de algumas ONGs, repetiam o esquema da escola. Tivemos várias discussões. “Vai fazer lição lá? Não vai fazer lição?”

**A gente não queria usar o tempo lá dentro pra eles fazerem lição de casa. A ideia era que as crianças experimentassem e construíssem coisas novas**, que criassem um grupo. Tinha essa vontade, essa concepção de construção de

conhecimento a partir da experiência do seu cotidiano. Então, tinha alguns referenciais teóricos: Paulo Freire, Piaget, Emilia Ferreiro – que foi uma discípula de Piaget –, Vygotsky – sociointerativo, que fala de experimentar mesmo, de ver a influência da realidade na construção da pessoa e do grupo. E eu tinha isso como valor, como um arcabouço de questões com que eu me identificava. Foi bacana construir isso com eles.

## Primeiras vozes ativas

Eu sempre fui um irmão muito próximo do Raí, em muitas coisas. E eu cuidava de coisas pra ele, cuidava dos contratos dele... **Eu sempre era o cara com experiência administrativa. Nunca pensei em entrar de fato na Fundação, como mais pra frente aconteceu**, mas eu participava do Conselho Curador. Fazíamos reuniões mensais, participavam o Raí, a Tina, a Sônia London, a Rose (que era uma pessoa de confiança do Raí) e eu, que dava os conselhos administrativos, de captação. O grupo gestor, que se reunia e tomava as decisões, no começo era praticamente a gente, depois fomos incorporando novas pessoas. O Leo estava fora, ele veio e ficou um tempo aqui durante parte dessa formação.

### Aqui se dá oportunidade

No começo a gente recebia muita doação. Lembro de situações que me contaram. Chegava um caminhão de coisas. Vira e mexe saía gente pra comunidade, pegava a doação e levava. Com o tempo, a gente foi negando, a gente começou a não receber doação. Inclusive, a gente acabou incorporando no nosso discurso e em toda reunião de pais falávamos: “A gente recebe doação, mas a gente vai passar pra outras organizações, porque nós queremos ser uma referência pra vocês de oportunidade de emprego, de trabalho, de educação e tal.”

*“Essa era a nossa vontade, de ser diferente, mostrar a diferença entre ser assistencialista ou ser educativa. E com uma educação de qualidade.”*

Sônia London

**Sóstenes Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira**, engenheiro de produção. Membro do Conselho Curador desde 1998, é hoje o diretor-geral



## A nossa bandeira

### Leonardo Nascimento de Araújo

A nossa grande bandeira é educação. Acreditamos que ela seja a forma de resgatar a autoestima. É um resgate histórico, é dar possibilidade à criança de entrar no mercado, de entrar na vida, de se conhecer e conhecer seu talento. A partir do momento que você se conhece e sabe que pode realizar, você realiza. Então nós começamos a realizar o trabalho muito ligado às atividades extracurriculares, porque a formação de matemática, geografia, e outras disciplinas, enfim, já são a base de todo o processo de conhecimento, de estudo. Mas tocar fundo nas emoções através de

atividades, esse sim era nosso grande desafio, e só através dessas atividades que acho que as crianças em situação de risco social poderiam despertar. Então, primeiro você toca na emoção e, depois, chega na parte intelectual. Não é uma coisa que nós descobrimos, mas infelizmente há um sistema que exclui muito as pessoas. A ideia era desenvolver um método de aprendizado através dessas atividades. O esporte era a nossa grande referência, mas chegamos rápido às outras atividades, tão importantes e tão fortes quanto o esporte no processo educativo.

## Quem somos e o que queremos

### Sônia London

Oferecer uma educação com qualidade, mostrar a diferença entre ser assistencialista e ser educativo. Esses eram alguns princípios. Lembro que eu organizei uma oficina na Fundação Abrinq, e a gente foi definindo qual era o sentido da Fundação, pra que ela vinha; e aí desenhamos a missão. Isso foi uma coisa construída no grupo dos instituidores, porque ainda nem tinha as outras pessoas.

O Raí falou que eu cheguei com dois desenhos e mostrei para eles. Num as crianças só pintaram dentro do desenho; e tinha um outro que era

muito mais criativo. E falei: “Bom, vocês querem como resultado esse desenho ou esse?” E eu mesma respondi: “É esse daqui!”, não esperei ninguém responder. **La mostrando pra eles por onde eu caminhava, no que eu acreditava, e eles foram aderindo, entendendo. Pra mim deu muita satisfação fazer a formação deles, implantar aquilo, ver acontecer.** Mas também foi sofrido; você espera uma reação e vem outra, diz “não, não é por aí, é aqui”. Enfim, coisas de construção de grupo. Isso acho que foi difícil.

## Um Brasil melhor

### Leonardo Nascimento de Araújo

A gente não tinha muita noção ainda, mas tinha uma vontade muito grande de construir algo que pudesse realmente contribuir para a evolução social dentro do nosso país. Era um entendimento meio inconsciente. Hoje, depois de dez anos, estou muito consciente de que várias pessoas pensaram nisso, e esse movimento do terceiro setor,

essas iniciativas das pessoas em obras sociais contribuíram muito também para a evolução do Brasil, coincidiram com o avanço da nossa economia, com uma situação política mais estável.

Tudo isso foi contribuindo. Quando olho para o futuro do Brasil e também para esse tipo de iniciativa, acredito que esteja ficando cada vez mais sólido.

## Todos juntos somos fortes

### Cristina Bellissimo (Tina)

A gente veio um pouquinho com as ideias caseiras. Mas havia mesas de debate na Fundação Abrinq com pessoas legais da área de Educação, de Direito. Eles tinham vários parceiros que vieram ajudar nos debates na hora de fazer a nossa missão, a nossa visão. A gente passou uns três dias assim, em vários horários diferentes, formatando o conceito pra poder escrever. Foi um prazer encontrar muita gente trabalhando a favor. O Instituto Ayrton Senna

e outros, a Kellogg, as reuniões, tudo que se falava do Terceiro Setor no momento. A gente falava assim: “Como a gente vai conseguir manter essas crianças?” **Lembro que o Leonardo falava: “Pô, isso é um compromisso muito grande, a gente dar esperança para essas crianças.”** E isso ficava na minha cabeça, porque eu estava lidando ali direto com as instituições e com o público. Mas eu via muita gente a fim de ajudar, isso me motivou e quebrou o medo na época.

*“A gente fala que a Abrinq é a madrinha e a Kellogg’s, o padrinho.”*

Beatriz Pantaleão

### Parceiras na largada

#### • Fundação Kellogg

Criada em 1930, no Estado de Michigan, nos EUA. A partir dos anos 40, a Fundação Kellogg expandiu suas atividades aos países da América Latina e do Caribe. O contato com a Fundação Gol de Letra coincidiu com um período de mudanças estratégicas da Fundação Kellogg, que passou a focar em ações que colocam a criança e o jovem como atores da transformação social e agentes multiplicadores.

#### • Instituto Ayrton Senna

Meses depois da morte de Ayrton Senna, é fundado, em 1994, o Instituto Ayrton Senna, que oferece oportunidades de desenvolvimento humano a crianças e adolescentes em todo o Brasil. Sua ação inspirou diversos outros atletas. No caso da Gol de Letra, o Instituto Ayrton Senna não apenas serviu de inspiração, como apoiou e orientou a formulação do Programa Virando o Jogo, que atende crianças de 7 a 14 anos.



### Primeira missão

A Fundação Gol de Letra se constituiu norteada pela missão de “Investir na formação de gerações de crianças e adolescentes capazes de transformar suas realidades, garantindo-lhes o direito à educação, à cultura e à assistência social”. Em 2003, a missão tornou-se “Contribuir para a formação educacional e cultural de crianças e jovens, para que possam atuar com autonomia na transformação de suas realidades”.

# A convicção trouxe agilidade

## Raí Souza Vieira de Oliveira

Na época que estava começando, eu cheguei a falar com a Viviane Senna, do Instituto Ayrton Senna. Lembro que ela disse: “Levei alguns anos pra ver que realmente tinha que investir toda energia na questão da educação, numa transformação mais estrutural.” Isso foi encorajador. Ela, e o instituto, no início e um pouco mais à frente, também nos ajudaram. **Acho que a Fundação Abrinq e outros parceiros que estavam se juntando viam o lançamento da Gol de Letra como algo importante para o Terceiro Setor**, para o país de uma maneira geral, pela exemplaridade. Até por ser uma iniciativa de pessoas públicas, ia ter uma visibilidade grande. Cheguei em maio de 1998, e a gente lançou o projeto como ideia em dezembro. As atividades começaram em 99. A coisa fluiu. A Abrinq viu que a gente estava realmente convicto do que queria fazer.

## Um bom pé de meia

O Leo e eu topamos colocar 500 mil euros cada um pra formar um fundo e iniciar o projeto. Depois vieram várias doações tanto de um quanto de outro. Teve a cessão de espaço do Leo em Niterói. Eu aproveitei uma publicidade e direcionei um dinheiro pra Gol de Letra. Depois fomos buscar parcerias pra não gastar tudo nos primeiros anos e até pra que o projeto durasse. Quando a gente começou, existiam muitas instituições empresariais, que não tinham seus próprios projetos, eram financiadoras. E o fato de termos sido assessorados pela Abrinq nos colocou em contato com essas instituições. Depois, pouco a pouco foi indo pras empresas que começaram a se interessar em financiar o projeto diretamente, na época sem incentivos fiscais. E, hoje em dia, num terceiro momento, eu diria que de 70% a 80% ainda é por iniciativa privada, mas hoje alguns procuram utilizar os incentivos fiscais, como da Lei Rouanet, a Lei do Esporte, o Fundo da Criança e do Adolescente...

## Terceiro Setor no Brasil

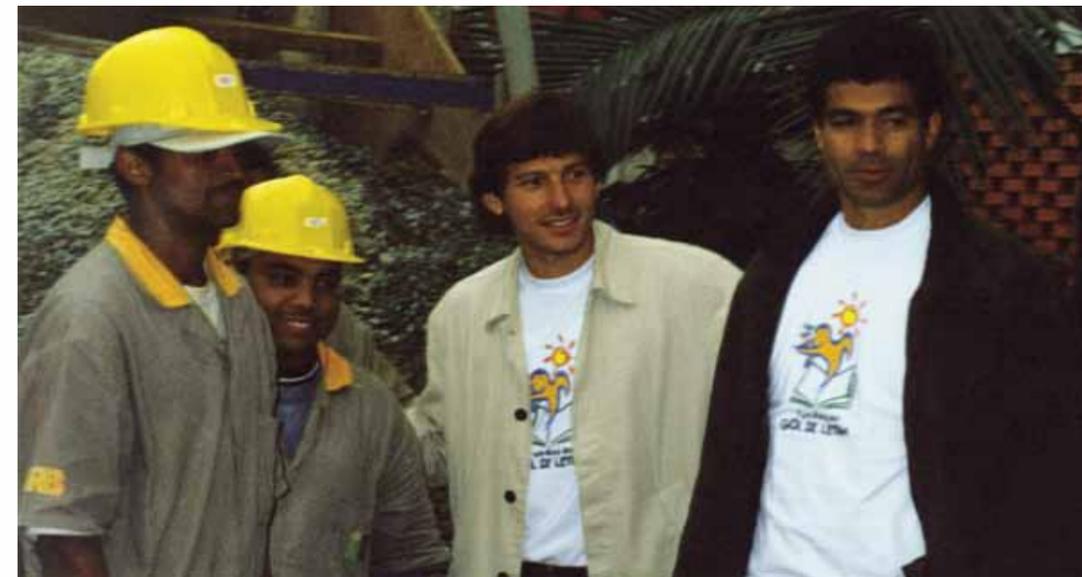
No Brasil, o Terceiro Setor surge no bojo da Ditadura Militar. Enquanto o regime bloqueava a participação dos cidadãos, setores da sociedade se organizaram. Com a redemocratização, as organizações civis assumem um relacionamento mais complexo com o Estado e com o mercado. Um novo setor vai se consolidando. O próprio mercado começa a reconhecer essa nova vertente. Surge o investimento social privado – que é o uso voluntário, planejado e monitorado de recursos privados para projetos sociais, ambientais e culturais de interesse público. Entre a década de 90 e o início do século 21, surgem o Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (Gife), o Instituto Ethos, a Lei do Voluntariado, o Fórum Social Mundial, entre outras iniciativas que consolidam o Terceiro Setor, formando redes de pessoas e instituições com interesses e ações similares.

## Causo com a Kellogg – ganhar sem pedir

Éramos muito crus na área de captação. Aprendemos na prática mesmo. Lembro que Sônia trouxe a Célia Cruz, especialista em captação para o Terceiro Setor, pra contar a experiência dela. Serviu como inspiração e guia. Teve algo engraçado... Numa das primeiras palestras do Terceiro Setor de que participei, a Sônia falou: “O Marcos Kisol, diretor-geral da Fundação Kellogg, quer te receber pra você apresentar o projeto.” Eu falei: “Legal.”

Fui lá encontrá-lo. Falei qual era a ideia do Virando o Jogo, programa de 7 a 14 anos, que já

estava previsto pra começar e a gente precisava de um parceiro. **Mas eu nem imaginava que a visita era pra solicitar patrocínio. No final ele ficou esperando e falou: “E aí, mas o que você quer?”** Falei: “Não sei, eu vim aqui saber o que você acha do projeto se acha que está no caminho certo.” Na verdade, quase que foi ele quem me convenceu de que eles tinham que ser patrocinadores. E, assim, nosso primeiro parceiro foi a Fundação Kellogg, que era muito respeitada, criteriosa.



## Dores e delícias da captação

A nossa desvantagem obviamente é que primeiro as pessoas acham que não precisamos de dinheiro. Outra é que muitas empresas se aproximam para, de alguma forma, ter o nome da instituição ligado à nossa imagem e não por estarem ligadas em serem parceiras do projeto em si. O lado facilitador é que a gente tem abertura em qualquer lugar, do prefeito ao padeiro da esquina. Isso facilitou em muitos casos. É claro que isso também se deve ao que a gente construiu de credibilidade, e a gente sabe também que só consegue manter isso porque o projeto também ganhou respeito e reconhecimento próprios. Mas é uma ligação muito direta, o que é uma responsabilidade.

*“Uma coisa que eu admirei no Raí, no Sóstenes, foi que eles falavam a língua do povo. Eles não chegaram lá com nenhuma etiqueta.”*

Averaldo Nunes Cordeiro

### **O fim da LBA**

Na década de 40, foi criada a Legião Brasileira de Assistência – LBA, dirigida pela então primeira-dama Darcy Vargas, para ajudar famílias de soldados enviados à Segunda Guerra Mundial. Depois se tornou um órgão público de assistência mais ampla. Em 1991, na mesma época do *impeachment* do presidente Fernando Collor, houve a extinção da LBA, administrada pela primeira-dama, envolvida em denúncias de desvios de verbas. Com isso, a filantropia ficou malvista pela sociedade. Em 1995, o Grupo de Institutos Fundações e Empresas – Gife elaborou um código de ética como seu primeiro documento, no qual destacava a necessidade de mudar a imagem que a filantropia havia passado a ter com o fim da LBA.

## Vender a ideia

### **Cristina Bellissimo (Tina)**

Eu lembro que nos primeiros contatos, uns dois ou três, a Sônia foi comigo. Depois ela me largou. E eu sabia falar bem do projeto, porque tinha participado da construção, de todos os detalhes, das reuniões pedagógicas. Era fácil vender, porque era verdadeiro. Eu acreditava naquilo. O lado difícil foi que, às vezes, eu marcava uma reunião que pra mim era séria e escutava: “Se a gente contribuir, o Raí não faz uma propaganda pra tal produto?” **Outra questão inicial: mostrar para possíveis parceiros e financiadores que era um trabalho sério. Quando você está começando a existir, essa é a parte mais difícil.** Vender uma ideia não é fácil. Então, até obter o Certificado de Utilidade Pública, são necessários três anos de atuação. Aí você fala: “Como é que eu vou sobreviver três anos?” Nesse ponto, ajudou a seriedade do Raí e do Leo, porque é difícil você fazer captação para uma ONG tendo muita coisa ruim acontecendo, tinha o escândalo da LBA, essas coisas.

### **A conquista do espaço**

Precisávamos saber onde seria essa fundação. Chegamos ao governo do Estado e falamos com a Lila Covas. Ela dispôs pra gente uma série de prédios vazios. Enfim, escolhemos. Na época, subindo a Vila Albertina, vi muita criança na rua... Acharmos um local propício e cobramos essa ajuda do governo, que cedeu pra gente o prédio. E tudo precisava de dinheiro. O prédio estava abandonado e precisava ser reformado. Acharmos uma construtora que entrou em parceria, a mão de obra foi toda dela. Aí fomos ao BNDES pedir verba pro material e conseguimos o apoio. As coisas foram acontecendo. Inacreditável pra mim, na hora da inauguração, estavam lá o prédio, a reforma, as pessoas.

*“Aquele corredor... Você já entrou na Gol? Parece que ali tem uma energia. Pra mim é um dos símbolos da Gol de Letra: é um lugar de passagem.”*

*Mônica Zagallo Camargo*

### **Medo superado**

A educação até seis anos exige muito mais atenção, mais profissionais. A gente ficou um pouco com receio de não atender os pequenos, mas depois me acalmei pensando: “Nós vamos formar uma geração que vai conseguir creches para a região.” E já teve gente da comunidade que se engajou no orçamento participativo, pediu creche e vai acontecer.

### **Rai Souza Vieira de Oliveira**

## Começar pelos maiores

### **Sônia London**

Desde o começo, tínhamos uma ideia de que tipo de clientela ia ter, que tipo de lugar. A gente procurou bastante. Acho que a Vila Albertina se encaixou bem dentro do que eles queriam. No início, era mais educação infantil. Na reforma do prédio, já tinha lá um lugar pra isso. Tínhamos feito o desenho para educação infantil e ensino complementar, para crianças de 7 a 14 anos. Com o patrocínio da Fundação Kellogg, que só apoiava programas de sete em diante, a gente resolveu começar com o programa para os maiores. **Dentro da educação complementar tinha muito a vontade de trabalhar o esporte dentro de uma perspectiva mais educativa mesmo,** também de propiciar que as crianças experimentassem várias modalidades. Contamos com a consultoria do Marcelo Jabu, um cara muito interessante, muito inovador nessa área de esporte. Depois vinham as outras áreas: dança, leitura e escrita, música e teatro. Havia a ideia de oferecer oportunidades pra comunidade também. Não tivemos tempo de fazer um diagnóstico para conhecer mais profundamente o local, mas a proposta era não sermos assistencialistas. A Célia Hara, que já tinha sido contratada desde a reforma, cuidou muito desse contato com a comunidade. Ela era assistente social, tinha uma experiência grande, trabalhou muito com famílias.

# Chegando junto da comunidade

**Célia Yoshi Hara,**  
assistente social e pedagoga.  
Coordenadora social geral e coordenadora  
da área social, entre 1999 e 2002

Logo que entrei, eu falava: “Ah, gente, preciso estar lá em campo. Tendo um canto, eu me instalo.”  
**Eu lembro da primeira mesa: eu peguei uma porta e virei. Tinha que acompanhar a construção, tinha que ter alguém lá pra falar pela Gol de Letra.** O Cenpec tinha feito o levantamento da comunidade, das lideranças locais, das organizações. Então, a gente marcou a primeira reunião com as lideranças. O Raí estava presente. Eu falei “quem somos nós?”, “o que queremos aqui?”, “nós precisamos de vocês”, “o que a gente pode fazer

juntos?”. Acho que depois dessa reunião é que o pessoal começou a ter vínculo. Também pela nossa postura, muito de estar junto, tranquilo. Não era uma organização grande, que estava lá pra ditar normas pra eles. Num primeiro momento, sempre tinha uma confusão se éramos assistencialistas ou não. E sempre ficavam “quem são vocês?”, “o que vocês querem?”, “é só isso mesmo?”. Mas começa a clarear à medida que você traz a comunidade lá para dentro pra ela poder discutir com a gente e ver que a Gol de Letra não é o fim, mas é o meio.



## Nova família

Eu cheguei na Vila Albertina em 1977, quando só tinha uma linha de ônibus. Vim de Minas, procurando uma coisa melhor. Tivemos que morar na favela, não tinha condições de procurar outras coisas. Conheci pessoas que eram bem do começo da Fundação. Eu fazia o almoço na minha casa para eles. Aí começou minha ligação com a Fundação, já sentia como se fosse minha família. Fiz trabalho voluntário e depois fui contratada. Hoje sou ajudante geral no Programa Jogo Aberto. Minha vida melhorou muito e a Vila também.

**Sinézia Lopes Sobrinho de Oliveira,**  
ajudante geral. Voluntária e auxiliar de  
serviços gerais da Fundação desde 2004

# É ruim, hein?

Ninguém sabia o que ia acontecer com a Escola Maestro Souza Lima. Quando começaram a reforma, uns falaram que estava reformando pra reabrir a escola, mas com outro nome; outros diziam que ia ter só ensino médio; tinha uma história de faculdade... Cada um fantasiava uma coisa. **Fiquei sabendo por vizinhos. “Olha, vai abrir a fundação do Raí e do Leonardo.” E eu: “Ah, vai nada. Você**

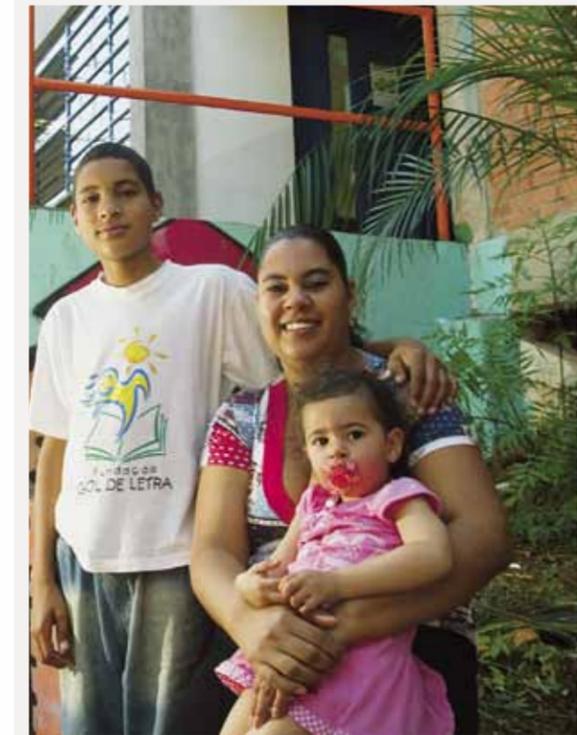
## Antes e depois da reforma

Já corri muito naquelas escadas, muito! Batia o sinal do recreio, a gente descia correndo, escorregando pelo corrimão. Na parte de cima do prédio mudou pouca coisa. Cá embaixo, onde é o auditório, ali era uma sala do Profic, que era de reforço; e do lado, a biblioteca. Eles só tiraram a parede e aumentaram. Nos banheiros, fizeram uma pequena reforma. Onde é a brinquedoteca e a biblioteca, cada uma era uma sala de aula. Lá embaixo, onde era a sala dos professores, eles dividiram, colocaram secretaria e colocaram mais não sei o quê. Lá embaixo onde era a cozinha, eles

**acha que esse povo vai olhar pra cá?** É ruim, heim? Esse fim de mundo aqui.” Daí o pessoal ficou achando que era escola de futebol. Eu falei: “Pô, só bola é chato.” E outra coisa, ali não tem campo de futebol. Depois falaram que ia ter futebol e natação. Gente que nem conhecia a estrutura... Eu falava: “Gente, ali não tem nem como ter uma piscina.”

fecharam tudo, fizeram sala. Lá atrás tem tipo uma quadra pequena, ali era o barranco, eles aterraram tudo. Ali, nós víamos os moradores subindo, e as ratazanas do tamanho de gato. Onde é agora o refeitório e a cozinha, ali a gente chamava de pátio coberto. E fizeram ali dois banheiros, onde eram os quartinhos de limpeza e de educação física. Onde é a quadra de vôlei, continua a mesma coisa. Eles só aumentaram, e colocaram aquelas pilastras pra fazer outra quadra em cima. Na época de escola, conforme o dia, e a merenda não era boa, os alunos pulavam o muro, iam pra casa comer e voltavam.

**Rosângela Batista Ganga,**  
dona de casa. Participante do Programa  
Mulheres em Ação entre 2000 e 2004



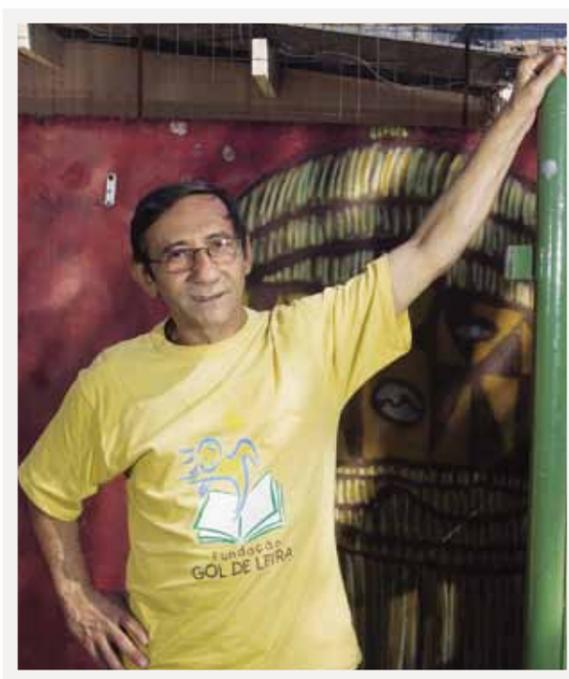
*“A Gol era um ponto de partida  
para um recomeço daquela região.”*

*José Roberto de Souza (Pitti)*

## De escola a ponto de drogas

**Sebastião de Oliveira Paes,**  
morador da Vila Albertina.  
Porteiro e voluntário desde 1998

A escola funcionou ali de 1987 até 1995. Meu cunhado estudou naquela escola. Ela funcionava bem durante o dia, mas, à noite, virava bagunça. Os caras entravam, iam usar drogas lá dentro. **Era bem pesado o clima; os professores não aguentaram, abandonaram.** O pessoal que estudava lá foi mandado pra três escolas, pro João Ramos, pro Arnaldo Barreto e pro Esmeralda. Daí acabou virando ponto de drogas. Guardavam droga, arma lá dentro. Depois levaram o pessoal da Febem ali. Colocaram 30 adolescentes. No outro dia não tinha nenhum, quase todo mundo fugiu. Ali não tem como segurar, os muros eram muito baixos, não tinha alambrado. Na porta da escola, onde é aquele orelhão, já vi muita gente morta ali por causa de drogas.



## De longe, vila malvista; de perto, cidade interiorana

**Alexandre Carvalho Ferreira,**  
assistente de marketing. Aluno da Fundação na oficina  
de vídeo, mediador de leitura, estagiário e assistente de  
coordenação da área social, entre 2000 e 2005

Quando eu tinha quatro anos, vim pra São Paulo. Cheguei num pau-de-arara na Vila Maria, com minha mãe e mais cinco filhos. Meu pai já tinha vindo antes pra trabalhar. Então, na primeira semana de janeiro de 1958, eu cheguei ao bairro do Tremembé, num lugar conhecido na época como “Esmaga-Sapo”, ou Vila Albertina. Estou lá até hoje. Não havia energia elétrica, nem água encanada. Nós tínhamos que pegar água no poço, ou buscar na mina. **Todos os morros eram repletos de minas que corriam pra baixo, onde formavam brejos. E tinha uma fartura de sapo.** Nós pisávamos em muitos. Eu pisava, saía dando pulos, acabava pisando em outro. Era um horror! Por isso que ficou aquele nome pejorativo, “Esmaga-Sapo”. Uma pobreza muito grande.



## Estigma das crianças do morro

**Célia Yoshi Hara**

Quando a escola fechou, as crianças que lá estavam desceram o morro e foram pra outras escolas da região. **As escolas da zona norte eram muito tradicionais, formaram a nata,** naquela época que escola pública funcionava.

Então, essas crianças eram estigmatizadas: eram as crianças do morro. Quando elas desceram, começaram a sofrer um pouco de discriminação. “Quem são esses?” E a pior coisa é a exclusão. Elas eram rejeitadas na escola.

**Com a ajuda da comunidade**

Quando fui fazer a seleção para entrar no Projeto Lazer aos Sábados, foi muito difícil encontrar o endereço. É incrível como toda a comunidade da Vila Albertina conhece a Fundação e, de forma muito amiga, me ajudou a encontrar o caminho certo.

**Carla Gonçalves Cardoso,**  
estudante de Pedagogia. Estagiária do projeto  
de Lazer do Programa Jogo Aberto desde 2008

**Surge a Vila Albertina**

A Comunidade da Vila Albertina pertence ao distrito do Tremembé, zona norte da cidade de São Paulo. O Tremembé nasceu do desmembramento da fazenda da família Vicente de Azevedo em chácaras e glebas, no final do século 19. Em 1910, os filhos do ex-presidente da província de São Paulo, Pedro Vicente de Azevedo, criaram uma companhia que levava o nome de uma das irmãs, a Companhia Vila Albertina de Terrenos,

iniciando o loteamento urbano. Graças ao clima ameno, a região foi procurada por portugueses, italianos, alemães e eslavos no começo do século 20. Hoje, é uma região de contrastes sociais. Segundo dados da Fundação Seade, a Vila Albertina apresenta mais de 25% da população composta por crianças e adolescentes até 14 anos, e mais de 15% das pessoas responsáveis pelos domicílios têm rendimento de até um salário mínimo.



## Esmaga-Sapo

Quando a gente tinha que sair, era um breu. Você não reconhecia uma pessoa que vinha na sua direção. Nós tínhamos que usar a luz de lampião pra fazer lição. E a minha mãe passava roupa com o ferro a carvão. Ela punha na mesa e pedia que eu assoprasse na traseira do ferro, no orifício, pra pegar. Eu ficava até tonto de tanto assoprar pra ela passar roupa, não só pros de casa, mas pras madames do bairro. Olha que coisa difícil! Nos anos 50, quando foi colocada energia elétrica na Rua Vieira de Melo, onde eu me criei, na conta de luz vinha assim: “Zona Rural”. Hoje você olha aquilo e não acredita. Naquele tempo, as ruas eram de pó, de terra, e as professoras eram tratadas como autoridade quando passavam pela rua. Nós parávamos pra ver uma professora passar. Foi no ano de 1953 que surgiu a primeira escola próxima à minha casa, a escola do Sesi. Para todos os lados, só se via verde, só mato.

### Mudança no meio ambiente

Eu ia aos riachos, via os peixes. Agora é puro esgoto. Só tem o grande que não está canalizado, o córrego do “Esmaga-Sapo”. Então, de repente, em 1960, começam a lotear o Jardim Deise. Aí, você começa a ver o meio ambiente sendo afetado. Terra cobrindo fontes de água. Em 1967 ou 1968 é loteada a Vila Esmeralda e o Jardim Santo Alberto, aquela parte de baixo da Gol de Letra. Aí que foi dor no coração mesmo. A Serra da Cantareira dava aquela volta toda e eu ia até lá, pequenininho, com o meu pai, buscar madeira. Aquela reserva toda foi jogada no chão.

**Averaldo Nunes Cordeiro,**  
gráfico e sapateiro. Morador da Vila Albertina desde 1957

### Outros tempos

Sou belo-horizontino. Cheguei em São Paulo em março de 1960. Em 1967, mudei para a Vila Albertina. Eu gostava, na época das festas juninas, de ver a passagem dos “noivos” pelas ruas do bairro, a quermesse da igreja. Era tudo bonito e organizado.

**Hélio Cassimiro,**  
sapateiro. Morador da Vila Albertina desde 1967

### E a luz se fez

Ainda era cheio de terreno baldio quando o pessoal veio morar ali. Eu olhei e falei: “Eu não vou alugar casa, não. Vou fazer um barraco num terreno desses.” É onde moro até hoje. Não tinha nada. Só na casa da Dona Jacinta tinha luz. Ali onde tem o Ourinhos Hipermercado tinha um ponto de luz. Ela puxou dali pra casa dela. O que todo mundo fez? A gente chegou onde era a casa dela, lá era um plantio de bananeira, e emendou no fio dela.

**Sebastião de Oliveira Paes**

# Do pop ao samba

*Elaine Alves Xavier,  
pedagoga. Agente social de 2005 a 2007*

Eu morava na Vila Ede, numa avenida, então tudo era próximo. Quando fui pra Vila Albertina, acho que era 1983, não tinha mercado perto, tudo era longe. E era barro pra tudo quanto é lugar. Nossa, eu estranhei muito! Até as músicas eram diferentes. Porque onde eu morava era mais pop, rock. E, quando eu mudei pra Vila Albertina, era o samba. Até hoje eu prefiro samba. **Tem duas escolas de samba aqui, São União da Vila Albertina e Tradição da Vila Albertina. Saio na União até hoje. Eu e meus filhos.** O pessoal da Vila Albertina é muito caloroso. Chega uma pessoa nova, dão toda atenção. Pensei que eles iam me excluir. E foi totalmente diferente.

## Ir pra escola – um verdadeiro desafio

Aí entrei na escola João Ramos, onde foi a minha dificuldade. Tinha uns nove anos. Falei: “Nossa, como é que eu vou sair?” A escola era longe, era pra baixo, e não tinha como ir de ônibus. E tinha umas quebradas em que a gente tinha que entrar. Quando chovia, piorava. A gente ficava com o pé todo vermelho de barro. Escorregava. Até tinha uma escola que era perto, mas só que ninguém queria estudar lá – é onde é a Gol de Letra hoje. Porque lá tinha tráfico na frente, do lado, atrás. Tinha, às vezes, até tiroteio dentro da escola. Teve uma vez que entrou um bandido se escondendo do outro, e as crianças estudando. Por isso que depois de um tempo foi desativada, as pessoas foram evitando estar ali.

### **Gente trabalhadora, sim, senhor!**

A Vila Albertina não é simplesmente um pedaço da zona norte, não. É bom contar que ela existe, como foi formada. É lugar de gente trabalhadora, que dali sai todo dia de manhã pra trabalhar, pra levar o sustento pros filhos. Tem malandro? Tem. Tem de tudo, como em qualquer lugar de São Paulo.

*Rosângela Batista Ganga*



# Olhar acostumado; coração, não

**Wanderley Santos da Silva,**  
bailarino. Aluno da Fundação de 1999 a 2007



Meu avô cedeu espaço para o meu pai na Vila Albertina. Era tudo pantanal, tudo bananeira. A gente dormia no barraco enquanto estava construindo a alvenaria por fora. Eu tinha dois anos quando fui pra Vila Albertina. Tem um tempinho já que meu avô morreu. Mas, toda época de festa junina, ele fazia fogueira, quentão. Vinha muita gente da comunidade. Minha infância foi brincando por ali mesmo, naquele terreno. Eu tinha seis anos quando começou a surgir o tráfico. Ainda era muito disperso, um cara mandava de um lado da Vila Albertina e outro cara mandava do outro. Então era da escola pra casa, brincava, tomava banho, dormia. Teve uma época que começou uma chacina,

quando surgiu esse bar do Gordo; um pessoal tocando pagode e gente de diversas periferias ia se encontrar lá. “Eu vou pegar ele lá, porque sei que vai estar lá, naquela hora, naquele lugar.” Teve até um cara que morreu na porta de casa. Era impactante, mas o olho já estava acostumado. O coração, não. **Foi uma época perturbada, de todo final de semana ter alguém próximo do bairro morrendo por causa de movimento com o tráfico.** Tem uns amigos que se foram por causa disso. Não tinha, nessa época, a Fundação Gol de Letra, um lugar onde as pessoas tivessem uma ocupação, um espaço, orientações fora da família. Na escola ainda não se podia falar nisso, era meio que bloqueado...

## Se minha mãe me pega...

Dos 14 aos 16 anos, foi um pouco conturbado. É aquela velha história de você pensar que pode fazer tudo e querer aprontar um pouquinho aqui, um pouquinho ali. Saía pra fazer alguns rabiscos de pichações. Conhecer o outro lado da história. Eu fiz um grafite não autorizado em cima do Banco Itaú. Estava em cima e os caras em baixo jogando lata pra mim. De repente, o guardinha saiu do nada. Eu não sei como, eu dei um pulo e cheguei todo ralado em casa. Falava pra minha mãe que foi jogo de futebol. Minha assinatura de pichador era Diley. Eu ainda faço grafite e pinturas.



# Oportunidade

## Sebastião de Oliveira Paes

Quando a Fundação veio pra se instalar, o medo era tanto que ninguém nem procurava saber o que seria. Começaram a fazer a reforma no finalzinho de 98, e pouca gente sabia o que seria.

**Via os caminhões chegando com material de construção. Eu entrei, conversei com um rapaz lá que era pedreiro, ele falou:**

**“Aqui vai ser uma ONG.”** Eu falei: “Vocês estão precisando de gente?” Eles estavam com a equipe completa. Quando eu ia saindo, vem a Célia Hara. Ela disse assim: “Você está procurando alguém?” “Não, eu estou procurando serviço.” E ela: “Então, vem comigo.” Ela disse: “Olha, a gente está começando aqui, não tem estrutura

pra pagar funcionário, mas precisamos de gente pra trabalhar, e se você quiser, a gente aceita.” Ela disse: “Olha, a gente precisa desentupir todos os encanamentos, fazer uma limpeza geral e limpar as calhas que estão todas entupidas.” Eu falei: “Então, já vou começar agora.” Comecei e estou lá até hoje. Eu fico na portaria durante o dia e, à noite, dou a oficina de panificação. Lembro que, quando a Fundação chegou, que o pessoal falou que era do Raí, o pessoal falou: “Não, se é pro bem da comunidade, a gente vai proteger a Fundação, não vamos deixar ninguém mexer.” Na Fundação eles nunca mexeram, eles respeitam, não entram, não gostam que ninguém mexa lá. Você vê que as paredes não são pichadas, eles não deixam a molecada pichar.

*“Acho que em começo de projeto tem que ser tudo muito cuidadoso. Tem o respeito à comunidade, que só compra a ideia na hora que percebe que aquilo faz sentido pra ela.”*

Célia Yoshi Hara

# O rap da Fundação

## Wanderley Santos da Silva

Quando eu entrei na Gol de Letra, estava no processo de construção ainda. Eu tinha 14 anos. Fiquei um ano só no Virando o Jogo. Já tinha dança, mas, antes, eu nem pensava em dançar; só em pintar e aprontar um pouquinho. Fiz o curso de grafite, e a oficina de hip-hop. E eu compunha. Fiz um rap pra Fundação... Era da comunidade, da Vila Albertina com a Fundação, era mais ou menos assim:

*“Vila Albertina, cenário de bamba,  
comunidade da rima, o hip-hop comanda,  
ainda bem que é ele, o hip-hop é voz,  
Vila Albertina, a cara da Vila somos nós.  
São Paulo, zona norte, Tramway e Tremembé,  
aqui chegava de trem, aqui chegava de pé,  
pode botar fé, atitude e consciência,  
aqui a chapa é escrita é o Gol de Letra  
sabe o que é irmão? Não conhece a história?  
Atitude se demora, vamos cantar agora.*

Não lembro tudo, faz muito tempo...

## Tempos da boiada

Quem contava mais era a minha mãe. Que na infância dela, ela morava numa casa onde hoje é o McDonald's, lá no cruzamento da Maria Amália com a Avenida Nova Cantareira. Ela via a boiada passar, via cavalo... era bem rural mesmo, bem rústico.

**Maria Helena dos Santos Gonçalves,**  
professora. Estagiária e educadora  
desde 2000





## Construção do Enredo

Chega o dia da inauguração. É dia de festa, dia de expectativa, de muita gente. É dia de sol. Depois disso, do dia seguinte em diante, todo dia é dia de colocar a mão na massa. É tempo de fazer o bolo crescer, de tirar a receita do papel, de estruturar e colocar projetos em prática, de construir o enredo dessa história. Todo dia é dia de encontrar a comunidade, de deixá-la se aproximar a seu modo e mostrar quem é. E da Fundação mostrar a que veio.

Assim, em meio à rotina do Virando o Jogo, primeiro projeto da Fundação, surgem as Mulheres em Ação, os jovens da Cara da Vila, os Gols de Cidadania, os Dias de Fazer a Diferença, a Formação de Agentes Comunitários. E também os torneios, o Programa de Voluntariado e tantas outras coisas, fruto de muitas parcerias que continuam a aparecer pelo caminho.

Um crescer tão virtuoso que extrapola as fronteiras da Vila Albertina, ou melhor, de São Paulo e vai parar em Niterói, onde a Fundação encontra novo lugar, novas pessoas e começa a recheiar o enredo de sua história.

### **Virando o Jogo, o programa de estreia**

Foi o programa de inauguração da Gol de Letra em São Paulo. Atende crianças e adolescentes de 7 a 14 anos no período complementar à escola, com atividades de expressão corporal, cultural, oral e escrita. Desde 2005, há também a formação de monitores entre 15 e 18 anos, para atuar no Programa Virando o Jogo e em outras atividades da Fundação. À medida que a criança vai chegando aos 14 anos, ela também pode participar do Programa de Jovens (antigo FAC). Em 2008, o Programa Virando o Jogo atendeu 240 crianças e adolescentes e formou 33 monitores.



## *Inauguração ensolarada*

### **Célia Yoshi Hara**

Depois do espaço físico organizado, a gente ficou com uma relação bacana com a comunidade; fomos fazer a inauguração, começar a implantação do Virando o Jogo. E a gente correndo contra o tempo. Faltam 15 dias, faltam 14, cadeira que não chegava, não sei quem que não confirmava se ia ou não. O Raí estava doente, na época. Gripe e tudo! A gente não sabia se ele ia conseguir ir. Mas deu tudo certo. Ele foi pra

inauguração, a Tina também. Foi muito bacana. Era agosto, estava um frio medonho. Naquele mês, chovia. Chovia muito. E a inauguração ia ser na quadra, que naquela época ainda não tinha teto. **Olha, foi por Deus mesmo! Na hora, abriu um buraco lá em cima, veio um sol, secou...** Não choveu! E, no dia anterior, tinha chovido o dia inteiro. Foi um sentimento muito gostoso. Foi bastante gente.

*“Lembro dos finais de tarde ensolarados...  
Era uma Vila Albertina cheia de casas, de pessoas pelas ruas,  
de medos, de problemas, de sonhos e belezas.”*

*Edi Fonseca*

## *Muvuca pouca é bobagem*

### **Rosângela Batista Ganga**

Dizem que a rua estava cheia. E foi fechada, por causa da muvuca. Que a curiosidade do povo era tanta... “Ah, vamos lá ver o Raí!” “Eu não! Gente, vocês vão conseguir chegar perto dele? Ó o tanto de gente...” “Eu nem me dei o trabalho de subir pra ver nada, porque a muvuca que o povo

formou era tanta... **Você acha que ia conseguir ver alguma coisa? Não ia. O pessoal ficava naquela euforia. “Ah, o Raí, o Raí.”** Eu brinquei: Ai, gente, eu não vejo graça. Ele é são-paulino, eu sou corintiana...

## *“O” critério de seleção*

### **Célia Yoshi Hara**

A gente tinha cem vagas, e muitas crianças querendo entrar. Bom, como é que a gente vai fazer? A gente chamava pequenos grupos. Falava do projeto, dos critérios, das atividades, da dificuldade de vagas, tal. Era fundamental as mães saberem do que se tratava. Os educadores fizeram as entrevistas sociais. Depois, eu discutia com eles, pra gente ter o critério de coerência, quem a gente achava que estava em mais alta vulnerabilidade pra ser incluso no projeto.

### **Um só peso, uma só medida**

Teve um episódio muito interessante nessa fase de seleção. O porteiro, que era da comunidade, veio com um bilheteinho. **“Dona Célia, olha, aqui está. Me entregaram aqui, agora, o nome de uma criança. Ele é filho do pessoal do tráfico e acho que é importante.”** Falei: “Meu Deus do céu. O que a gente faz com isso?” Rasguei o bilheteinho, joguei no lixo e falei pra todo mundo: “Gente, se essa criança estiver dentro dos critérios, ela cá vai estar. Ela não vai ser nem acolhida nem rejeitada por conta de ser o que for...” Depois, o Raí me ligou: “Célia, fiquei sabendo aqui, como que é isso?” Eu falei o que acho que tem que ser: “Ó, Raí, é o seguinte, meu chefe é você. Se, nesse momento, você abre precedente pra seja lá o poder paralelo que for, a chefia vai ser outra, e a gente vai ser testado a todo momento. Então, ou a gente tem uma postura agora, ou, depois, você está danado!”

*“É muito difícil selecionar, você tem vontade de falar ‘sim’ pra todo mundo. É complicadíssimo saber qual é o mais carente, pra quem você vai dar o lugar.”*

*Cristina Bellissimo (Tina)*



## As aparências enganam

Hoje deve ter bem menos, mas era assim: “Eu quero matricular meu filho pra aprender a jogar futebol.” Ou pensavam que era formação de atletas. **Voluntários, então, muitos vinham por causa dos dois fundadores, que são jogadores.** Sem dúvida nenhuma,

é muito forte essa imagem. No começo isso era impressionante. Hoje, não. Eu vejo que as pessoas conhecem mais o trabalho social, que teve uma divulgação maior. De cada dez mães que a gente atendia, sete achavam que era uma escolinha de futebol.

*“Tinha gente até de alta sociedade que procurava a Gol pensando que era uma escolinha de futebol.”*

Sebastião de Oliveira Paes

## Força feminina

**Célia Yoshi Hara**

É muito interessante aquela comunidade. Ela é pequenininha e bem perto das mansões da Serra da Cantareira. Da Gol de Letra, se veem as mansões, e as mansões veem aquela parte feia. Quando as pessoas da Vila andam lá embaixo, são olhadas, sentem a exclusão na pele. **Então, não adiantava trabalhar só com a criança, tinha que trazer a família e a comunidade.** Senão, não daria certo. E aí, tava chegando o

Dia das Mulheres. Então fizemos o primeiro Gol de Cidadania sobre o Direito das Mulheres. Nós trabalhamos saúde da mulher, direito da mulher, mulher e beleza... Tinha várias temáticas. Encheu aquele auditório! Elas despertaram. Elas sentiram, lá, um espaço de acolhida. No final, fui fazer a avaliação, “O que vocês acharam, vocês gostaram?” Eu não esperava essa: “A gente não quer mais se separar.” Isso foi tão forte!

*“Esse contato com a comunidade que se abre é muito bacana de sentir.”*

Leonardo Nascimento de Araújo

**Eduardo Hatada,**  
administrador de empresas. Voluntário, coordenador do voluntariado e analista de captação de recursos entre 2001 e 2008



**Ninguém tira nem apaga**

Minha história de amor com a Gol de Letra começou com o Mulheres em Ação. Fazíamos trabalhos voluntários, ajudávamos nos eventos, em tudo, sem distinção. Fui até para o 2º Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Fiquei mais feliz ainda. Depois, viramos agentes sociais definitivamente. O meu amor pela instituição é tão grande que, quando acabou meu tempo como agente social, que é de dois anos, chorei que nem uma bezerra desmamada. A minha história com a Fundação, o que eu aprendi, ninguém tira nem apaga.

**Nice Coutinho,**  
dona de casa. Agente social de 2000 a 2002



# Comunidade mobilizada

## Sônia London

A Célia, que entrou como coordenadora pedagógica, se dedicou muito a receber e a atender as mães. **No começo, a ideia era se relacionar com as famílias, mas não ter um grupo de mães, um grupo de mulheres.** A gente não sabia muito como é que ia ser

isso. Mas o perfil dela era pra acontecer isso mesmo: uma assistente social, que já tinha essa experiência de trabalho com famílias. E a gente queria mesmo alguém que viesse dessa origem, não só pedagógica, não só educacional. Mas alguém que sabia lidar com a comunidade.



## Mulheres em Ação

Um grupo de cerca de 20 mulheres da comunidade começou a atuar voluntariamente na Fundação. Eram as Mulheres em Ação, que surgiram a partir do I Gol da Cidadania. O grupo, que vigorou até agosto de 2004, recebeu diversas formações: palestras e debates ligados a medicina, psicologia, advocacia, nutrição e comunicação. Nas reuniões semanais, buscava soluções para problemas da comunidade, a exemplo dos recursos que conseguiram para manutenção do posto de saúde. Um levantamento de 2001 trazia bons resultados – 50% dessas mulheres voltaram a estudar e 30% ingressaram no mercado de trabalho (formal e informal).

# De quebra, um bronzeador

## Rosângela Batista Ganga

Eu lembro de um evento que teve, o Gol de Cidadania. Foi tão engraçado nesse dia, em pleno domingo, um sol de rachar coco e aquela fila. **Eu só não assisti a todas as palestras porque estava cansada, com um barrigão de gravidez.** Tinha sobre doenças, sobre sexo... Eu ia em casa, comia, voltava e ficava lá um pouco com a minha irmã. Minha irmã nesse dia pegou até um bronzeador, que ela estava de camisa regata. Ela disse: “Se eu soubesse, tinha ido lá era de biquíni.” Foi muito gostoso.

# Eu também posso!

## Alexandre Carvalho Ferreira

Junto com o grupo Mulheres em Ação, que era muito forte dentro da Fundação, tinha os jovens. Logo teve um projeto também bem experimental. Era meio que a justificativa pro jovem estar lá dentro. “Ah, eu tô aqui nas artes visuais ajudando a professora.” Enfim, era uma forma de ter aprendizes em vários setores dentro da Fundação. Era um grupo bem grande, que colaborava com todas as áreas e que tinha como sede não oficial a biblioteca.

**Um dos grandes objetivos era garantir que aquela biblioteca não fosse só uma sala, que ela tivesse vida,** que atendesse não só o público interno, as crianças, os funcionários, mas também a comunidade. Na época era o tal do protagonismo juvenil. É engraçado, hoje vejo jovens mediadores de leitura que eram crianças quando nós fazíamos a mediação. Então, isso virou um ciclo multiplicador. “Poxa, se ele conseguiu, eu também posso!”

## Rio das Zanas

No I Gol de Cidadania, convidamos a diretora da UBS Vila Albertina e organizamos um *tour* pela Vila. O grupo saiu bastante agitado. Apontaram um esgoto a céu aberto e riam muito se referindo a ele como “Rio das Zanas”, pois tinha muitas ratazanas lá. O que mais impressionou foi que, ao retornarmos, todo o grupo se mostrou bastante sério. A atividade surtiu bastante efeito, foi proveitosa para a comunidade.

**Beatriz Maria Andrade Silva,** enfermeira. Atuou na parceria com a reitoria da Universidade de São Paulo de 1999 a 2005

## Biblioteca para todos

Em 2002 foi inaugurada a Biblioteca Comunitária na Gol de Letra da Vila Albertina, que atualmente tem 12 mil títulos. Como parte desse programa há a formação de mediadores e monitores com o objetivo de preparar jovens (15 a 18 anos) para atuarem como mediadores de leitura e na brinquedoteca, visando estimular crianças e adolescentes na descoberta e experimentação das práticas de leitura e contação de histórias.

# Uma turma que era a cara da Vila

## Sônia London

No segundo ano da Fundação, já tinha uma turma saindo, que entrou com 13, 14. Mas eles não queriam sair. Ficavam por ali... E a Fundação também não queria que eles saíssem. Então, resolvemos fazer um projeto que ficou bem redondinho, conseguimos financiamento das Fundações Vitae e WCF. Era A Cara da Vila. A ideia é que os jovens olhassem de uma outra forma a Vila. Eles escolhiam entre oficinas de fotografia, teatro, escrita, vídeo e artes plásticas.

**E os jovens saíram do prédio, iam pra rua. Isso foi muito positivo, porque as pessoas também viam as coisas acontecendo.** Lembro até que, algumas vezes, tinha uns eventos que tomavam uma dimensão muito grande. E, por conta de ser Raí e Leonardo, tudo chamava a imprensa. Era bom, muita visibilidade. Por outro lado, era difícil organizar. Então, a Célia dizia: "Gente, menos!" Era ela que segurava ali!



## Todos comprometidos

No começo, eu cuidava de inscrições dos jovens, compra de materiais, controle de presença. Depois, como já trabalhava com formação de professores, fui participando mais e mais das reuniões pedagógicas. Lembro muito dos professores! Um grupo muito interessado por aqueles jovens. Também era muito bom ver os jovens se aproximando dos livros para poder apresentá-los às crianças.

## Edi Fonseca,

pedagoga. Assistente da coordenação pedagógica em 2001 e 2002

# Feito a várias mãos

## José Roberto de Souza (Pitti)

Surgiu uma oportunidade. Nós juntamos oito adolescentes que frequentavam oficinas da Fundação para a ideia de fazer um livro sobre a Vila Albertina, contando a história da comunidade, como são essas pessoas, como vivem e como era o trabalho da Fundação. Olha, eu é que aprendi lições de vida, sabe, das dificuldades que eles têm e do esforço que eles fazem quando querem alguma coisa. Havia muita determinação nesses adolescentes, e o desejo de mudança.



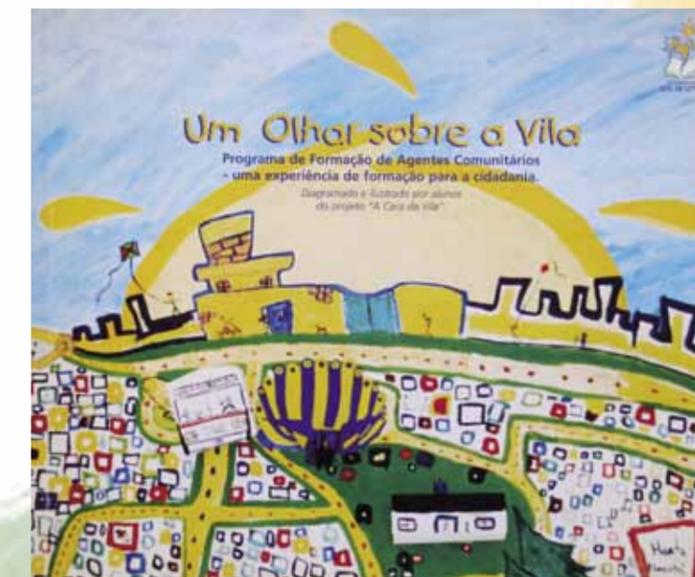
*“A Cara da Vila era uma vontade da Fundação conhecer melhor a Vila e da Vila também se conhecer.”*

Sônia London

# Um olhar sobre a comunidade

## Alexandre Carvalho Ferreira

O Projeto A Cara da Vila estava chegando ao final, o vídeo estava terminando, as outras oficinas também. Daí surgiu um grupo que foi pra agência do Pitti. Tava tudo meio que amarrado pra que o livro acontecesse. Quando esses projetos foram finalizados, houve um evento de aniversário da Fundação e de lançamento desse livro, chamado de *Um Olhar sobre a Vila*. **Nós completamos uma fase legal, mas... e agora, o que vai acontecer? Aí começou a surgir a discussão do FAC,** que é a Formação de Agentes Comunitários. Dali surgiu a semente do que hoje existe de projetos direcionados não só pra juventude, mas pros agentes sociais. A gente não podia parar ali!



# Mais espaço para o social

**Célia Yoshi Hara**

Só depois de um tempo que entrei na Gol é que passou a ter a área social. Eu era da área pedagógica, fazia também o trabalho de parcerias, um pouco de tudo. E foi no aniversário de dois anos da Gol de Letra, quando a Johnson & Johnson nos ajudou a realizar, que fiquei sabendo que eles patrocinavam projetos. **Aí eu falei da ideia que eu tinha, de formação de agente comunitário social para empoderar cada vez mais aquelas lideranças, mulheres e jovens.** Tava dentro do foco da Johnson & Johnson e era mesmo uma das propostas do Raí mobilizar aquela comunidade pra trabalhar com a questão da autonomia. Escrevi o projeto, pra assumir toda a área social. Eles toparam. Então, a área social passou a ter patrocínio, assim como o Virando o Jogo. Foi bem legal. No projeto, tinha sempre um momento de formação, um de planejamento e um de fazer. E assim começou o FAC.

## **Fórum nas escolas**

Foi na época desses agentes que a gente fez um fórum de escola. O que é que estava acontecendo? As crianças gostavam mais de lá do que da escola. E começou a ter aquela rixa: “Ah, claro, vocês gostam de ir lá porque lá é só pra brincar.” Resolvemos nos aproximar da escola. “Vamos trazer pra um chá, vamos bater um papo. O que podemos fazer juntos?” Porque, na verdade, aquelas crianças eram rejeitadas na escola. O fórum de escolas reunia os diretores, professores. Alguns se mobilizavam e ficavam junto com a gente nas ações.

*“Superação, solidariedade, cooperação... tem vários, vários valores que a gente trabalha dentro dos projetos.”*

*Maria Helena dos Santos Gonçalves*





## *Pra o que der e vier*

### **Elaine Alves Xavier**

Meu marido não deixava fazer nada. Eu tinha que ser abaixo dele. Então, meu negócio de auxiliar de escritório, secretária, esquece, que ele não ia deixar nunca. Quando o meu último filho tinha dois anos, vieram as encencas, porque eu comecei na Gol de Letra como agente social. Mas eu achei tudo maravilhoso! Aprendi muito. Durante a semana, a gente fazia inscrições, visitava a família pra ver que criança ia entrar. Quando alguma faltava muito, a gente ia lá saber por que. Ajudava as monitoras na parte da escovação. Também apresentava a Gol de Letra e a comunidade pros visitantes.

### **Todo mundo em risco**

Lembro que, nas visitas, entrei em ruas a que eu quase não ia. Era perigoso, muito ponto de tráfico ali. Mas fui vendo que eles respeitam muito as pessoas com a camiseta verde da Gol de Letra. “Ah, são as verdinhas. Deixa entrar!” A gente tinha que fazer as perguntas: quantas pessoas tinha na casa, como fazia pra sobreviver, se as pessoas da casa tinham alguém com problema de saúde. **A gente tinha que saber até se o ambiente tinha muita rachadura, mofo. Anotava tudo, porque eram 600 crianças esperando pra entrar.** Tinha que ver quem estava num estado pior, em estado de risco. Aí que era difícil, porque a maioria estava do mesmo jeito. Eles sabem que tem seleção, mas querem entrar de qualquer forma.

### **Boa formação**

O trabalho de formação foi bom pra todo mundo. Nas formações e oficinas para os jovens começou a conscientização deles... Antes, eles não tinham o que fazer, não tinham um curso. Então, ficavam na rua o tempo todo, aprendendo o que não deviam. Disponíveis pra outras coisas. O FAC já era um meio de todo mundo estar ali, aprendendo novas coisas.



# Um por todos, todos por um

## Sebastião de Oliveira Paes

A Fundação estava crescendo de uma maneira que a gente não acreditava. Lembro que logo veio o Dia de Fazer a Diferença. Alguém disse: “Olha, pra fazer a diferença, a gente pode pintar uma escola, uma creche, arrumar uma praça, plantar uma árvore, a gente está fazendo a diferença.” A Fundação deu lanche, ônibus pra levar o pessoal, empenhada em todos os aspectos dessa campanha. **A gente pintou seis escolas e quatro creches em um dia só!** Vinha muita gente de fora, não era só o pessoal da Vila Albertina, tinha gente de Tucuruvi, Jaçanã, Vila Galvão, da Cachoeira... As comunidades viraram uma só.



*“Um Dia de Fazer a Diferença, em que você tira documento etc., é um boom de cidadania, pode ser uma grande alavanca. Dá uma injeção de ânimo.”*

Mônica Zagallo Camargo

# Uma rede que faz a diferença

## Célia Yoshi Hara

A Sônia que trouxe essa ideia, que é uma proposta mundial, um dia que o mundo inteiro pra pra fazer uma ação solidária. No primeiro ano, foi tranquilo. Eu tinha um mês pra organizar, ainda não tinha agente comunitário, a gente fez uma ação simples, na comunidade. No segundo ano, veio a ideia: a gente chamou as empresas parceiras, chamamos as escolas, as ONGs. Mostramos as propostas, eles toparam.

**Todo mundo foi mobilizando. Acho que foi um crescente, sabe? A Saúde topou, o posto de saúde, a creche, as empresas entraram...**

A Rede Vila Albertina ainda não existia. Depois do Dia de Fazer a Diferença é que a coisa foi se fortalecendo, até chegar a um ponto de falarmos: “É legal a gente ter uma rede.” Porque a ideia da Gol de Letra não é ela ser tudo.

*“Uma coisa é ver a comunidade no data show, outra é ir até ela. O Dia de Fazer a Diferença foi impactante para todos os voluntários. Eles falavam: Nossa, eu tenho que trabalhar aqui.”*

Eduardo Hatada

## Boas influências

Um olhar de fraternidade, destemido e desbravador; trabalho de equipe, de dedicação e também de competência. Assim é o trabalho da Fundação Gol de Letra. A nossa Organização fica no bairro Parque Casa de Pedra, próximo da Vila Albertina, por isso nosso interesse em somar. O primeiro contato que a gente teve aconteceu na preparação do Dia de Fazer a Diferença. Éramos iniciantes e fomos tratados como iguais. Começamos aos poucos uma história de amizade e respeito que contribuiu muito para nossa evolução no trabalho social. A gente sabe que a Gol de Letra mudou a cara da Vila Albertina e a conduta de muitas organizações que se dispuseram a aprender com ela.

## Dora Alice Gisondi,

vice-presidente da instituição Obra Social André Marcel. Parceira da Gol de Letra desde 2004

### **Voluntariado é coisa séria**

No Brasil, a Lei do Voluntariado foi sancionada em 18 de fevereiro de 1998. Antes disso, milhares de pessoas já eram voluntárias em instituições como a Pastoral da Criança, a Apae e a LBA. Nos anos 90, o voluntariado sofreu fortes estímulos, tanto por empresas que passaram a valorizá-lo quanto pela criação, em 1997, dos primeiros centros de voluntariado. A Gol de Letra sempre recebeu muitos interessados e organizou a atividade voluntária em 2002. Hoje, conta com aproximadamente 120 voluntários.

**Ricardo de Carvalho Aprigliano,**  
advogado. Sócio titular  
e voluntário de 1999 até hoje

## Portas abertas para voluntários

### **Eduardo Hatada**

Eu fui pra uma reunião; eles estavam começando a montar o grupo de voluntários. Lembro que quem coordenava, naquela época, era a Célia Hara.

**Eles falaram da comunidade e um pouco da Gol de Letra. Mas a primeira impressão foi de profissionalismo.** Foi um dos fatores que me fizeram ficar lá. A gente teve muitos voluntários

na parte de captação, no atendimento direto. Também tinha psicólogos e dentistas que atendem às crianças, mas é mais no consultório. Meu foco como voluntário foi a gestão do voluntário, a motivação, o processo seletivo, foi a coordenação do programa de voluntariado mesmo. Fiquei um ano desenvolvendo isso.

*“Quase tudo que sei de voluntariado, aprendi com a Gol. Acho que, se você quer crescer como gente, vai ser voluntário, colocar a mão na massa.”*

Vera Lúcia Zanuto

## Direito à justiça

Acompanho o trabalho da Fundação desde o começo, quando me tornei sócio titular. Visitei a Fundação algumas vezes, participei de eventos, levei pessoas para conhecer e se tornarem sócios titulares. A cada ano via a evolução, o progresso, as conquistas. Trabalho sempre muito competente e apaixonado.

A Fundação sempre foi inspiradora, tanto que, em 2007, me tornei voluntário, responsável pela capacitação jurídica das agentes sociais. Uma vez por mês, vou até lá conversar sobre temas jurídicos,

explicar sobre direitos e a forma de exercê-los. **Tem sido uma experiência mágica, trocar impressões, poder contribuir para abrir os horizontes de um pequeno grupo,** que por sua vez se encarrega de propagar aquelas lições. Fruto desse trabalho surgiram alguns outros, como mutirões jurídicos que fizemos para a comunidade. Mais advogados e estagiários se envolvem. Ser um veterano na Gol de Letra é uma grande honra para mim e espero fazer parte da sua trajetória por muito tempo ainda.

## Quatro bolas, quatro raquetes e um sotaque

Em janeiro de 2004, comecei a trabalhar como voluntário na Fundação. Por ser francês, eu fazia tradução dos projetos, dos programas, para o francês. Ficava no computador, mas no fundo da cabeça tinha a ideia de trabalhar com crianças também. Tinha a possibilidade de trabalhar no Lazer aos Sábados. Depois de uns quatro meses, eu resolvi: “Ó, se vocês me aceitarem, gostaria de participar nisso também.” E eles falaram: “Tudo bem, mas o que você vai fazer?” Falei: “Posso fazer uma clínica de tênis, pra começar, depois a gente vê...” Eles toparam e, no sábado seguinte, voltei lá e fiz. Foi muito engraçado. Levei quatro raquetes emprestadas e quatro bolas. Nesse dia, passaram 80 crianças. O primeiro susto que eu tomei, porque eu cheguei pensando: “Então, vou explicar pra eles, que é pra ir lá e depois vou jogar a bola e...” Imagina! **Abriu o espaço e “vuuuu”, todas as crianças em cima de mim, pegando as raquetes, as bolinhas. Quase perdi o controle de tudo.**

Eu estava acostumado a dar aula, mas num outro estilo e condição de público... Então foi uma descoberta. Todos jogaram, mas especialmente os pequeninhos adoraram! Eu ainda não falava bem o português. Os meus alunos na avaliação falavam assim: “Olha, eu gosto do tênis, eu gosto muito do professor, mas às vezes eu não entendo nada do que ele fala.” Isso pra mim foi o máximo!

**Jérémie Nicoläe Dron,**  
físico. Voluntário do setor administrativo e de aulas de tênis, analista de projetos e coordenador de intercâmbios de 2003 até hoje



## Em que terreno vamos pisar?

**Vera Lúcia Zanuto**, estatística. Representante da OdontoPrev, instituição parceira desde 1999



Quando eu entrei na OdontoPrev, a empresa já tinha a questão social no DNA. Mas, até então, o recurso destinado a isso era financeiro. E eu falei: “Não dá pra ser assim; vamos tentar fazer aquilo que a gente sabe fazer melhor e que a gente consiga fazer para o maior público possível.” Começamos a procurar instituições. **A gente queria fortalecer o relacionamento com instituições de credibilidade. Aí, nós chegamos à Fundação Gol de Letra, que estava começando.** O Raí era uma pessoa em

que a gente acreditava muito. Eu falei: “Bom, taí um projeto! Mas o que é que a gente vai fazer?” Fomos até lá e organizamos a nossa primeira ação. Foi uma ação de escovação. Imagina, o dia inteiro! No final do dia, nós sentamos na sarjeta, porque não conseguíamos chegar no ônibus de tanto cansaço que estávamos. Apareceram mais de 4 mil pessoas. Foi por pura inexperiência que nós fizemos aquilo. A gente não sabia que a comunidade estava tão necessitada desse tipo de atendimento. Foi inesquecível!



### Parceria com a OdontoPrev

Desde 2002, a OdontoPrev promove ações semestrais de escovação e contribui com plano odontológico para crianças, adolescentes e jovens dos programas, agentes sociais, funcionários de São Paulo e do Rio de Janeiro e seus familiares.

## Ver de perto

**Silvana Hafez**, empresária. Diretora-geral da Oficina Brasileira de Clipping, empresa colaboradora desde 2004

A primeira vez que estive na Gol de Letra foi a convite do pessoal da Comunicação, para participar de um almoço comunitário, visitar as instalações, conhecer de perto o seu trabalho e olhar para o que vinha sendo feito dentro da comunidade. Já éramos parceiros há bastante tempo, e eu nunca tinha estado no local. Ponderei e decidi ir. **Foi difícil chegar, confesso que fiquei receosa. No entanto, ao entrar no prédio, percebi que realmente estava num local muito especial.** Havia uma energia no ar. Ao olhar para os jovens, senti orgulho por participar do projeto.

## Além da educação

### Cristina Bellissimo (Tina)

Desde o começo, a gente foi trazendo tudo que podia como parceiros. Pra ir melhorando.

**Quando a gente colocou uma enfermeira ali, numa parceria com a Escola Paulista, a sensação foi essa. O acesso fica mais fácil.** A moçada ia questionar, procurar o atendimento

profissional pra tirar dúvidas. Era um atendimento bem básico, mas necessário. Quer dizer, daí o projeto começou a ficar um pouco maior que educação. Então, você ocupa uma sala com isso, com aquilo.

Depois, veio a Unimed, e foi: “Nossa! A gente está pensando em expandir, vamos dar plano de saúde pras crianças.” Então, a ideia é assim, se você tem um projeto, quanto mais você puder fazer, você vai fazer.

### Saúde também faz bem

- A Unimed Paulistana é parceira da Gol de Letra desde 2002. Fornece plano de saúde para crianças do Virando o Jogo e já forneceu para seus familiares, para funcionários e seus dependentes.

- Entre 2004 e 2007, a Unimed Fluminense manteve ambulatório na sede local e disponibilizou internações de emergência para cerca de 500 beneficiários dos programas desenvolvidos em Niterói.

- A Escola Paulista de Medicina disponibilizou, de 2000 a 2003, um médico e uma enfermeira para atendimento na sede da Vila Albertina, em São Paulo.

# Bola em campo, educação em jogo

*“A OdontoPrev sempre participa do torneio. Já começaram a me cobrar lá: ‘E aí, nós vamos jogar?’ Se eu participo do torneio? Imagina! Eu vou lá para gritar!”*

Vera Lúcia Zanuto

## Sóstenes Brasileiro S. S. V. de Oliveira

A gente bolou uma ideia de montar um grupo que chamamos de Comitê de Mobilização. Era um grupo com muitos voluntários, pra pensar estratégias de captação, que era uma área que a gente estava ainda muito no tradicional.

Um dos produtos desse comitê, inspirado no torneio que o Leonardo e o Raí promoveram na França, foi criar o Torneio Gol de Letra. **Dezesseis empresas participam de um torneio que a gente organiza fora de São Paulo, durante o fim de semana. As equipes que se classificam vão jogar no Morumbi e no Maracanã.**

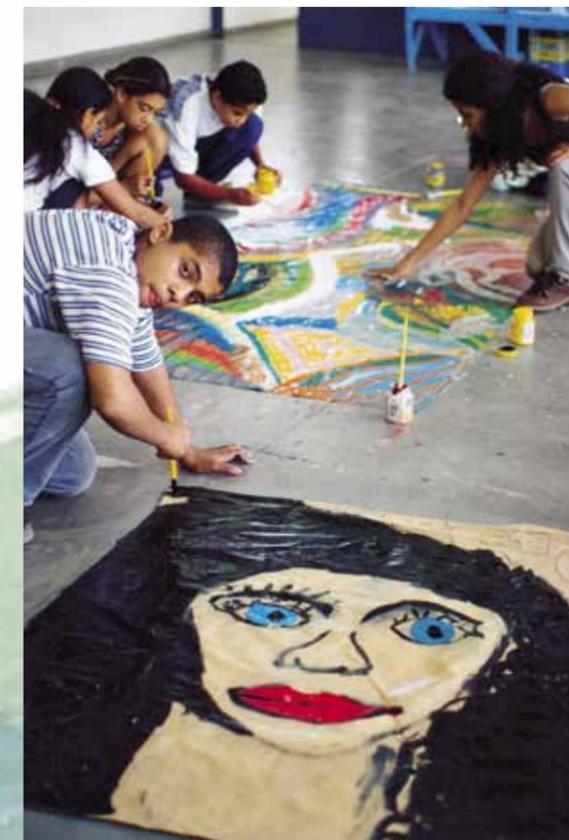


Primeiro, disputam entre elas uma final. Além disso, rola uns jogos com personalidades, jogadores, ex-jogadores. Tem o sonho de jogar no Morumbi ou Maracanã, e o de jogar com ídolos, às vezes, com artistas. Cada empresa participante doa 20 mil pra Fundação. Com o tempo, a gente percebeu que muitas empresas começaram a ter relacionamento mesmo com a gente. É um evento de captação de parceiros, não só de recursos. E é um evento pra cima, todo bonito, fazemos um encerramento supergostoso. É muito bom.

# Doações que rendem

## Eduardo Hatada

Geralmente, o torneio ocorre em outubro e novembro de cada ano. As pessoas adoram: tanto as empresas quanto os funcionários. Ao mesmo tempo, gera uma receita muito importante, toda utilizada nos programas da Fundação. É um recurso que não está vinculado diretamente a um projeto, assim como a contribuição dos sócios, que pode ser utilizada em qualquer necessidade da Gol de Letra.



## Sócio da solidariedade

O trabalho com os sócios era muito passivo, receptivo, porque a Gol de Letra estava muito na mídia. Daí, começamos a fazer campanhas, ser mais ativos. Fazíamos campanha no Novo Hotel, no Torneio Gol de Letra. E teve um *boom* com essas ações. **Começamos com 200 sócios e chegamos a quase 900. Depois a gente deu uma parada. Mas, quando eu entrei na área de captação, o foco muito forte era o sócio.**

Tem o sócio titular, que contribui com recursos financeiros, no mínimo de R\$ 20,00 por mês. E tem o sócio de honra, que contribui com a imagem. Por exemplo, o Sócrates é um deles.

A captação de sócios pega o Brasil inteiro, só que é mais forte em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Mas a Gol não utiliza telemarketing. Isso sempre foi uma posição da diretoria, e os profissionais todos concordavam que não era a postura mais adequada pra captação.

Muitos sócios ainda vinculavam a Gol à imagem do Raí e do Leonardo. A gente fez um trabalho de comunicação pra vincular muito mais à causa. A gente dá muito retorno de resultado via boletins mensais, e até uma prestação de contas obrigatória, todo ano.

## Sócios titulares

O Programa de Sócio Titular possibilita que pessoas físicas e jurídicas contribuam para a instituição por meio de doações periódicas (mensais ou anuais). A Fundação conta atualmente com mais de 500 sócios titulares.

*“Cada vez mais a gente quer voltar a trabalhar essa coisa de sócio. Mais que fonte de captação, é um relacionamento nosso com a sociedade.”*

Sóstenes Brasileiro S. S. V. de Oliveira

## Torneio Gol de Letra

O principal evento para captação de recursos da Gol de Letra nasceu na França, em 2003, quando Raí e Leonardo reuniram empresas para um jogo de futsal na cidade Levallois, perto de Paris. Em 2004, aconteceu o primeiro Torneio em São Paulo, onde as equipes finalistas jogam no Morumbi. Desde 2007, o torneio acontece também no Rio de Janeiro, e a final é disputada no Maracanã.

# Adaptar para Niterói

## Estreia a segunda unidade

A Gol de Letra foi instalada em setembro de 2001 no bairro de Itaipu, considerado de classe média alta, mas que também tem moradores em situação precária. Segundo dados do IBGE (censo de 1996), 40% da população que vive nos bairros Itaipu, Engenho do Mato e Piratininga tem uma renda familiar média de 0 a 3 salários mínimos. Para atender essas comunidades, além de Cafubá e Maravista, a Gol de Letra instalou a nova sede em uma casa do Leonardo, em Itaipu, com área de 12 mil m<sup>2</sup>. Os espaços foram adequados para salas de arte e música, laboratório de informática e quadras poliesportivas. A Fundação também atuou em colégios e nas próprias comunidades, promovendo desde reforço escolar até oficinas de artesanato.

## Sônia London

Eu participei de Niterói também. Tinha um monte de coisa que era muito diferente. Era num bairro de classe média, numa casa doada pelo Leonardo. Tinha uma piscina, um campo de futebol lindo, grama linda, tudo lindo. Ai, só reformou a casa pra fazer as salas.

Era um projeto pedagógico adaptado com mais ênfase no esporte. E tinha isso, não era dentro da comunidade. A gente teve que pensar toda uma forma de implantar. Então, trazia mais os jovens, mesmo. Para as famílias irem lá era muito mais difícil. Diferente de estar lá na Vila Albertina e aquela família pressionando: “Quero entrar.” Lá em Niterói, não. Pegava a criança e devolvia à tarde.

Em Niterói, se fez um estudo e a gente usou muito estatística, onde estava o pessoal mais carente. Dali, da redondeza, dentro de um raio de 15 quilômetros. Enfim, eram os lugares mais difíceis. **Foi ótima a implantação lá. Acho que foi até mais tranquila que na Vila Albertina.** Foi mais cuidada. Depois, a gente fez a seleção para professores de educação física, de dança, tinha também de leitura e escrita, enfim, quase todas as áreas que tinha na Vila Albertina, mas mais articulado com a coisa de esporte.

Teve uma inauguração superbonita, aberta. Lembro que foi o Lars Grael, que eu acho que ele é de lá, e foi também a triatleta, Fernanda Keller, de lá de Niterói. Na inauguração, enfim, as famílias já sabiam que os filhos iam pra lá. Já tinha uma aproximação. Já tinham feito reuniões de pais, enfim. Os vizinhos também participaram. Foi tranquilo.

*“Um tempo depois, resolvemos lançar a Gol em Niterói, minha cidade e do Leo. Foi uma questão afetiva mesmo.”*

Beatriz Pantaleão





## A largada

No dia 10 de setembro, a gente teve a inauguração em Niterói. No dia 11 de setembro, enquanto Bin Laden derrubava as Torres Gêmeas, eu começava a dar aula. Era pras crianças de seis a dez anos, os bem pequenos. **O primeiro dia que eu me vi cercado por aqueles caras, eu pensei: “O que eu vou fazer? Não tem nada, vamos conversar.” E conversando, brincando, estou eu aqui, até hoje.**

O que iniciou o trabalho em Niterói foi o Dois Toques, que era um programa que complementava o horário escolar. Trabalhava disciplinas em que a criança pudesse exercitar o corpo, a criatividade, o senso crítico e a linguagem, fundamentalmente.

Também tinha os jovens de 13 pra 14 anos. Do primeiro para o segundo ano, a gente teve uma perda de jovens considerável. Então, a gente criou um projeto chamado Aprendizes, era um projeto em que esses jovens teriam a oportunidade, em um ano, de aprofundar as disciplinas que eles tinham no Dois Toques.

*“Na Fundação Gol de Letra, aprendi muitas coisas boas, como interagir na sociedade, trabalhar em equipe, impor respeito.”*

*Mateus de Souza Vaz,  
estudante. Aluno e monitor do Jogo Aberto desde 2004*

Ao final desse um ano: “Bom, e agora?” Porque esses jovens ainda não estão prontos pra sair, na nossa perspectiva. Aí, foi criado um projeto chamado Monitores. Nós selecionamos dois monitores para cada área, alunos que tinham um desempenho melhor, um interesse maior numa determinada área, frequência mais assídua, que tinham um perfil de compromisso com o trabalho. Então, nós tínhamos dez jovens em formação específica para agente comunitário, mais 130 participantes no esporte e 25 jovens na comunicação.

Esses projetos geraram ações desses jovens nas comunidades. Os meninos do esporte criaram animações esportivas na praia e em escolas da região. Os meninos e meninas do vídeo fizeram filmes de curta-metragem em que eles escreveram o roteiro, filmaram, fizeram tudo, e criaram um cineclube chamado “Olhos de Quem Sonha”, que fazia exibição de filmes nas escolas. Eles pegavam os filmes, discutiam, criavam o material de divulgação, se reuniam com a direção da escola, discutiam como passariam o filme.

*Felipe Pitaro Ramos,  
professor de educação física. Coordenador do FAC  
Esporte, coordenador pedagógico e coordenador de  
projeto, em Niterói e Rio de Janeiro desde 2001*



### **Programa Dois Toques**

Na unidade de Itaipu, em Niterói (RJ), foi implantado o Programa Dois Toques, que atendia cerca de 300 crianças e adolescentes. Com a mesma metodologia do Programa Virando o Jogo, o Dois Toques era desenvolvido no período complementar à escola com atividades de expressão oral e escrita, corporal e cultural. A partir de 2006, com o fechamento da sede em Itaipu, o programa fez uma parceria com a Fundação Municipal de Educação e passou a atender 150 crianças na Escola Municipal Eulália Silveira Bragança, na comunidade do Jacaré (em Niterói). No início de 2008 foi encerrado por dificuldades na captação de recursos.

# Um monte de quadras

**Anna Karla Rodrigues Freire,**  
estudante de pedagogia. Aluna do Virando o Jogo  
e do FAC e monitora entre 2002 e 2008



Fui pra Fundação Gol de Letra e vi que não era só escolinha de futebol. Tinha aula de dança, que eu adorava, literatura, educação física, embora eu não fosse muito fã de educação física. Eu gostava de ir, porque era um espaço com diversas coisas pra gente fazer, sem contar que costumávamos sair para conhecer outros lugares. **No meu bairro, Itaipu, não tinha nenhuma área de lazer, então abre uma instituição que tem quadra de futebol, informática, um monte de livros!** **Adorei!** Quando eu era criança, queria muito fazer balé. Minha mãe não tinha dinheiro, então, quando teve a oportunidade de participar da aula de dança, achei demais.

A minha primeira impressão, logo quando cheguei, e sem ter muita informação ao ver aquele monte de quadra, era de que só ia ter esporte. Mas, aí, eu descobri as outras atividades e achei as pessoas muito receptivas, carinhosas, professores diferentes daqueles que eu tinha referência, antes da Fundação Gol de Letra. Eles estavam interessados no que a gente tinha pra contar de novidade, eles perguntavam pela família da gente, das coisas que a gente fazia. Era um espaço que me deixava à vontade.

## Primeira vez de tudo

O que eu posso dizer que eu vivi com a Gol de Letra é que eu nunca tinha ido ao cinema e, com os meus nove anos, fui pela primeira vez. Fiquei superfeliz. Também fui ao Jardim Botânico e o mais engraçado é que eu me senti quase um adulto. Essa é a pequena e, ao mesmo tempo, grande história que vivi com a Fundação Gol de Letra. **Áquila Machado Gomes,** estudante. Aluno do Programa Jogo Aberto em 2007 e 2008



# Gol na Itália

## Beatriz Pantaleão

Em 2002, Leonardo e eu fomos embora do Brasil de novo. Voltamos a Milão. Abri lá uma Associação Gol de Letra, passei a promover eventos, fazer coisas para arrecadar fundos para manter os projetos. O Brasil é um país muito sedutor. Agora, eu acho até que mudou um pouco, mas na época, existia muito uma visão de querer ajudar o Brasil. Então, tinha muitas doações pontuais. Tinha uma escola de tênis que fazia turnês de tênis, e a verba da inscrição era pra Gol de Letra. Faziam caminhadas, não sei do quê, e arrecadavam-se fundos. Jantares,

peças de teatro... Teve uma escola que promoveu um desfile, que também arrecadou pra Fundação.

Às vezes, tentava chegar também com projetos. **Eram projetos que a Gol de Letra me fornecia. Eu fazia a tradução e, depois, claro, tinha uma correção de uma italiana, e aí apresentava.**

A repercussão era muito positiva. Até hoje, mesmo eu tendo voltado, ainda existe essa associação. Claro que existem menos eventos, menos iniciativas, mas ainda existe algum trabalho lá.

# Troca cultural

## Cristina Bellissimo (Tina)

O Raí fez uma parceria com a França. Eu já estava saindo, e achei muito emocionante. Falei: “Olha que legal, porque agora a gente troca cultura.” “Vamos conhecer a casa do Monet.” **Você traz uma oficina de grafite da França, quer dizer, é um acesso pras crianças, para os interessados ali do bairro, de trocar cultura mesmo.** Um aprendizado duplo. Porque você vê o interesse dos franceses pelo que se faz aqui, pelas nossas coisas. Então realmente é uma troca.

## Um pé na França, outro na Itália

A Fundação Gol de Letra possui duas associações na Europa, a Associação Gol de Letra França e a Associação Gol de Letra Itália, fundadas em maio e dezembro de 2002, respectivamente. A existência oficializada da associação no exterior contribui para a captação de recursos e visa divulgar o trabalho social da Fundação, somente realizado no Brasil. Especificamente no caso da associação francesa, o objetivo é também facilitar intercâmbio de crianças, jovens, educadores e experiências pedagógicas.

Um exemplo de ação na Itália foi o show de Toquinho em Milão, em novembro de 2004, que reverteu renda para os programas de educação da Fundação Gol de Letra. Outro exemplo de ação é o torneio anual que acontece na França, desde 2003, e que inspirou iniciativa similar da Gol em São Paulo e no Rio de Janeiro. A Gol de Letra França é responsável por 20% a 25% do orçamento da Gol de Letra no Brasil.

*“Na Itália e na França, temos duas antenas a mais. Essas associações já nasceram com a missão de contribuir para o financiamento da Fundação Gol de Letra no Brasil.”*

Leonardo Nascimento de Araújo

# Um francês de dois mundos

## Jérémie Nicoläe Dron

A atividade anual, periódica que a Associação Gol de Letra na França tem é acolher o grupo do intercâmbio. Primeiro eles passam dois ou três dias em Paris. A associação francesa leva o grupo para fazer as visitas. Depois, o grupo vai pra Sport Dans La Ville, uma associação que fica em Lyon, no sul da França. A seleção das crianças que vão pra França tem critérios básicos de frequência, de assiduidade, de comportamento. A associação pede para os educadores indicarem alguns nomes, e vem quase que naturalmente. Sempre tem uns que se destacam.

**Mas a gente não vê essa viagem, esse intercâmbio como uma premiação pra eles, a gente vê como uma grande responsabilidade.** Eu sempre falo isso pra eles: eles não vão representar só a Fundação, vão representar o Brasil, então, é uma escolha que a gente faz sempre pensando nisso.

Geralmente, em Paris, tem umas visitas a alguns pontos turísticos, o Museu do Louvre, a Torre Eiffel, o Rio Sena. Em Lyon, eles vão direto para um acampamento, onde eles ficam duas semanas com vários jovens e educadores

franceses e participam de várias atividades: treino de futebol e de basquete, que é o foco da associação lá. Tem uma descoberta da região dos castelos e das cidades medievais, e tem uma parte de atividade mais de natureza, canoagem, trilhas nos rios, arborismo. Tudo isso é uma convivência muito grande.

Eu recebi um e-mail do Rafael, na época, que era um dos diretores do Sport Dans La Ville: “Olha, Jérémie, a gente gostaria que você também viesse para o acampamento, junto com os dois educadores da Fundação que vão estar.” Fiquei todo emocionado por ser convidado. Eu fui e descobri como era o acampamento, a convivência dos jovens franceses com os brasileiros. E percebi, logo, o meu papel: não me cansei de traduzir, de puxar as conversas, de tentar fazer os jovens franceses falarem com os brasileiros e vice-versa.

Nas noitadas, eu pegava o violão e tocava, e todo mundo gostou. Tem uma música que virou quase um hino no acampamento, que é a *Novidade* do Gilberto Gil. Eu ouvia os franceses voltando nos corredores pros quartos e cantando a música, que tem uns agudos bem agudos no início. Foi muito engraçado!

## Alunos da Gol pelo mundo afora

Desde 2002, ocorre anualmente o principal intercâmbio cultural da Fundação. Trata-se de uma parceria com a associação francesa Sport Dans la Ville, que visa à inserção social e profissional através do esporte. Esse intercâmbio acontece em abril, com a vinda de jovens franceses ao Brasil, e em julho, com a ida de jovens brasileiros à França. Da Fundação vai um grupo de oito adolescentes de cerca de 16 anos, e dois educadores. Entre as atividades estão visitas a locais históricos e interação esportiva entre os jovens das instituições.







## A trama e seus nós

Crescer é difícil. E amadurecer ainda mais. Exige da gente decisões muito sérias, profundas, existenciais até. Depois da fase de crescer e aparecer, vem a fase de amadurecer. Fase de dores e delícias, com a poeira já baixa depois de todo o entusiasmo inicial. Fase de colocar as coisas na balança, olhar para si, se autoavaliar e pedir a avaliação de quem confiamos. Fase de desatar os nós que ficaram na trama para fazer a história voltar a fluir.

Esse capítulo traz muitas questões enfrentadas no que se pode chamar de crise de crescimento da Fundação Gol de Letra. Divergências das áreas social e pedagógica, crise financeira, troca de equipe, novas coordenações, fechamento das atividades em Niterói. Todos acontecimentos que vieram para confirmar que a Fundação teve forças para olhar a crise usando como lente um dos valores que mais preza: a oportunidade. Tanto é que, entre o desatar de um nó e outro, boas notícias acabaram por vir: sedimentação da metodologia, surgimento do Jogo Aberto, FAC mais bem estruturado, engajamento na Lei do Aprendiz e inauguração da nova unidade no Caju (Rio de Janeiro/RJ).

Dizer que não existem mais problemas, que nada mais há por resolver, seria imaturo – o que já não combina com a atual fase da Fundação. Usando uma frase do próprio Raí: “Boa intenção, bom trabalho e energia. Só isso basta? Não. Tem toda uma realidade...”

## “Eu quero isso”

### Sóstenes Brasileiro S. S. V. de Oliveira

Eu sempre participei muito olímpicamente. É isso, aquilo, contrata, recurso, captação... Me envolvia nessa parte. Eu nunca pensei em colocar a mão na massa, porque eu achava que não era a minha. Mas ao ser secretário de Esportes em São Carlos, e começar a trabalhar com projeto social, tive quase que uma preparação mesmo. Então, quando o Raí me convidou pra vir trabalhar de fato na Fundação, foi mais natural pra mim. Ele me chamou porque a Fundação estava em crise, tinha um racha na equipe. Era 2002. Fui a uma reunião de planejamento. Acho que ali eu senti o ar que a Fundação tem, de que todo mundo fala quando vai lá, que sente uma coisa diferente. Primeiro, uma equipe absolutamente comprometida, mesmo aquela equipe que era rachada. Vendo a forma como eles estavam discutindo a Fundação eu falei: “Eu quero isso!”

Quando eu cheguei, a Fundação ainda tinha uma coisa muito de entusiasmo, de movimento.

**As Mulheres em Ação, os jovens que se aproximaram e tinham feito algumas coisas legais. A Fundação saía pra rua. Era um movimento, mesmo, o que fortaleceu a Fundação.** Mas o projeto em si não estava sendo avaliado, se as crianças do Virando o Jogo estavam sendo bem encaminhadas etc. Então, começamos a pensar mais em projeto mesmo, deixar a coisa mais sistematizada. Era uma fase em que a Fundação estava amadurecendo. Precisava disso.

E todos os dias fui aprendendo... O que era o Virando o Jogo, o Programa de Jovens, o Jogo Aberto, como é que funcionava a área de comunicação. O que a gente comunicava, como era a captação, eu tive que aprender tudo, tudo. Lembro que, quando deixei o grupo gestor, era uma coisa pequena. Quando voltei, dois anos depois, a Fundação tinha crescido muito, tinha explodido.

### Tinha um racha na equipe

Quando aceitei trabalhar lá, aceitei sem pensar muito. Eu vim como uma pessoa a mais e tal. Com o tempo, foi caindo a ficha... Tinha uma avaliação do Raí e do Leo de que as coisas não estavam indo muito bem. Teve a passagem de duas pessoas na coordenação pedagógica e, quando elas saíram, criou-se um racha entre as equipes. Eu pensei: “Opa! A coisa está feia.” Aí eu chamei o Raí e o Leo e, juntos, pensamos em uma série de coisas. O ambiente estava ruim e as relações, desgastadas. Decidimos tirar algumas pessoas e preservar boa parte delas. Então, quantas pessoas foram? Seis ou sete. Trouxe a Olga Lembo para a área social; trouxe a Mônica Zagallo para a pedagógica; a Cris Saito que era de captação; a Fernanda, de comunicação. Montei uma equipe. Foi legal, porque foi uma equipe que também se formou junto.

## Crise de identidade

Sempre trabalhei, desde o começo da Fundação, mais na área administrativa e, por isso, não participava muito de reunião pedagógica e tal... Ficava sabendo mais informalmente do que estava acontecendo. Teve uma época em que a Fundação contratou uma pessoa que era boa no que pretendia fazer, mas ao mesmo tempo, guinou a Fundação pra outro norte. A menina dos olhos da Gol de Letra sempre foi o Virando o Jogo, uma semente para o futuro das crianças. Mas ela privilegiou os jovens, fazia trabalhos focados em teatro, teve várias peças da fundação. **A concepção inicial parece que foi alterada e aí teve uma crise. Foi quando o Sóstenes chegou, bem calmamente, do jeito dele.** Bom, a gente começou a participar de reuniões, com uma visão mais empresarial, mas voltada para o Terceiro Setor: “Vamos fazer planejamento estratégico, vamos ver até onde a gente pode ir!” O Sóstenes implantou essa nova metodologia que eu acho que funciona até hoje.

**Luciano Pereira de Almeida,**  
administrador de empresas. Auxiliar de escritório  
e coordenador financeiro desde 1998



### Jovens vidas, velhos dilemas

Tanta coisa... Tanta Coisa foi o nome da peça de teatro encenada pelos jovens da Fundação em 2002, um ano profundo, cheio de acontecimentos. Foi um daqueles anos em que a gente se pergunta quando e como tudo começou, pois a gente não se lembra mais, diante do emaranhado de fatos a nossa volta, nos puxando para um lado e outro. Identidades compartilhadas, cúmplices, contra, a favor, complementares, divididas... Uma dança de afetos e sentidos marcou aquele ano. E eu estava lá, bailando. Participei desse momento intenso e também turbulento, como não poderia deixar de ser, por ser um ano desafiador, foi incrivelmente criativo. Um ano tão cheio de tanta coisa que é difícil pensar numa história, pois ele foi feito

de muitas. Tal como a peça Tanta Coisa, que falou da busca da identidade e da compreensão do mundo. Eu acho que essa peça, subjetivamente, representou a Fundação Gol de Letra naquele ano, que queria abraçar o mundo o mais rápido possível, entendê-lo plenamente, aqui e agora. “Jovens vidas, velhos dilemas.” Esse era o slogan da peça e, penso eu, também o da Gol de Letra de 2002, que experimentou o caos, a beleza e a dor de ser criativa, de ser o que é.

**Monica Kondziolková,**  
comunicóloga, assessora de relações interinstitucionais da União Marista  
do Brasil. Coordenadora da área de comunicação de 2001 a 2002

**“O Sóstenes e eu sempre tivemos muita identificação. Sempre tive admiração, ele sempre foi aquela referência de irmão mais velho.”**

Raí Souza Vieira de Oliveira

## Entre saídas e entradas, a retomada

*“É importante todo mundo saber do processo que foi chegar aonde a gente está hoje, saber que foi difícil, que realmente foi uma luta federal.”*

Jérémie Nicoläe Dron

## De mão em mão, segue o bastão

**Célia Yoshi Hara**

Não sei falar exatamente os motivos da minha saída. Foi concepção, foi um pouco ida e vinda entre a zona norte e a sul, onde eu morava. Eu recebera a proposta de implantar um projeto no Morumbi. Sempre é um conjunto de coisas. Saíram algumas pessoas. Tinha uma equipe muito interessante lá. Foi um momento muito bom, muito dourado!

**Sônia London**

Teve várias mini-crises. A saída da Tina, acho que isso foi mais institucional. Depois teve a minha saída, a saída da Célia. Nesse meio tempo, faltou, para as pessoas que entraram, pensar: “Qual é o nosso projeto mesmo? Que linha a gente quer?” Acho que ficou um tempo maior do que deveria sem eles terem muita clareza do que queriam. Depois, com a consultoria da Zélia, da Escola da Vila, ajudou bastante a retomar e ampliar o projeto pedagógico. Então, a coisa foi tomando um rumo de novo.

Depois, entrou a Olga, que era coordenadora de um outro programa da região. Fiz muita questão que fosse ela, porque ela já conhecia a comunidade. Eles tinham um vínculo muito forte comigo, mas você tem que dividir pessoal e profissional. Então, fiz essa intermediação com ela. Passei o bastão para ela para não ter ruptura.

## Duas áreas, uma família

**Sóstenes Brasileiro S. S. V. de Oliveira**

A área social mudou com a saída da Célia e a entrada da Olga. A Célia trabalhou muito a mobilização da comunidade. Uma ação importante para o início da Fundação. Então o Mulheres em Ação era a cara dela. Com a entrada da Olga, que era mais focada em família, as áreas social e

pedagógica começaram a conversar mais, tinham de trabalhar juntas também. A área social foi muito do perfil das profissionais e do momento pelo qual a Fundação estava passando. E aí, na verdade, esse trabalho com família acaba atrelando naturalmente a área pedagógica com a área social.



# Sob nova direção

**Olga Cristiane Lembo,**  
assistente social. Coordenadora da  
área social desde 2002

A minha chegada foi aquela coisa dos primeiros dias, primeiros meses, que você fica quietinha, observando. E a mim assustou bastante a marca da Fundação, que é fortíssima e maravilhosa, que é o protagonismo: envolver a comunidade todo o tempo, em todas as coisas. Acho que esse é o caminho da transformação. Mas, inicialmente,



## Programa Comunidades

No final de 2007, há uma reconfiguração da área social e cria-se o Programa Comunidades. Ele engloba o Projeto Arredores, que visa fortalecer a comunidade com ações educativas; o Projeto Família, que contribui para a proteção social por meio do acolhimento e de ações educativas para crianças e jovens atendidos, e suas famílias; e o Projeto Agentes Sociais, que visa à construção de projetos de vida individuais e comunitários de pessoas da comunidade capacitadas por profissionais de psicologia e assistência social.

falei: “Meu Deus, as agentes sociais fazem tudo? Elas entrevistam a família, visitam a casa, fazem encaminhamento.” Tinha que ter um limite, porque a ausência de formação deixava as agentes numa situação de fragilidade emocional, o que nem sempre era favorecedor para as pessoas atendidas.

Então, tiramos das agentes sociais as entrevistas e visitas domiciliares. Foi quando entraram as estagiárias de serviço social. Aí, eu tive uma população mais acadêmica, que fazia as visitas com um protocolo, com toda uma configuração de dados para que eu pudesse trabalhar com os educadores. E nossa grande tarefa era aproximar a área social da pedagógica.

Foi quando eu desmontei a sala da área social que todo mundo tinha arrumado. **Botamos tudo abaixo e fomos lá pro outro lado. Se queríamos fazer uma coisa que se configurasse pedagógica e social, não dava pra estar em prédios diferentes.** E aí os dados das famílias chegavam mais facilmente para os educadores, porque as crianças chegam cuspiando, chutando... E falávamos: “Calma, vamos ler o prontuário? Tem uma história por trás que a gente tem que respeitar. Vamos trazer essa mãe aqui.” E as coisas foram aparecendo. Eu e Mônica encorpamos a proposta.

O programa social tem muitas frentes de atuação. E todas as frentes são externas.

Você trabalha com a família, que é uma grande frente, que não está ali dentro. Você tem a comunidade para atuar, com espaços de formação, mobilização social, orientação. É outra frente. Tem a Rede Vila Albertina, o trabalho é se manter presente, atuante, trocar experiências com outras instituições. Todas essas frentes são coisas intensas, por isso precisamos ter uma equipe com pessoas da comunidade e com profissionais.



## Agentes sociais de cara nova

Para as agentes sociais, nós construímos um projeto de formação sobre questões de saúde, cidadania, família, vida comunitária. Elas começaram a entrar mais nas ações de mobilização e agora têm um papel especial de identificar questões sérias na comunidade e fazer com que cheguem pra gente. Também fomos configurando regras, critérios de entrada e de saída, para dar oportunidade para mais pessoas.

Muitas das agentes são mães de crianças e adolescentes dos programas. Então, se o filho está sendo atendido, e essa mãe é uma agente social, certamente a família tem uma proteção muito maior. **Muitas dão um salto qualitativo mesmo, voltam a estudar, despontam pra ser assistentes sociais, pedagogas, entrando na faculdade pra ser isso.** Já tive agentes sociais que apanhavam do marido e, com as atividades e toda a formação, conseguiram romper esse processo.

## Cada um com sua bagagem

As crianças trazem uma mala quando chegam na Fundação: vem a igreja, a escola, a rua, o tio... E a gente também leva as nossas. Então, com aquele bando de mala, realmente a educação de valores não é uma coisa tão simples. Mesmo porque ela não pode virar um dogma.

**Mônica Zagallo Camargo,**  
professora de educação física.  
Coordenadora pedagógica de 2002 a 2008

# Caça-talentos

**Valéria Donófrío,**

*psicóloga. Assistente de coordenação da área social e coordenadora do Programa de Jovens de 2005 à 2009*



Estava no RH na Tok & Stok e surgiu uma vaga na Fundação Gol de Letra. Foi um lugar por que eu me apaixonei. Comecei como assistente de coordenação na área social. A Olga queria um psicólogo para compor com ela, que é assistente social. Ela precisava estruturar um trabalho de capacitação na área. Era um grupo muito heterogêneo: mulheres mais jovens, outras bem mais velhas, homens, meninos. Ainda existiam as Mulheres em Ação e depois criaram os Agentes Sociais. Dois grupos que faziam a mesma coisa, só que os Agentes tinham bolsa. Então, as Mulheres em Ação estavam fadadas a acabar. Depois absorvemos no grupo de agentes boa parte das mulheres.

Quando entrei, as agentes não faziam mais visita. Eu dizia: "As agentes não podem fazer uma visita domiciliar oficial, mas podem fazer uma primeira visita para entender o problema, a gravidade, trazer para discussão." Tinha a questão da necessidade

de formação, mas também era preciso valorizar os talentos da comunidade. Fomos ajustando. Hoje, as agentes visitam uma casa, organizam uma ação, fazem projetos para a comunidade. Um grupo resolveu fazer oficina de reaproveitamento alimentar, outro de sexualidade, outro de ioga. A oficina de sexualidade acabou virando um projeto mesmo, por conta do patrocínio da Johnson. Já tem uns quatro anos aí. No primeiro ano da oficina, a gente tinha 13 meninas gestantes participando. Depois, caiu para oito, depois cinco, e esse ano só uma até agora.

Há um ano houve uma mudança. A Mônica me pediu para cuidar do projeto do Banco do Brasil, que é o de aprendizes. É uma parceria: nós fazemos uma formação em cidadania e educação básica, fazemos a seleção do jovem e acompanhamos pelos dois anos que ele fica no Banco como aprendiz. Fiquei fazendo um pouco das coisas que eu já fazia na área social e comecei a cuidar desse projeto.

## **Critério decisivo**

Recentemente, eu e mais uma agente social fomos a uma casa fazer uma pré-visita. Quando chegamos lá, a mãe disse que sai de manhã e deixa a criança sozinho em casa, pois ela é separada do marido e precisa trabalhar para sustentar o filho. Ela também disse que deixava tudo pronto, mas tinha medo que acontecesse algum acidente com ele na hora de esquentar a comida. Então, ela gostaria que ele fosse para a Gol de Letra. Hoje, essa criança está lá.

*Aparecida Brígida da Silva,  
dona de casa. Agente social desde 2008*

## **Ousadia pertinente**

Nossa aproximação com a Fundação Gol de Letra foi iniciada há alguns anos. Já desenvolvemos diversas atividades de prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, tanto com os educadores e agentes sociais quanto com os alunos. Um dos grandes saldos é o carinho e o respeito sobretudo das agentes sociais. Elas são pessoas muito especiais e, melhor que ninguém, conseguem traduzir os sentidos da prevenção às DSTs junto à comunidade.

*Neide Emy K. e Silva,  
enfermeira. Funcionária do Serviço de Análise Especializada de Santana,  
instituição parceira, desde 2002*



# Metodologia em ação

**Mônica Zagallo Camargo,**  
professora de educação física.  
Gerente pedagógica da Fundação de 2002 a 2008



Quando cheguei à Gol, tinham trocado cinco coordenações. Fui contratada com a Olga, na mesma leva. E isso foi fundamental, porque a gente viveu juntas aquele começo com sequelas do conflito interno. E já tinha aquela missão: “Vocês têm que fazer essas áreas se darem bem.” Foi muito trabalhoso chegar. **Tinha uma equipe que trabalhava junto, mas não trabalhava em grupo. Tinha a metodologia que estava mais no papel, não acontecia muito na prática.** Mas, quando você vai organizando as coisas, a metodologia vai se desenhando, e foi isso que foi acontecendo na Gol de Letra. O termo metodologia de projetos até já era usado, mas não da maneira como depois se organizou. Não tinha, por exemplo, um tema norteador por ano, como se trabalha hoje, nem essa estrutura de “aprender, conviver e multiplicar”. Foram coisas construídas com a equipe.

A metodologia da Fundação é muito pautada no conceito de quatro pilares da Unesco: aprender a

**“A gente tem que estar atento à nossa proposta, à nossa rotina. Mas não dá para ficar na mesmice. Tem que acompanhar o ritmo dessa comunidade, do jovem, da criança.”**

Patrícia Liberali Stelata

aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Mas a gente começou a olhar que, mesmo se baseando nos quatro pilares, a gente tinha um quê a mais na questão da convivência, a gente queria que essas pessoas multiplicassem. Aí é que vieram as três palavrinhas. Tem o aprender, que é o foco no sujeito. O que esse sujeito vai conseguir, seja uma criança, um jovem, uma família, independentemente do projeto, estamos falando da Gol de Letra. Tem a convivência, que é um benefício mais coletivo: aprender a construir objetivos comuns. Isso fortalece uma sociedade mais justa. E tem o multiplicar, que é a questão comunitária. São três benefícios: individual, coletivo e comunitário.

## Um tema como norte

A gente quer, sim, que eles tenham melhor desempenho na escola. Mas a gente também quer que eles tenham prazer em aprender. Por isso esse jeito diferente de tentar ensinar. Quando você tem um tema norteador – e aí nós vamos pular para Paulo Freire, pra estudar o que tem significado na sua vida – é pra ter esse lado gostoso da aprendizagem, pra criança perceber que as coisas se conectam. Lembro muito do África-Brasil, adorei esse tema norteador. Era ano de copa. Então, que países da África estão participando, como é que funciona o futebol na África, como é que foi a seleção africana na copa. Aí você estuda o mapa da África e consegue fazer um gancho com o futebol, que é uma coisa extremamente forte na vida deles; consegue estudar ideograma em artes plásticas. Isso tudo deixa o conhecimento muito mais gostoso.

# Estabilidade para atuar

**Maria Helena dos Santos Gonçalves,**  
professora. Estagiária e educadora desde 2000



Quando eu entrei, não tinha uma coisa assim: vocês vão trabalhar com projetos, esses projetos vão ser anuais e vão ter temas. Tinha duas recém-formadas em pedagogia, tinha a Zélia. Ela vinha com toda a experiência da Escola da Vila e, às vezes, dava uma consultoria; o Cenpec dava uma assessoria, pra orientar a gente pra projetos; e tinha uma outra pessoa que fazia uma formação com a gente de leitura e escrita. Mas não era uma coisa formalizada como é hoje. Era solto. Eu ajudei a escrever vários projetos de leitura e escrita. Cada ano, mudava uma coisa ali e acolá. **De uns anos pra cá, o planejamento de leitura e escrita é do mesmo formato. O objetivo geral, os objetivos específicos são os mesmos. Antes, a pessoa entrava e ia transformando do jeito dela.** Agora, a pessoa entra e, ou ela é flexível e se adapta a essa estrutura, ou ela acaba saindo. Porque as coisas já estão meio determinadas, o que dá estabilidade pra atuar. Então, cada pessoa que entrou, mudou um pouquinho. E agora, sim, eu acho que de cinco anos pra cá, a Fundação é uma estrutura.

**“Qual é o limite? O que é uma punição? É como educar filho, eu não sei se estou fazendo certo ou errado. E acho que essas crises existenciais fortalecem muito a equipe pedagógica, porque ela se entende.”**

Mônica Zagallo Camargo

## De professor a educador

A gente deixa de ser professor e passa a ser educador aqui dentro. Hoje já existe uma prática bem interessante. A primeira pergunta dos educadores do Jogo Aberto agora é assim: ‘O que tá acontecendo com esse menino que tá complicado? Vamos lá saber a história de vida dele.’ Agora eles e a área social já se relacionam diretamente.

Ângela de Carvalho Bernardes,  
ex-jogadora de vôlei da Liga Nacional e  
psicóloga. Coordenadora do Programa Jogo  
Aberto em São Paulo, de 2004 até hoje



**Patrícia Liberali Stelata,**  
pedagoga. Educadora formadora de Mediadores  
e Monitores de Leitura e Escrita (2001 a 2006)  
e Coordenadora do programa Virando o Jogo  
desde 2007

*“O dia a dia da Gol de Letra  
mostra quem você é muito  
rápido. São 120 crianças por  
período, correria pra tudo  
quanto é lado. Tem que ir de  
corpo inteiro, trabalhar de  
corpo e alma.”*

*Mônica Zagallo Camargo*

## Arrumando a casa

No final de 2001, eu, a Edi Fonseca e Andréa Rondinelli mudamos o formato de atendimento e estrutura-se o trabalho de formação de mediadores. As crianças ficavam soltas no intervalo com o educador. É quando a gente pensa em uma proposta de socialização com atividades pré-estabelecidas: bater corda, jogar uma bola. Eu cuidei da rotina do Virando o Jogo. Foi um ano de muitas mudanças...  
**Aí em 2003 são novos tempos, tempos de conquistas, amadurecimento.**

**A Mônica e a Olga tiveram que ter muita escuta pra conseguir organizar tudo.**

Foi uma reestruturação ali, junto com o Sóstenes. Formou-se um tripé pra organização. Por isso que hoje aquela história não aparece mais. A gente foi arrumando a casa. A gente começou a estruturar de fato o trabalho de formação dos jovens. Aí eu fiquei à frente disso, sozinha. E foi um outro desafio. Eu ali na ponta com os jovens, com essa organização da rotina do Virando o Jogo.

### Pra onde é que vai depois do FAC?

Em 2005 a gente começa com a formação de monitor de área. O que a gente começou a perceber? Lá no FAC, tinha os jovens que ficavam dois anos e, depois, pra onde é que vai esse jovem? Tinha o jovem que se destacava. Opa, para o educador do Virando o Jogo ter alguém junto é importante. É bacana esse movimento de volta deles. Eles entenderem que aquilo pertence à comunidade. A Ariana, que hoje é estagiária do Leitura e Escrita, foi minha aluna lá atrás. A gente tem que acreditar, por mais demorado que seja o processo, por mais simples e tênue que seja essa mudança.

**Era uma vez...**

Essa é a história de um garoto que, ao preencher uma ficha qualquer, conheceu uma nova família. Esse garoto encontrou muitas pessoas legais e amorosas que sempre o incentivam. A história desse garoto é a minha história, de um monitor de educação física que aprendeu muito com as amizades e alegrias da Fundação.

**Felipe Alberto dos Santos Palos,**  
estudante. Monitor na área de educação física do Programa Virando o Jogo desde 2008

# Articulação jovem

## Mônica Zagallo Camargo

Antes, o FAC era menorzinho, ele tinha música, teatro, audiovisual. Mas não tinha tantas oficinas, era um trabalho mais de oficinas isoladas. Não tinha um projeto em comum. Isso começou depois também. A gente começou a ter fóruns, sarau, projetos desenvolvidos pelos jovens. **E essa é a questão da metodologia, ela tem que estar tão enraizada nas pessoas que fazem, que todo mundo, de alguma forma, faz algumas coisas iguais.** Que é, por exemplo, multiplicar pra comunidade. Então, antes, só professores que tinham mais jeito e gostavam de sair pra comunidade, é que saíam. Mas se todo mundo vai multiplicar, então, todo mundo vai sair. E sair mobiliza, chama a comunidade, os outros jovens veem que tem o programa.



## Programa de Jovens

O Programa de Jovens é o nome atual do antigo FAC (Formação de Agentes Comunitários), iniciado a partir dos Projetos A Cara da Vila” (julho/2000 a agosto/2001) e A Turma da Vila (julho/2001 a junho/2002) na unidade paulista da Gol de Letra. O programa tem como proposta atender jovens entre 14 e 21 anos. É uma alternativa para os jovens que saem do Virando o Jogo. O Programa de Jovens foi desenvolvido na unidade de Niterói, entre 2003 e 2006, ainda sob a denominação de FAC. Em 2008, atendeu 126 jovens, oferecendo oficinas de audiovisual, artes visuais, grafite, desenvolvimento pessoal, além de atividades no Núcleo de Projetos, do Programa Aprendiz do Banco do Brasil e da oficina de marcenaria da Leroy Merlin.

Então, onde tem jovem? Dentro do Virando o Jogo, tem o programa de monitores. Tem os jovens na mediação de leitura. Tem jovens em vários lugares na Gol de Letra... Tem os jovens que realizam projetos de intervenção na comunidade, os jovens monitores do Jogo Aberto. E tem outras parcerias menores, como a dos aprendizes no Banco do Brasil, a oficina de marcenaria da Leroy. São várias estratégias, o que eu acho muito legal, porque, pro jovem, diversidade é muito importante. Não dá pra colocar o jovem no formato Virando o Jogo, com horariozinho todo dia e tal. Para eles, as aulas de música, capoeira, dança são à noite, menos vezes por semana.

## Produtora executiva

Teve um grupo de jovens que fazia oficina de música e gravou um CD com músicas próprias chamado “Nobai”. O processo foi muito legal. Marcou bastante. Eu virei produtora executiva do CD, mas não sabia fazer nada. “Ah, tem que fazer masterização.” “A-ham, e aí, como é que faz essa tal de masterização?” Teve o lançamento. Teve um show. Foi maravilhoso. Levamos a comunidade até o teatro. O CD foi distribuído em alguns eventos nossos.

# Daqui pra frente, tudo vai ser diferente

## Valéria Donófrío

Durante um semestre, a Mônica, que era gerente pedagógica, ficou cuidando do FAC, na coordenação do programa. Aí a Mônica disse: “Olha, a gente precisa de uma coordenadora para o Programa de Jovens ...”

## Artistas e aprendizes

Tinha uma discussão sobre o futuro do FAC. Uma parte da Fundação entendia que os jovens precisavam de projetos que os preparassem para o mercado. E o FAC tinha mais oficinas culturais e artísticas. O cara da comunidade tem que ajudar em casa. É uma realidade. Existia essa discussão. Mesmo porque nós estávamos num *boom* da Lei da Aprendizagem, de que o Raí é um grande idealizador. Ele fundou uma outra ONG, chamada Atletas pela Cidadania, cuja bandeira atual é o cumprimento dessa Lei. É colocar 10 mil aprendizes até 2010 no Brasil, nas empresas e na área pública.

E aí essa discussão vinha, claro, tem que vir. A obra que não se revê não se renova. E o FAC, que acabou mudando para Programa de Jovens, já vinha na discussão. Também precisou ser revisto por uma questão orçamentária. Saiu a coordenação e

Acharam que seria interessante oferecer para alguém de dentro da casa. Falaram: “Bom, a Valéria já está cuidando do Banco do Brasil, que é o Programa de Aprendiz... Assumir o Programa de Jovens para mim foi

metade da equipe, e eu assumi o programa. E como é que está hoje? O projeto tem dois eixos. Ele tem o eixo “Rumo à Cultura”, que são as oficinas culturais, e o eixo “Rumo à Empregabilidade”, que são duas oficinas de desenvolvimento pessoal e o polo de informações. E, para todos os eixos, nós ainda temos o núcleo de projetos. **Então, o jovem que tem um quê mais protagonista, continua na oficina, mas pode ir para o núcleo escrever um projeto social para a comunidade.** Quero criar um eixo chamado “Rumo à Universidade”, com um cursinho comunitário. Aí eu vou estar feliz. Eu vou ter cultura, trabalho e educação realmente. Vamos ver se a gente consegue. No início do programa, nós tínhamos jovens de 18, 19, até 20 anos. Hoje, a gente priorizou o atendimento de quem sai do Virando o Jogo com 14 anos. Antigamente, eles

diferente, porque eu trabalhava muito com as famílias. Era a primeira vez que alguém da área social ia migrar para a pedagógica. Aí continuei com o Banco do Brasil, assumi a Leroy Merlin, e todo o Programa de Jovens.



só podiam entrar na Fundação com 15, então a gente perdia aí uma janela de um ano. Vamos manter o cara aqui dentro, ele estará protegido. Proteção social, não é? Aí foi bom, porque a gente está atendendo um público continuamente, que entra com sete e sai com 18 anos.

# Perfil 2 em 1

**Ângela de Carvalho Bernardes,**  
ex-jogadora de vôlei da Liga Nacional e psicóloga.  
Coordenadora do Programa Jogo Aberto, em São  
Paulo, desde 2004

## Jogo educacional

Quando o Jogo Aberto foi criado, tive minhas dúvidas: 'Ah, eles estão indo pro lado esportivo, estão perdendo um pouco a identidade.' Mas depois comecei a trabalhar com esse projeto e, conversando muito com a Ângela Bernardes, percebi que, com a metodologia da Fundação, o projeto esportivo vira um projeto educacional também. E isso faz uma grande diferença!

Jérémie Nicolãe Dron

## Jogo Aberto

Antes chamado de FAC Esportes (Formação de Agentes Comunitários em Esporte), o Programa Jogo Aberto foi implantado em setembro de 2004, em um núcleo próximo a unidade Gol de Letra de São Paulo, utilizando o esporte e o lazer não apenas como práticas físicas, mas como meio de aprendizagem e formação. É composto por futsal, tênis, vôlei, basquete, handebol e capoeira. Cada modalidade possui dois monitores. Em 2006, o programa é iniciado no Caju, composto por dois projetos: Jogos do Mundo e Mensageiros da Água. Em 2008, atendeu, em São Paulo, 550 crianças, adolescentes e jovens (7 a 18 anos). No Rio de Janeiro, 160 crianças e adolescentes, de 7 a 14 anos, e formou 9 jovens monitores, de 15 a 21 anos.

Havia uma vaga na Fundação Gol de Letra para o programa de esportes que ia começar. Lembro que a Mônica Zagallo, que eu já conhecia, disse: "Eles estão na dúvida se contratam alguém da área de humanas ou de esportes. Você tem as duas coisas: psicóloga e atleta! Vem para cá!" Eu fui. A quadra ainda estava sendo construída. Conversei com o Marcelo Jabu, que havia escrito o projeto esportivo, e com o Sóstenes.

**O Marcelo me deu o papel, a receita de bolo: "Ó, é assim que está aqui. Vê o que dá para fazer.** Eles sempre quiseram criar um

## Tema fechado, cabeças abertas

A Fundação começou a implantar esse trabalho de metodologia de projetos, se não me engano, a partir de 2003. E o tema norteador faz parte da metodologia da Fundação. Os educadores e os jovens monitores escolhem o tema do Jogo Aberto pro ano seguinte. Mas o garoto vem aqui para jogar basquete, ele não quer só ouvir falar sobre a reciclagem do plástico. Então, **o desafio dos educadores é fazer com que o tema norteador seja interessante para a aula e não um trabalho a mais.**

programa de esportes, mas não queriam que fosse confundido com escola de esportes." A proposta era trabalhar esporte educacional, que tem de incluir todos, não tem o mais talentoso, o menos talentoso.

Era de 13 a 16 anos para a prática esportiva e de 16 a 18 para jovens monitores. Quando comecei, o nome era FAC Esportes, Formação de Agentes Comunitários em Esporte. Mas só os 16 jovens monitores eram agentes comunitários... Não tinha sentido o programa ficar com o nome da minoria que ia atender uma maioria de 180. E aí, desde 2006, ficou Jogo Aberto.

O que acontecia antes é que vinha muito jovem querendo jogar futebol e a gente falava: "Oh, não tem vaga. Você quer fazer handebol?" "Ah, não, não gosto." "Não, experimenta a aula, se você não gostar, faz basquete, ou faz vôlei." De uns tempos para cá, a maioria já procura o programa para fazer qualquer modalidade. Acho que já acostumaram, já sabem que ali todo mundo vai jogar, vai se divertir.



## Firme e forte nas escolas públicas

### Jérémie Nicoläe Dron

Eu já trabalhava no Lazer aos Sábados, era voluntário. E, na época, recebi uma ligação do Sóstenes, porque a professora de tênis do Jogo Aberto ia sair. Eles tinham pensado em mim para substituí-la. Fui lá falar com a Ângela Bernardes. Então, passei a dar aula de tênis durante a semana. Uns dias na sede do projeto, que é fora da Fundação, e outros nas escolas públicas. Conseguimos ir pras escolas porque o projeto foi financiado por uma empresa francesa que se chama Decathlon, de material esportivo.

Não é tão fácil não! Percebi o quanto eram difíceis as condições de educação no Brasil. Teve uma criança que eu chamei, na segunda ou terceira aula que eu dava pra ela. Ele veio e falou: “Como é que você sabe o meu nome?” “Ah, eu já te dei duas aulas.” “Mas a minha professora não sabe o meu nome!” Um retorno bastante forte. A gente tá sempre presente, nunca falta, isso é uma coisa também que marcou não só as crianças, mas a escola. E a escola acabou aceitando nossa atuação, porque a gente estava sempre lá, firme.



*“Quero que o Jogo Aberto fique três, quatro anos numa escola e depois procure outra, pra gente poder fazer o mesmo papel de desestabilizar o colégio para ele achar outro equilíbrio, criar ele mesmo outros espaços de aprendizagem para seus alunos.”*

Ângela de Carvalho Bernardes

## Do quebra-quebra à quebra de padrões

### Ângela de Carvalho Bernardes

Apesar de ter duas quadras lá na sede da Fundação, elas são utilizadas no Virando o Jogo. Não teria espaço para fazer um programa de esportes, que também atenderia de manhã e à tarde. Naquele espaço onde a gente está já tinha outra ONG, a Promove. Então foi uma parceria nossa com três instituições: poder público, Promove e Fundação Nike, que financiou o projeto e a construção.

Eu cheguei para coordenar um programa de esportes e tive que lidar com a questão do

tráfego. Se são pessoas que fazem parte da comunidade e gostam de esporte, eu tenho que atender. Vivemos situações muito interessantes ali, de invasão, de quebra-quebra, de roubarem tudo do espaço da ONG vizinha. De a gente chamar, conversar e eles devolverem tudo. Mas com certeza foi o maior aprendizado meu dentro desse trabalho, que não tem a ver com o esporte, tem a ver com uma comunidade que tem aquele estilo de vida e de resolver as coisas.

## Recorte social

### Olga Cristiane Lembo

A presença do tráfego, muito forte, é um recorte de problema social da zona norte. A marginalidade, a vida de uma maneira precária: tem água, luz, mas nem sempre de uma maneira oficial; a coisa das ligações clandestinas, a casa adaptada. O número excessivo de pessoas na casa, o abuso de substâncias psicoativas, que podem ser drogas, álcool. Enfim, tudo isso traz essa marca da vulnerabilidade da comunidade.

*“A falta do dinheiro em si é o de menos. Mas a pobreza é associada com falta de formação, de acesso, com o estigma. A pessoa não tem a menor sensação de que ela pode dirigir o próprio destino.”*

Cristiana Mercadante Esper Berthoud

### Promove Ação Sociocultural

A Organização Promove Ação Sócio Cultural foi fundada em 1989, quando oficializou o que já realizava: ações socioeducativas e de formação profissional para inserção no mercado de trabalho. Na unidade da Vila Albertina, a Promove atende 120 jovens de 15 a 29 anos. A organização faz parte da Rede da Vila Albertina. Atualmente, compartilha com a Gol de Letra o espaço da SMADS (Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social), onde ocorre a maioria das atividades do Programa Jogo Aberto. Em conjunto, as duas organizações atendem atualmente mais de 500 usuários.

# Projeto agregado, conflito mediado

## Mônica Zagallo Camargo

Tem uma parte mesmo que é o contexto que exige adaptações. A gente não tinha na metodologia nada tão forte sobre mediação de conflitos, como hoje tem um projeto agregado à Gol de Letra pra isso. Por quê? Porque nasceu de uma demanda, de uma impotência nossa em lidar com os conflitos. Lá dentro, as

crianças com um nível fortíssimo de agressão verbal e física. A gente não tava dando conta. Aí, vem uma coisa que cola na metodologia. Hoje em dia tem um projeto agregado e, amanhã, acho que ele nem vai ser mais agregado, ele vai ser parte da metodologia da Gol.

## A cultura de paz

### Maria Helena dos Santos Gonçalves

A gente tem formação pedagógica duas vezes por ano – é uma capacitação. Uma em julho e outra em janeiro. Sempre uma semana antes das crianças virem. Tem uma questão muito forte de um ajudar o outro. Tem reuniões no horário de socialização, que é o recreio das crianças. Eu conto pros educadores o que é que aconteceu, aí eles ouvem, dão ideias. Quando alguém explode, sempre tem alguém pra acolher esse que explodiu, pra falar: “Calma.” E quando tem briga, sempre tem alguém que está de fora pra ajudar.

Nas reuniões com os pais também já foram feitas dinâmicas nesse sentido, de trabalhar com valores

e tal. Já teve um plantão de mediação de conflitos em que mães e pais se encontraram pra ter um mediador ouvindo cada lado da questão e sugerir que eles entrem num acordo. É a área social que cobre esse plantão.

A gente tem a cultura de paz com uma das linhas de trabalho há pouco tempo. Acho que começou ano passado, com a Mariane Feijó, que tem esse trabalho de mediação de conflito e cultura de paz com a PUC. E ela faz uma formação continuada com a gente. No nosso planejamento, ela está sempre presente. Do mesmo jeito que a gente tem preocupação de fazer o projeto funcionar, tem a preocupação de fazer a cultura de paz funcionar.

# Iluminar o interior para alcançar a visão

## Sóstenes Brasileiro S. S. V. de Oliveira

Pois é, a gente sempre tentou fazer muito planejamento, de uma maneira profissional. Num desses planejamentos, a gente tirou a visão que foi, na verdade, uma consolidação do que sempre dizíamos e queríamos, que é ser uma instituição de referência. Pra influenciar o meio esportivo, influenciar outras pessoas a fazerem projetos. E, pra chegar lá, naturalmente a gente começou a discutir a avaliação, precisávamos ter um resultado escrito, avalizado por alguém.

Em 2006, tivemos um seminário no Cenpec sobre avaliação de projetos sociais. Durou dois meses. Participaram o Wilson Costa, coordenador de Niterói, e a Mônica Zagallo, coordenadora de São Paulo. Eu participei de alguns. E aí decidimos que a gente queria algo mais qualitativo. A pessoa que nos

impressionou foi a Cristiana Berthoud. E aí conseguimos recurso junto à Fundação Kellogg, um projeto caro, e a contratamos. Foi muita discussão sobre avaliação lá dentro, um ano e meio... A partir de 2007, a gente queria se tornar uma organização de referência. Então, a gente tinha que correr atrás disso!

Foi um processo muito amplo. E a Cristiana Berthoud trabalhou muito sozinha, se apaixonou pelo projeto, se envolveu de um jeito que, nossa senhora! Lidou com muito dado, muita informação. Acho que a gente podia ter aprofundado mais. Mas, por outro lado, a cultura avaliativa que surgiu na Fundação depois disso é uma coisa que hoje funciona. Então, os resultados confirmaram o que a gente já esperava. Mas confirmaram com medida científica, metodológica, que a gente não tinha até então.

### Missão, visão e valores

Em 2003, A Fundação muda a sua missão, que até então era “Investir na formação de gerações de crianças e adolescentes capazes de transformar suas realidades, garantindo-lhes o direito à educação, à cultura e à assistência social”. No mesmo ano, também define sua visão e seus valores.

Missão: “Contribuir para a formação educacional e cultural de crianças e jovens, para que possam atuar com autonomia na transformação de suas realidades.”  
Visão: “Ser reconhecida como organização que desenvolve e dissemina práticas que contribuem para a transformação social.”

#### Valores:

- Dignidade
- Fraternidade
- Perseverança
- Solidariedade

*“Tudo o que aprendemos vai para uma caixinha, guardada dentro de nós. E cabe a cada um saber como levar, como sentir e como passar para o próximo.”*

Maria Sandra Soares Silva,  
operadora de marketing. Participante do Programa Virando o Jogo, do FAC e do Projeto Aprendiz de 2003 a 2008



## Arregaçando as mangas

Foi um começo muito legal, uma equipe altamente capacitada, humana. Fiquei encantada com eles! Comecei a ver todo o material deles. Vi que a unidade de Niterói funcionava de um modo bem diferente da de São Paulo. Tinha coisas que eles vinham já questionando há algum tempo em Niterói. Estavam longe das comunidades. Outra dificuldade: quando financiadores iam lá, achavam que a instituição era riquíssima, e não é. É uma fundação. Já existia também uma intenção de ir para o Rio de Janeiro. Daí a decisão de começar a avaliação por Niterói.

### Começa avaliação em Niterói

Uma coisa que me encantou foi o trabalho com as famílias. Os pais vinham com uma alegria para a reunião. Você via a mudança que a instituição estava promovendo também dentro da casa da criança. Uma mãe falou assim: “Sabe que eu levei um susto? Vim para a reunião como eu ia para a da escola. E quando chego aqui ninguém me perguntou do meu filho, veio perguntar de mim. Eu fiquei tão feliz! É um lugar em que eu podia falar de mim.” As instituições falham nesse aspecto, chamam uma pessoa que já é superdesfavorecida

só para apontar mais falhas, mais buracos na vida dela, não preencher nada.

E o processo em Niterói foi muito interessante. Tudo era compartilhado. Todas as decisões técnicas, eu mostrava opções. Era sagrado em minhas idas ter um workshop com todos os educadores. Ajudaram a construir instrumentos, questionários. **Era uma colcha de retalhos mesmo, a gente tinha que remontar a história de Niterói. Ouvimos mães, pais, crianças; visitamos todas as instituições que tinham ligação com a Gol de Letra** – posto de saúde, conselho tutelar, as escolas em que as crianças estudavam. Foi um trabalho imenso mesmo.

Lembro de quando houve a decisão da direção de realmente fechar a sede em Niterói, o Leonardo e a Beatriz foram para lá. Foi uma reunião muito difícil. O Wilson Costa que conduziu. Acho que 90% dos pais estavam ali, os monitores, os jovens. Foi um trauma para todo mundo. Eles viveram toda uma situação de luto, de um lugar em que estavam havia quase seis anos.

**Cristiana Mercadante Esper Berthoud,**  
psicóloga e professora universitária. Coordenadora da primeira avaliação, entre 2004 e 2005



## Tudo era custoso

**Cezar Augusto Lago Marques,**  
jornalista. Voluntário e diretor da  
unidade de Niterói entre 1999 e 2008



O espaço de Niterói funcionava perfeitamente bem, era superbem avaliado. Mas existia uma coisa dentro de todos nós, de que poderíamos fazer um trabalho melhor se estivéssemos dentro da comunidade. Facilitaria até a relação da Gol

com a escola, com os professores, com o estudo. Então esse foi o pensamento. E a unidade de Niterói era um espaço enorme, com 13 mil metros quadrados, o que aumentava todo o custo operacional.

*“Niterói estava num momento complicado; atrasaram parcerias e tivemos que tomar a decisão de fechar num tempo curto. Mas acho que a gente deixou lá muitos benefícios de formação de jovens e de mobilização comunitária.”*

Rai Souza Vieira de Oliveira

## Da Ilha da Fantasia pro Jacaré

**Beatriz Pantaleão**

Não digo que tenha sido um erro, porque acho que toda experiência é válida, serve pra gente crescer e aprender. Mas atendíamos cinco comunidades, um ônibus circulava pra pegar as crianças, tinha um problema seríssimo de evasão. Na Vila Albertina, isso nunca aconteceu, as crianças sempre tropeçam ali na Fundação, está no entorno. **Foi aí que a gente tentou mudar o formato de Niterói, indo pra dentro da**

**comunidade e se estabelecendo dentro de uma escola municipal. Ficamos por lá dois anos.** Foi bom mudar, porque lá na sede, em Itaipu, era um pouco uma “Ilha da Fantasia”. Então, quando a gente foi pro Jacaré, era tudo mais improvisado. Lembro que a biblioteca ficou dentro de um contêiner. A escola disponibilizou algumas salas. Mas não tinha uma sede, uma estrutura formal.

## Em busca das comunidades

**Felipe Pitaro Ramos**

Em 2005, a Fundação percebe que precisa estar mais perto da comunidade em Niterói, e que também precisa abrir uma frente de trabalho no Rio de Janeiro. Daí, foi feita uma pesquisa: “Como e onde isso vai ser feito?” Em Niterói, buscou-se a Fundação Municipal de Educação, órgão da prefeitura que controla as escolas e, no Rio de Janeiro, foi feita uma pesquisa junto ao setor de

responsabilidade social da Firjan [Federação das Indústrias do Rio de Janeiro] e ao Observatório de Favelas, para identificar que comunidade teria o perfil de receber o nosso projeto. **Em Niterói, tudo fechado com a Secretaria de Educação, o projeto foi transplantado da sede para dentro da Escola Municipal Eulália da Silveira Bragança, no bairro do Jacaré.**

Lá foi feita uma cópia do projeto Dois Toques, só que adaptada em função das demandas da escola. De 300 crianças que eram atendidas em Itaipu, passaram a ser 150. Esse projeto funcionou em 2006 e 2007 e, no início de 2008, foi extinto por falta de recursos. Já na cidade do Rio de Janeiro foi criada uma cópia do Projeto FAC Esportes, na comunidade do Caju.



*“Quando não tinha a Gol de Letra, era tudo chato, ninguém brincava, ninguém se conhecia, ninguém conversava. Eu mesma não falava com as minhas vizinhas.”*

Auana Santos Lazzaroni,  
estudante. Participante do Programa Jogo Aberto  
desde 2006

# Começo mais maduro

## Raí Souza Vieira de Oliveira

Quando começamos em São Paulo, tivemos seis meses de aproximação com a comunidade, e tudo com assessoria. Então, quando a gente chegou ao Rio de Janeiro, já tinha certo *know-how* pra isso. **Fizemos um estudo profundo em várias comunidades com números, com histórico, e já com profissionais que estavam trabalhando em Niterói. Isso**

## O bairro do Caju

Localizado na área central da capital do Rio Janeiro, o bairro do Caju fazia parte da antiga Fazenda Real de São Cristóvão, depois foi loteado, em meados do século 18, em chácaras de veraneio. Com a vinda da corte portuguesa, transformou-se em área portuária para exportação de café, entre outras atividades. Nos anos 40, o bairro torna-se predominantemente industrial. A atividade pesqueira também sempre teve destaque, e ainda é exercida no Caju. A maior parte da população é formada por migrantes que, a partir de 1950, ocuparam aterros sanitários, manguezais e áreas de aclaves que constituem hoje o complexo de favelas do Caju. As principais favelas, segundo o Instituto Pereira Passos (IPP), são: a Quinta do Caju, a Ladeira dos Funcionários, Parque São Sebastião, Parque Nossa Senhora da Penha (Manilha), Parque Alegria, Parque da Boa Esperança (Chatuba), Parque Conquista e Vila Clemente Ferreira. O processo de favelização intensificou-se nos anos 70,

**nos deu uma radiografia importante da região do Caju.** A gente teve como estratégia de início trabalhar em parceira com as associações próximas. A própria sede do Caju era numa associação de bairro. Então, foi uma coisa bem gradativa, tivemos dificuldades, mas a gente foi crescendo pouco a pouco até chegar ao nosso espaço, que hoje está lá e é maravilhoso.

com migrantes absorvidos pela construção civil. O Complexo do Caju só conta com um posto policial e uma escola pública – nenhum posto de saúde. A renda domiciliar média no Caju é de R\$ 215, contra R\$ 790 nos demais bairros cariocas.

## Gol chega ao Caju

No início de 2006, a Fundação Gol de Letra começa a atuar no Caju. As atividades eram desenvolvidas em salas alugadas ou cedidas por associações de bairro. Em 2008, a Fundação firmou uma parceria com o S.O.S (Serviços de Obras Sociais) e o Rotary Clube, que ofereceram uma área de 891,57 m<sup>2</sup> para ser utilizada mediante reforma. O novo espaço passou a atender centenas de crianças e jovens do Programa Jogo Aberto, alunos da Escola Municipal Prof. Walter Carlos de Magalhães Fraenkel e moradores das oito comunidades do bairro do Caju. Em abril de 2009, inaugurou o Centro Cultural Gol de Letra, com biblioteca comunitária, auditório com projeção, sala multiuso, entre outros equipamentos.

# Rota de fuga

## Cezar Augusto Lago Marques

Particpei do processo da implantação. Todos queríamos que as atividades acontecessem dentro da comunidade. **Logo no início, montamos um laboratório de informática dentro da favela Chatuba, no Complexo do Caju. Aluguei o lugar, pintamos letreiro...** só que nós não sabíamos que ali era uma rota de fuga, tinha uma “boca” perto. Então no dia em que a gente estava terminando as instalações do laboratório, teve um flagrante na “boca” e começou um tiroteio. Os funcionários na minha frente, ali, me olhando. Todos nós ficamos mexidos. Depois nós mudamos, fomos para outro lugar, que é o que estamos hoje, um pouco mais afastado dessa linha de frente.



## Por um fio

Sou aluna da Gol da Letra e moradora do Caju. Como em outras comunidades, temos tiroteios. E, em um desses, eu fiquei bem no meio. Foi horrível a sensação de não morrer por um fio! Conheço gente que se esconde até debaixo da cama para não ser atingido por bala perdida.

**Maria da Guia Ávila do Nascimento, estudante. Participante do Programa Jogo Aberto, na unidade do Caju, desde 2008**



# Ligando os motores no Rio

## Felipe Pitaro Ramos

O Caju ficou com o projeto de esportes, mas já tinha incorporado, para os monitores, a leitura e escrita e a informática, porque nós copiamos o FAC Niterói e tínhamos 12 jovens em formação. Em 2008, esse projeto passou a ter a leitura e escrita e a informática para todos os participantes. De 2008 pra 2009, nós inserimos a biblioteca e o projeto de educação ambiental Mensageiros da Água, em parceria com a France Liberté, instituição da Danielle Mitterrand, pra desenvolver a consciência de meio ambiente no Caju. Isso a princípio era feito com jovens, mas agora é feito com as crianças. Então, modificações foram sendo feitas em função da demanda que a gente tinha.

Quando eu vim para implementar a Gol no Rio, ia conversando com um e outro, até as

pessoas confiarem na gente e se vincularem. Mas, no primeiro ano, a gente teve 80% de evasão. As pessoas pensavam que fosse ser uma escola de futebol pra crianças saírem dali para um clube. Fiquei feliz com os 20% que sobraram. Ficou quem queria. E esses 20% foram gerando uma mobilização que fez a evasão cair pra 15% no segundo ano. E neste ano, caiu pra 10% e tem uma fila de espera. Então, quer dizer, foi sendo criada uma cultura para aceitar nosso trabalho.

Foi importante ir pro Rio, porque a ideia dos instituidores era a de efetivamente fazer um trabalho que formasse opinião na cidade. E o Rio sempre está nas manchetes pelo problema social. Niterói era um trabalho sério, positivo, mas numa dimensão pequena se comparado ao que o Rio poderia trazer, até para a sustentabilidade da instituição.

*“Eu diria que conquistar a comunidade é um desafio tão grande como a captação de recursos.”*

*Beatriz Pantaleão*

## Esse é o Caju

A Fundação Gol de Letra tem informática, fizeram quadra, campo de areia, botaram telha no campo e na quadra. A biblioteca é cheia de livros, a brinquedoteca é cheia de brinquedos e desenhos. Tem também a cinemateca, em que a gente vê filmes todos os sábados. Aqui na comunidade não tem muita área de lazer; tem muita poluição, não tem campo, não tem parquinho para as crianças brincarem. Tem o outro lado do muro que tem muitos contêineres e o ferro velho. Quando tem o tempo de pipa, os meninos soltam muita pipa, e o espaço é muito grande. Esse é o Caju.

*Gustavo Cantanhede Alves, estudante. Participante do Programa Jogo Aberto de 2007 até hoje*



## A Fundação em período de provas



### Cristiana Mercadante Esper Berthoud

Depois de toda a avaliação lá em Niterói, e de acompanhar o início das atividades no Jacaré e no Caju, eu fiquei basicamente aqui em São Paulo. Daí a gente fez, na Vila Albertina, um trabalho muito semelhante de modo geral, mas claro, com as especificidades de projetos maiores, muito grandes, audaciosos.

A avaliação da Gol de Letra aqui de São Paulo foi extremamente bem-sucedida, um programa para crianças de todas as idades, impecável! A gente fez uma planilha do que seria avaliado, quais indicadores. Então, toda aquela rotina de novo: entrevistar os pais, conversar com os professores da escola, falar com todas as entidades ao redor, do Tremembé, da Vila Albertina. E com as crianças, o que a gente avalia? Você está num projeto social dando um curso de música, mas o objetivo não é eles saírem dali músicos, mas usar uma linguagem, um instrumento pra mexer com a pessoa. A arte educação é um meio. **Uma coisa que é fundamental em programas sociais é conseguir mudar a auto-estima das pessoas. É a mola essencial, senão não adianta.** E isso nos resultados da avaliação da Gol de Letra foi maravilhoso.

*“Quem não acredita que o ser humano muda e se transforma não pode ficar ali na Fundação.”*

Patrícia Liberali Stelata

## As coisas não iam bem

### Mônica Zagallo Camargo

O processo de avaliação durou dois anos, e a minha expectativa, depois disso, era a disseminação. Mas a avaliação acabou terminando de uma maneira um pouco tumultuada. **Estávamos com questões financeiras, as coisas estavam meio confusas.** E aí veio o Projeto Atletas pela Cidadania, do Raí, com foco na Lei do Aprendiz e, junto, uma discussão muito grande de como trabalhar com a Lei do Aprendiz, que é muito legal, mas a equipe estava menor... As coisas não iam bem. Niterói fecha. Algumas pessoas em São Paulo são demitidas. E aí ficou um clima ruim.

Teve um fato muito desgastante emocionalmente, que também contribuiu pra minha saída, que foi o falecimento de um menino. A gente teve um atropelamento que eu socorri, eu e a Ângela. Mas o moleque teve duas paradas respiratórias e duas cardíacas na minha mão. A sensação de impotência tinha sido muito grande. Logo depois, o outro caiu do vão-livre do Masp, num passeio com a Gol. Ele resolveu fazer uma brincadeira de adolescente e foi uma fatalidade. Aquilo me deixou tão sem chão. Cheguei à conclusão de que talvez fosse bom, profissionalmente, me afastar um pouco da ponta. Pra mim acabou ficando difícil, mas hoje, olhando de fora, eu falo: “Pô, que legal que fulano conseguiu superar.” É legal ver que as pessoas conseguiram superar juntas.

*“As pessoas pensam:  
‘Aqui deve estar chovendo dinheiro.’  
Não é essa a realidade;  
é muito difícil a captação.”*

Eduardo Hatada

## Os dois meninos Luís

### **Maria Helena dos Santos Gonçalves**

Era eu a educadora que estava com o menino que caiu. Era um passeio no Masp e, no final, eles estavam tomando lanche. Esse menino estava fazendo umas gracinhas, de andar naquele murinho, no parapeito do mirante que tem lá. E tem um jardinzinho ali. Eu falei: “Não, acabou!” Os amigos dele falando assim: “Sai daí que logo, logo o segurança vai vir brigar com você.” Não sei o que se passou na cabeça desse menino. Não sei de verdade se ele sabia o que estava fazendo, se sabia que aquilo era alto. Ele desceu, depois saiu correndo e pulou aquele parapeito. Eu ficava sempre pensando por que eu não tive nenhuma reação pra impedir, mas foi tão rápido e tão inusitado...

*Você não vai imaginar que uma criança, um adolescente de 13, 14 anos vai sair correndo e pular do parapeito do nada, de repente!* Aí ele foi direto pro chão, e eu fiquei parada. Ninguém acreditou. Alguém chamou o resgate. Saí correndo, falando assim: “Luís Felipe caiu, Luís Felipe caiu!” E Luís Felipe era o menino que, na semana anterior, ao sair da Fundação, foi atropelado ali na frente. Esse do Masp era o Luís Guilherme. Aí entramos na ambulância, uma parte voltou pra Fundação, a gente foi até o hospital, mas não teve jeito. Uma coisa, nossa, terrível. A gente deu bastante apoio pra família, fez tudo que podia fazer.



## E a vida continua...

### **Patrícia Liberali Stelata**

Do ano passado pra cá, não ter mais a Mônica, que era a pessoa-referência pra Fundação, pra área pedagógica, foi muito difícil. Foi quem construiu e sistematizou muitas coisas ali com a gente. E ficar sem a Mônica... *Eu falava assim: “Será que a gente dá conta?” E respondia pra mim mesma: “Dá conta! A equipe dá conta, a gente consegue!”* É uma pessoa muito importante, que foi muito importante pra Fundação, mas a gente consegue caminhar com as próprias pernas. E como vai ser isso? Então, o ano passado foi um outro momento de adaptar. E acho que até é uma das coisas que também me mantém lá.

## Coordenações unificadas

Entrei na equipe de Desenvolvimento Institucional no final de 2008. Foi um momento para entender como estava a equipe, quais os desafios, já que as Coordenações de Captação de Recursos e Comunicação foram unificadas. *Ter trabalhado no braço de investimento social de uma empresa e, agora, na ponta da linha, só enriqueceu o meu olhar.* Como em muitas outras instituições, a equipe é enxuta, o que exige muito dinamismo e um olhar atento sobre os diversos públicos. Existe um trabalho constante da equipe de Desenvolvimento Institucional que busca fortalecer a imagem da Fundação e garantir sustentabilidade e credibilidade aos projetos e à Instituição.

### **Fabiana Makio Saito,**

*relações-públicas. Coordenadora de desenvolvimento institucional desde 2008.*

# Mão na massa

## Beatriz Pantaleão

Quando eu já estava mais adaptada, organizei a vida depois da volta da Itália, tive estrutura para assumir a reconstrução da Gol de Letra no Rio. E eu me lembro de um episódio que marcou pra mim. **Quando o Raí foi para Niterói para fecharmos, ele achava que precisaria fechar tudo, fechar o Jacaré e o Caju também, que estava só começando.** Realmente a gente não tinha disponibilidade de verba como aqui em São Paulo, pelas leis de incentivo estaduais e municipais. Enfim, mas eu brinco que foi no caminho do Aeroporto Santos Dumont até a sede, em Itaipu, que eu convenci o Raí de não fechar o Caju! Era uma estrutura muito menor do que Niterói, não tão cara. Isso foi fevereiro de 2006. Minha trajetória na Gol começou de uma forma tímida e, depois, foi crescendo. Na verdade, a Associação Gol de Letra em Milão me deu muita bagagem. Mas eu diria que foi aqui no Caju onde realmente assumi de corpo e alma.

## Caju amadurecendo

A primeira reunião com a minha equipe eram quatro pessoas, o Felipe, o Ebener, a Michele e o Clodoaldo. A gente cresceu junto. Hoje nós somos 15 pessoas. Foi uma reconstrução total. Hoje eu represento a Gol de Letra no Rio de Janeiro; minha maior função é de articulação e captação. Agora, nosso viés de captação lá

no Caju são as leis de incentivo. Desde que eu assumi, a gente já teve três projetos aprovados. **E cada vez que um projeto é aprovado, é uma massagem no ego da nossa equipe. Projeto aprovado é projeto incentivado.** Então, a gente teve uma aprovação no Ministério dos Esportes, já conseguimos um financiamento. Teve uma aprovação no Ministério da Cultura, do MinC, e já temos o financiamento também. Tem um outro, do ICMS, que está em vias de sair o financiamento. E tudo isso foram conquistas dessa nova equipe. A gente não pode ficar eternamente dependendo dos instituidores.

Os projetos desenvolvidos em São Paulo e no Rio de Janeiro são muito similares, a metodologia é exatamente igual, mas claro que tem que existir um respeito às características da comunidade. Então, de repente, por exemplo, o hip-hop não pegou no Rio, porque no Rio é funk, é outra coisa.

A inauguração da sede do Caju, que na realidade atende a oito comunidades, foi uma coisa muito importante, porque concretizou na cabeça das pessoas que a gente estava ali para ficar. Eles viram a gente investindo ali, reformamos uma quadra, um campo, a sede toda, o escritório... Isso deu uma segurança para a comunidade de falar assim: "Opa, eles estão fazendo uma coisa

# Com a cara e a coragem

bacana, vamos lá ver o que é isso."

## Felipe Pitaro Ramos

Como eu vivi todas as fases da Fundação aqui no Rio, a fase que mais me marca é essa que a gente está vivendo, porque ela nasceu de um momento muito delicado. Ela nasceu de um momento de xeque, onde nós sentamos na mesa, foi anunciado o encerramento de Niterói e me foi feita uma proposta: "Se você quiser continuar no Caju, a gente continua com a unidade." Eu senti na minha mão a responsabilidade de manter funcionando um trabalho que já vem de tantos anos e que é tão frutífero, e o desafio de saber se ele seria sustentável ou não. **Então, hoje, vendo a instituição se recompondo, tendo resultados no Rio de Janeiro, conquistando outros parceiros, por um trabalho de toda uma equipe, é muito bom!** E a Beatriz, a nossa diretora, é a peça fundamental dessa transformação. Ela é que decidiu que a coisa continuaria e fez essa proposta, ela é a grande responsável por nós termos tido essa chance.



## Comunidade maravilhosa

Eu vivo nessa comunidade desde quando eu nasci. Aqui antigamente era só mato, depois foram construindo um barraco ali, um barraco aqui, e assim chegou a essa comunidade maravilhosa que é o Caju, um lugar bom de morar. Aqui tem gente humilde, educada, de bom coração. Eu garanto isso! O pessoal de fora só conhece a nossa comunidade como cemitério, não como lugar de grande renda. No Caju existem muitas empresas, firmas que dão muitos empregos, oferecem oportunidade de trabalho. E agora o Caju está mais falado por causa da Fundação, que mudou nossa comunidade. A comunidade merece, por só ter pessoas guerreiras.

*Thiago Barbosa da Silva,  
estudante. Participante e monitor de  
esportes do Programa Jogo Aberto de  
2006 até hoje*

## Multiplicar para melhorar

Acompanhei a chegada da Fundação, cheguei a ser agente social. Tive várias experiências no acompanhamento das visitas domiciliares com as estagiárias de serviço social. O convívio com a equipe, a maneira de administração de conflitos... Foi uma passagem válida. Agora posso passar conhecimentos adquiridos e multiplicá-los para a melhoria do meu bairro.

*Andréia A. G. Caeiro da Silva,  
dona de casa. Agente social da unidade  
Caju em 2007 e 2008*



## Sonho vivo

São dez anos de estrada. Dez anos de muita história pra contar. Dez anos trabalhando para que pessoas transformem sua vida, seu bairro, suas relações, sua capacidade de sonhar. Aos dez anos, a Fundação já não se pergunta o que quer ser quando crescer. Os sonhos são outros, maiores, mais ousados, extrapolam seus projetos e programas na tentativa de responder a novas perguntas: o que quero para o mundo? O que quero do poder público? Como posso ter uma ação política mais eficaz? Como posso disseminar o que aprendi?

Este capítulo traz um mosaico de histórias. Num primeiro momento, episódios que revelam tanto impactos individuais como institucionais da Fundação. Em seguida, vem um mural de desejos para o futuro, embriões de novos sonhos já pulsantes. E é assim, de sonho em sonho, que a história se renova e se torna real.



## Choro de alegria

**Raí Souza Vieira de Oliveira**

Eu lembro que teve uma menina da Gol de Letra que foi participar de uma corrida, acho que era de 50 metros, e outras crianças ficaram torcendo por ela. Ela correndo e todo mundo gritando e incentivando. **Mas ela chegou em segundo lugar. Abraçou o professor e começou a chorar nos braços dele.** E ele falou: “Por que você está chorando? Foi porque você não ganhou ou porque está feliz por chegar em segundo?” E aí a menina falou: “Eu estou chorando porque nunca na minha vida tive tantas pessoas torcendo por mim.”

*“Sabe, no final das contas, quando fazemos um trabalho desses, acho que a gente ganha mais do que a gente dá.”*

Beatriz Pantaleão



## História de cinema

**Cristina Bellíssimo (Tina)**

Tem uma história que eu acho bonita. A gente teve as oficinas de vídeo, e um pessoal que se formou fez nosso vídeo institucional. Depois, alguém do Terceiro Setor encomendou um trabalho dos meninos. **Foi o primeiro trabalho deles, trabalho de mercado. E, com o dinheiro que ganharam, compraram uma ilha de edição e deram pra Gol de Letra.** Isso foi o máximo, quer dizer, é um valor que eles aprenderam. Deu certo pra eles e eles quiseram passar pra muito mais gente. Então, para mim, está mais do que recompensado.”

*“A gente vê que essas crianças da Fundação querem crescer por conta delas mesmas. E que eles dividem entre elas. Não é dividir a comida, dinheiro. É dividir a solidariedade mesmo.”*

José Roberto de Souza (Pitti)

## Menino encaminhado

**Sóstenes Brasileiro S. S. V. de Oliveira**

Outro dia, eu encontrei um garoto. Ele tinha uma família absolutamente desestruturada, era a avó que tomava conta dele, uma história complicadíssima. **Ele fez o Virando o Jogo e deu uma virada mesmo. Hoje é cobrador de ônibus e pretende virar bombeiro.** Quer dizer, é um cara que não ia ser absolutamente nada. E vai ser um cara trabalhando em lotação, vai ter relacionamento. Sabe conversar, sabe atender as pessoas. Isso já é uma virada. Uma criança que tinha uma dificuldade imensa de se comunicar... São rupturas que vão acontecendo.

*“Todas as experiências que eu tive na Fundação, as crianças com quem eu fiz amizade, os educadores... Vi muita gente boa trabalhando. Tudo isso me formou, com certeza.”*

Maria Helena dos Santos Gonçalves

## Dia da faxina

**Mônica Zagallo Camargo**

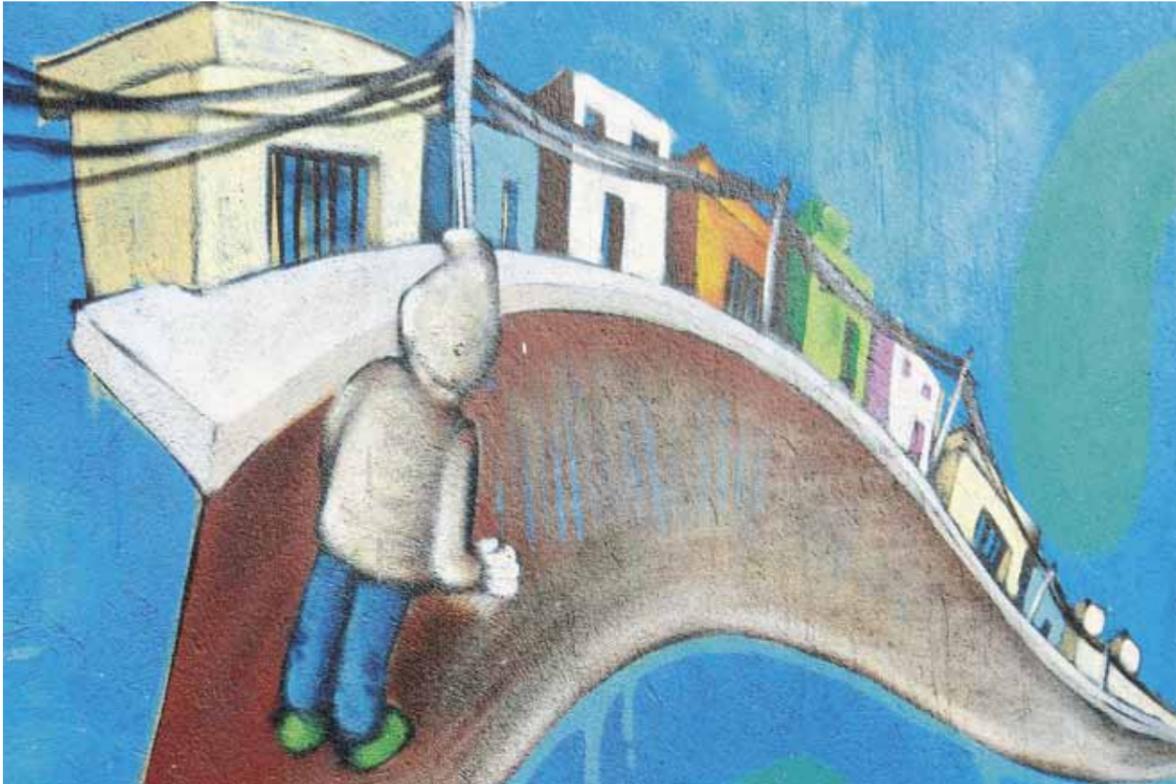
Eu conto do dia da faxina porque foi muito simbólico. Acho que foi de 2003 pra 2004. Todo mundo limpando tudo. Era criança com balde e escada, limpando e não sei o quê. E lavar parede é muito simbólico. Lavar parede, lavar chão, é uma coisa muito física. E foi tendo alguns marcos, sabe? De eles aprenderem a cuidar, de que aquele lugar é deles. Que aquela parede é deles. **E hoje em dia eles mesmos se autofiscalizam. Eu brinco que esse é o sonho de consumo de qualquer educador:** quando ele não precisa mais ser o educador, quando qualquer um é um educador.

*“Pensei até que ia ser uma escolinha de futebol, como muitos pensaram. Nunca imaginei que fosse ter uma estrutura daquela na nossa comunidade, nunca.”*

Averaldo Nunes Cordeiro



## Nem medo, nem pena



*“A Fundação foi muito importante na minha vida: deu a oportunidade do meu primeiro emprego. Fui aprendiz por dois anos no Banco do Brasil. Cada dia que passa, venho conquistando meu lugar.”*

*Larissa Stephani Ramos Rodrigues,  
estudante. Aluna e monitora de informática do Programa Virando o Jogo desde 2000*

### **Maria Helena dos Santos Gonçalves**

Quando entrei na Fundação, tinha 19 anos, estava no terceiro ano da Faculdade de Letras. Morava na Vila Albertina desde sempre, mas nunca tinha subido o morro onde ficava a Fundação.

**Meus primeiros contatos com as crianças foram estranhos. Seus rostos me impressionaram. Eram muito duros e sofridos para pessoas tão jovens.**

Pareciam pedir atenção e carinho. Nesses nove anos de Fundação, vivi muita coisa com as crianças. Momentos de diversão, ensino, aprendizagem, amizade e até de perda. Hoje, quando olho o rosto de uma criança nova, não sinto nem medo, nem pena. Sinto curiosidade de saber como é essa pessoinha, o que vou ensinar para ela e o que ela vai me ensinar.

### **A escola da vida**

Tive a formação na faculdade, mas dar aula mesmo, ser educadora, eu aprendi na Fundação. Então eu não me preocupo se a criança está escrevendo ortograficamente perfeito, mas se está gostando mesmo de ler, qual foi a história de que gostou mais. Será que gosta de ler em voz alta? Será que faz diferença a história que eu estou lendo? **Quando eu vou procurar um livro na biblioteca, não pego um livro qualquer. Eu pego um livro que amei,** porque eu quero que meu aluno ame. Então isso é um olhar de educador, não é um olhar de professor.

## Entre na dança

### **Wanderley Santos da Silva**

Eu fazia a oficina de grafite. A professora insistiu durante o ano inteiro pra eu entrar na dança, e eu sempre ia só pra ver as meninas. Até que chegou uma época em que eu entrei na dança, só pra experimentar, e acabei gostando. Logo em seguida, teve o teste para trabalhar com o Ivaldo Bertazzo. Passei nessa audição

pra entrar na companhia dele. Foi tudo muito rápido na dança. **Eu era meio indeciso sobre o que queria ser: maloqueiro, pichador, grafiteiro, cantor ou bailarino?** Segui o caminho da dança, porque foi o meu primeiro emprego registrado. Eu falei: “Quero ser tudo, fazer um pouquinho de cada coisa.”

*“Acho que tem toda uma geração que a gente influenciou e que fez com que diminuísse a violência. Acho que a gente tocou muito na esperança das pessoas. E é algo muito difícil de tocar.”*

*Rai Souza Vieira de Oliveira*

## Um salto na vida

### **Elaine Alves Xavier**

Foi na Gol de Letra que a minha vida deu um salto. Foi através da Gol de Letra que eu sei que posso e depende de mim. **Não adianta esperar por ninguém, eu que tenho que ir atrás e que tenho que fazer. E foi isso que a Gol de Letra fez na minha vida.** Comecei a trabalhar em um abrigo e tinha de ter uma faculdade... Como eu já me identifico mesmo com as crianças, escolhi Pedagogia. Fiz o vestibular e nem acreditei que passei, logo na primeira tentativa. E estou até hoje lutando ali, fazendo provas, mas é o meu sonho. Estou realizando um dos meus sonhos.”



*“A gente vê que, quando a pessoa sai da Fundação, ela leva o que viveu ali. A Fundação está ali para o bem, é um pontinho de luz na comunidade.”*

*Valéria Donófrío*

## Boas respostas

*“O trabalho da Gol de Letra é um trabalho de formiguinha. Essa que é a questão. Tem que saber olhar.”*

*Sóstenes Brasileiro S. S. V. de Oliveira*

*Eu quero 70 mil Wanderleys. Sou meio ambiciosa nessa história. Acho muito legal ter os exemplos porque eles marcam, mas desde que fique claro que a gente não ajuda ninguém, a gente trabalha junto e a ficha dessa pessoa uma hora cai. Tanto que tem gente que precisa de um ano de Gol de Letra, gente que precisa de dois, de sete.*

*Mônica Zagallo Camargo*

### **Olga Cristiane Lembo**

O que eu observo é que nós ampliamos a possibilidade de mudança. **As famílias vêm às reuniões; antigamente a gente controlava quem vinha, ficava ligando.** Agora as pessoas vêm, participam das ações, procuram pelo grupo das agentes sociais. Se as pessoas vêm sem eu precisar exigir, é porque é bom, porque elas

se sentem bem. Se continua tendo candidatos pra agente social, é porque a formação é significativa. Se o menino continua os sete anos ali dentro, isso é bárbaro! O cara consegue perceber que é por um longo tempo, não é pra um ano só de presença. Se tem meninos que dão certo como mediadores e depois conseguem ir para uma universidade ou vão para um emprego, isso é uma resposta.

## Filhos nota 10

### **Sebastião de Oliveira Paes**

Quando a minha filha entrou na Fundação, eu estava trabalhando como voluntário; ela ia fazer oito anos. Preenchi a ficha, trouxe os documentos que eles pediram. Em seguida chamaram. Ela foi uma das primeiras a entrar. **Depois que meus filhos passaram pela Fundação, senti uma mudança tanto no comportamento como na educação.** Eu senti a diferença, porque a minha filha sempre tirava nota baixa, ela era uma menina meio apagada, quieta, não era de conversar muito. Não sei nem como explicar a mudança que ela teve. Parece que abre mais a mente.

## Transformações que nos transformam

### **Felipe Pitaro Ramos**

Tem um caso que não é de uma transformação duradoura e clara de uma criança, mas de uma transformação que nos transformou. A gente recebeu uma família, era um menino e dois irmãos. Esse menino vivia em situação de rua, embora tivesse família. A família morava em um cômodo. Eram sete filhos e a mãe sozinha. Esse menino não se vinculava a ninguém, não se deixava tocar nem tocava ninguém. Lembro do dia em que ele entrou na Fundação. Na hora do lanche, ele comeu seis ou sete sanduíches e, quando a gente olhou:

“Cadê?” Ele pulou o muro e foi embora. Então, ficou o desafio: “Como é que a gente vai trabalhar com ele?” A minha estratégia foi estar ao lado dele o dia inteiro, inclusive de mãos dadas. Ele resistia. Uns dois ou três meses até que ele começou a se vincular, a participar das atividades, mas toda oportunidade que ele tinha, ia embora. E a justiça retirou o pátrio poder da mãe, ele foi colocado sob a guarda de uma família substituta. Ele já tinha 11 anos e não lia nem escrevia. No último dia dele na Fundação, ele pediu pro irmão dele fazer

uma folha de caderno escrito assim: “Deixe o seu recado pra mim.” Ele foi de professor em professor pedindo pra deixar um recado ali porque ele queria lembrar da gente. **E aquele dia ele cumpriu rigorosamente todas as regras, todas. Foi a criança mais amável do mundo. Nesse dia não houve quem não se emocionasse.** Todo mundo chorou, porque a gente conseguiu mexer em alguma coisa. Pena que não deu tempo pra mexer em mais. Mas pra mim, isso resume o espírito do trabalho que a gente faz.



# Mudança de paradigmas

*“Às vezes, a gente nem dá tanto assim, e você vê a criança já tão grata... Eu fico muito feliz de poder participar de uma mudança na vida daquela pessoa.”*

Beatriz Pantaleão

**Sóstenes Brasileiro S. S. V. de Oliveira**

A Gol de Letra se situou num momento da minha vida muito importante. Sinto uma mudança em mim. Antes, eu era muito ou tudo ou nada; ou é uma coisa grande ou então não adianta. E acho que hoje não. Acho que o fato de me aproximar da área de educação, me fez muito bem. **Trabalhar com criança é muito legal. Então você vê aquelas crianças e como elas vão se fortalecendo. Pra mim é realização completa.** E você vai mudando também seu conceito de transformação. Vai se adaptando àquele dia a dia, àquela prática, que é luta constante. Hoje acho que conheço o ser humano de uma forma mais completa, conhecendo as pessoas numa situação tão difícil. Acho muito legal viver com essa realidade, porque é a nossa realidade.

## Mais que resultados, um mundo de soluções

**Ângela de Carvalho Bernardes**

Vejo a Gol de Letra como um mundo de criação de soluções. Não vou dizer que é um mundo de resultados, não, porque a gente sabe que nem todas as soluções que a gente vai criar são eficazes. Não dá para isolar do contexto, porque está dentro do contexto. Mas eu diria que é um mundo, é um universo. É como se a Gol fosse um laboratório de criação de soluções.



# Fazer o que ama, e ainda ganhar por isso!

**Eduardo Hatada**

Foi uma realização muito grande profissionalmente. Eu aprendi muito, cresci. Era muito tímido, não conseguia nem falar. Há dez anos, eu jamais iria dar uma palestra numa ONG. Lá, eu comecei a trabalhar por um prazer enorme, não ganhava nada. **Depois, fui contratado e remunerado, recebi esse convite pra trabalhar numa coisa que eu adorava fazer.** Sempre brinco que voluntário tem que sentir paixão. E eu ainda era pago pra sentir essa paixão.

*“Tem coisas que, a partir de agora, sozinho, eu vou conseguir. Mas a base eles me deram. De poder sonhar com o que você pretende e concretizar isso. Ter esperança.”*

Wanderley Santos da Silva



## Sem nó de gravata

*“A Fundação é um caldeirão de transformação.”*

*Olga Cristiane Lembo*

### Luciano Pereira de Almeida

Quando a Fundação resolveu mudar a sede administrativa de Perdizes para a Vila Albertina, eu não queria mais continuar, porque era muito longe. Eu não queria ir para a periferia de São Paulo trabalhar. **Ainda tinha a pretensão de trabalhar em algum centro empresarial, naquele oba-oba de terninho, gravata... Hoje já mudou a minha opinião.** Não me vejo trabalhando nesses lugares. A Fundação me ensinou muita coisa, e a comunidade também. Mudei bastante de opinião.

### Uma equipe que convive

Momentos marcantes? A convivência lá com todos os funcionários. Não consigo listar um momento assim, mas a gente lá é como uma grande família. Sempre chama as pessoas, os parceiros e faz apresentações dos projetos. Na Feira Cultural, que acontece duas vezes por ano, fazemos praça de alimentação, na qual o pessoal da comunidade mesmo vai lá vender as coisas, e o dinheiro fica todo pra eles. Ultimamente, a gente está fazendo feiras culturais pra comemorar e também já pra apresentar os resultados dos projetos.

*”Por mais que a gente tenha propostas, são as pessoas que acabam fazendo esse trabalho ser como ele é. São histórias individuais que acabam construindo uma história conjunta.”*

*Ângela de Carvalho Bernardes*



## Marcas do bem

### Cezar Augusto Lago Marques

Ao trabalhar na Gol de Letra, aprendi a conviver com as diferenças, respeitar e compreender melhor o outro, ser mais tolerante. **Eu acho que, reforçando questões éticas, dignidade, fraternidade, quando você representa uma organização não governamental, o tempo todo existe até uma responsabilidade maior pelos seus atos.** Você tem que ser exemplo. E a Gol de Letra me marcava muito, me fazia muito bem, porque você trabalha ali com um pai ou uma mãe que vem de origem simples, vive um sacrifício para poder amanhecer, trabalhar, viver a vida. Isso vira um grande aprendizado.

*”Um dos valores que aprendi na Gol é não ver a pessoa só pela capa, e sim olhar dentro, tentar entender o que ela está vivendo pra depois tirar alguma conclusão.”*

*Anna Karla Rodrigues Freire*

### A verdadeira vocação

A minha história com a fundação é a do encontro comigo mesma. Um encontro que começou durante a minha formação como agente social, em 2004. Foi nesse período que pude conhecer a atuação da assistente social dentro de uma instituição, dentro de uma comunidade, suas mediações com a família, com as crianças e com os adolescentes e jovens. Nesse período, participei de várias ações, intervenções sociais, formação política, capacitações que ampliaram meus conhecimentos e contribuíram para que eu encontrasse a minha verdadeira vocação: ser assistente social. Fiz um plano de vida e hoje, quando olho todos os objetivos que eu consegui atingir, fico orgulhosa.

*Ivanise Helena Lopes dos Santos, assistente social. Integrante da equipe de agentes sociais, estagiária de serviço social e assistente social de 2004 até hoje*





## Responsabilidade assumida

### Beatriz Pantaleão

Acho que viramos uma referência do Terceiro Setor, o que era um dos objetivos iniciais. Há dez anos, quando fundamos a Gol de Letra, não existiam tantas fundações assim. **Então, até o objetivo do Leo e do Raí, que era usar a força do futebol para isso, acho que eles atingiram. Atrás da gente vieram vários projetos**, se baseando no nosso – do mesmo jeito que nos baseamos no Monte Azul. Só que talvez o nosso tenha uma repercussão maior, pelos instituidores serem quem são. Então isso eu acho uma responsabilidade muito grande, mas que a gente assume muito também.

*“A Gol dá oportunidade. Pra comunidade, pro funcionário, pro voluntário. Dessas oportunidades é que vem a transformação.”*

Eduardo Hatada

## Socializando a receita do bolo

### Olga Cristiane Lembo

Uma coisa é você falar: “Eu acredito na prática de transformação comunitária.” Mas, de fato, como isso é feito? A gente sabe pôr isso em prática? É aquela coisa do livro, da teoria, que você compra e fala: “Ai que bacana isso! Mas como é que faz? Qual é a receita?” Esses dez anos de Gol de Letra têm uma receita boa. **E agora tem a questão da disseminação, que é esse jeito de fazer para outras pessoas, outros atores que estão a fim de repetir a experiência.** Agora nós estamos colocando num modelo, numa maneira de passar para as pessoas. Eu acho que é uma fase nova e boa também.

### A tal tecnologia social

É muito difícil uma instituição que consiga o que a Gol conseguiu, que é descobrir um jeito de trabalhar. É a tal da tecnologia social. Tem de sistematizar e disseminar, para ensinar outras pessoas a fazerem aquilo que você demorou dez anos desenvolvendo.

Cristiana Mercadante Esper Berthoud

## Caju no futuro

### Beatriz Pantaleão

O ano passado foi um ano de reestruturação física; esse ano está sendo um ano de reestruturação de captação e de equipe mesmo, e eu tenho umas perspectivas muito positivas para a Gol de Letra no Rio de Janeiro. Acho que estamos começando a ter umas entradas boas no poder público, o que é muito importante também, porque não adianta a gente querer fazer tudo sozinho. Então, esse link entre poder público e as fundações, acho que é superimportante. Unir forças. **Acho que daqui a uns cinco anos a gente vai se tornar uma referência importante dentro do Rio de Janeiro.** Meu sonho hoje é colaborar para mudanças efetivas. É uma pretensão que eu tenho até obrigação de ter, pela representatividade que a Gol de Letra tem.

## Nova logo, uma marca para os dez anos

### Fabiana Makio Saito

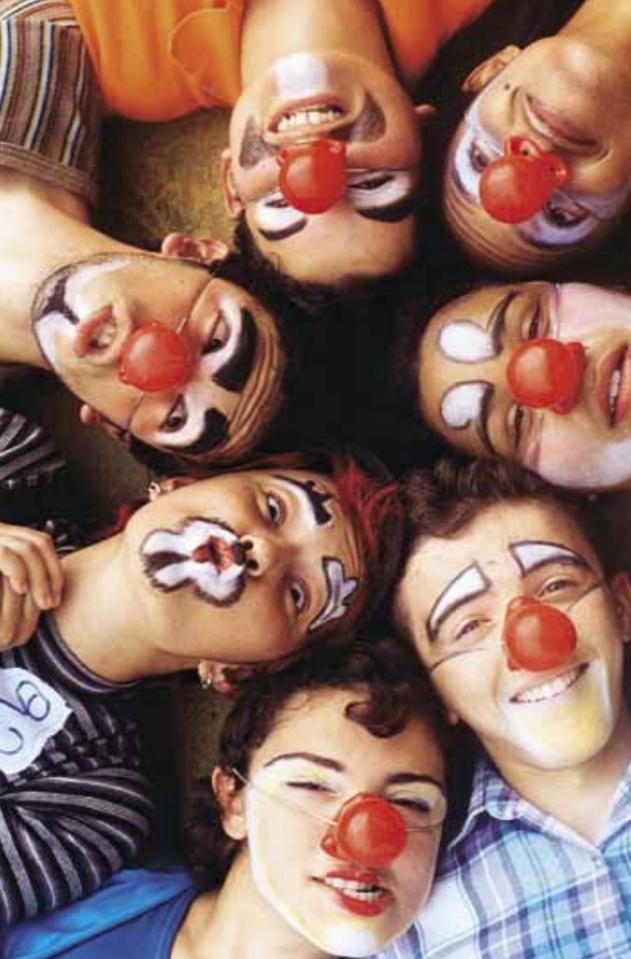
Desenvolver a nova logomarca foi uma necessidade de marcar os dez anos da Fundação e mostrar seu amadurecimento, sem perder os traços de energia e dinamismo. A logomarca de 1998 reflete muito o começo da instituição, quando atendíamos apenas crianças. **Ao longo do tempo, passamos a atender adolescentes e jovens e a logomarca não traduzia esse momento.** Em uma construção com a Neogama, agência que se tornou nossa parceira, fizemos

todo um processo participativo na escolha da nova logo. Selecionamos três e colocamos para a votação das crianças, adolescentes e jovens dos nossos programas, familiares, funcionários, sócios titulares, parceiros, rede social, voluntários e nas Associações Itália e França. Foi um processo de construção coletiva na escolha da marca. Queríamos que todos enxergassem esse processo de mudança como amadurecimento da Fundação.

*“A Fundação me deu muito suporte. Esse foi um presente que eles me deram que eu vou levar para o resto da vida.”*

Wanderley Santos da Silva





## Há flores onde tinha lixo

**Elaine Alves Xavier**

A Gol de Letra veio pra ajudar a comunidade, veio para unir mais as pessoas. Quando eu entrei, eu não conhecia a Vila Albertina, a bem dizer. Eu conhecia só onde eu morava! E aí eu fui conhecendo outras pessoas, e pessoas muito solidárias, uma ajudando a outra. E a gente lutou muito. Tinha uma travessinha em que todo mundo colocava lixo, e nós demos a ideia de fazer um canteiro. Olha a diferença: onde tinha lixo, passava rato, hoje tem flores. Então a Gol de Letra é uma referência pra ali, pra comunidade, pro bairro, pro crescimento.

*“Onde você mora?’ ‘Perto da Gol de Letra.’ ‘Onde passa esse ônibus? Quero descer perto da Gol de Letra.’ Virou ponto de referência.”*

*Averaldo Nunes Cordeiro*

## Uma educadora de verdade

*“Estou satisfeito, mas, numa visão talvez um pouco ingênua, acho que uma nova geração da Vila Albertina é que vai fazer uma revolução. Já existe uma revolução silenciosa acontecendo ali, mas tudo precisa de tempo.”*

*Raí Souza Vieira de Oliveira*

**Anna Karla Rodrigues Freire**

O meu sonho é me formar e conseguir ser uma educadora que não multiplique esse modelo das escolas atuais. Quero ser uma educadora diferente, quero ser como aquilo que eu aprendi na Gol de Letra. É pra isso que eu estou fazendo Pedagogia. Se não for pra atuar assim, eu não quero fazer, porque eu acho que a educação é uma atividade muito importante, e tem que ser benfeita. Então, o meu sonho é me formar e ser uma profissional desse tipo.

## Chegou a hora

**Ana Maria Wilhelm**

Na época em que o Raí apareceu lá na Fundação Abrinq, a gente dizia muito que ele tinha que pôr a imagem dele a favor das causas em que ele estava trabalhando, e ele nos dizia que precisava de um tempo de aprendizagem para poder fazer isso. Então, esse tempo foi a vivência dele de criar a Gol de Letra e, em 2005, quando eu comecei

minha trajetória de consultora, ele me liga:

“Então, eu agora estou naquele ponto que vocês tanto queriam, que é de influir, de me colocar à disposição de causas. Você me ajuda a organizar isso?” Aí a gente começou o trabalho de desenhar o que seria a organização Atletas pela Cidadania, que é uma organização de *advocacy*, com foco em causas sociais relevantes.

*“Muitas pessoas falam que a Fundação é uma escola, não para as crianças, mas para os funcionários. Eu acho realmente uma escola.”*

*Jérémie Nicoläe Dron*

## Para onde a Gol precisa crescer, evoluir?

**Raí Souza Vieira de Oliveira**

A gente começou querendo independência total do poder público por razões negativas ligadas à administração pública. Mas eu acho que a Gol chegou num tamanho que, se quiser ter uma atuação maior ou continuar tendo um impacto grande, isso passa necessariamente pelo envolvimento com o poder público. Ter os projetos em parceria te expõe de certa forma, mas, ao mesmo tempo, acho que é o caminho, pois a intersecção entre os setores é vital. Assim, a gente pode atuar em conjunto pra ter um impacto maior, mais abrangente. Já tinha um processo informal de fazermos o mesmo papel que a Abrinq fez com a gente: disseminar nossas práticas. Mas acho que temos que ousar, que a Gol de Letra tem que se envolver em lutas pela causa na educação, pela justiça social que a gente busca. Eu vejo por aí. Articulações tanto pra ação e parceria com o poder público quanto participação em movimentos sociais.

*“Uma frase que acompanhou muito o meu percurso é do Jorge Amado: ‘Pobreza é a falta de oportunidade do homem desenvolver os próprios talentos.’”*

*Beatriz Pantaleão*

*“O ensino da Fundação é diferente. A escola ensina você a ler e a escrever, e a Fundação ensina você a viver e respeitar.”*

*Sebastião de Oliveira Paes*

# Do varejo pro atacado

*“Que esse livro seja cutucador de pessoas. Que não seja só uma coisa pra mostrar. Porque a gente não é só mostrar. A gente é botar o troço pra acontecer, pra transformar.”*

*Olga Cristiane Lembo*

## **Leonardo Nascimento de Araújo**

A gente nasceu com a ideia de fazer um núcleo de ensino que pudesse consolidar um projeto efetivo, com resultados comprovados que pudessem nos dar a possibilidade de disseminar, de discutir, de replicar, e acho que isso tudo aconteceu. Mas agora não adianta ter, como nós começamos, cem crianças, depois 200 crianças, depois 500, chegamos a 1.500 crianças. Isso é varejo. Então acho que hoje a gente tá entrando num outro processo de discussão, mais abrangente, do que é a educação no nosso país, e isso está coincidindo com um

momento de crescimento do Brasil. Nosso sistema educativo tem que mudar, principalmente para essa camada da nossa população que esteve muitos anos excluída e que, devagarinho, está sendo reintegrada.

A Gol de Letra está comemorando dez anos, partindo para uma nova década baseada em valores muito fortes que esse livro vai nos ajudar a lembrar. Esse registro também fez com que pessoas que marcaram a fundação pudessem voltar um pouquinho no tempo e, com suas histórias, reconstruíssem tudo o que vai ser o nosso futuro.

# Força política

## **Sóstenes Brasileiro S. S. V. de Oliveira**

Eu tenho um sonho com a Fundação, de ela ser um organismo político, mais político do que ela é hoje. É uma coisa que vem com o tempo, que é construção. Então eu vejo aquilo ali. Vejo já hoje profissionais que buscam um pouco isso, querem fazer mais do que simplesmente cuidar da criança, cuidar da família. É um projeto político. Político no sentido de estarmos transformando. Estamos transformando a realidade. Como um exemplo, um grande exemplo pro país, enfim, pra cidade, pra tudo.

*Depois de dez anos, falamos: “Nossa! Ficou grande à beça!” Hoje a Gol de Letra é uma marca registrada. Quando se fala dela, as pessoas entendem o que é, que ela trata de um processo de discussão profundo sobre o que é educação no nosso país.*

*Leonardo Nascimento de Araújo*



# Linha do tempo

1998

No dia 10 de dezembro, Dia da Declaração Universal dos Direitos Humanos, é instituída oficialmente a Fundação Gol de Letra, como uma organização não governamental com foco no direito ao lazer, à cultura, à educação e ao esporte.

No dia 22 de dezembro é realizada a primeira reunião do Conselho Curador, que trata do início das atividades e da ratificação do Termo de Permissão de Uso do Imóvel de Propriedade do Governo do Estado de São Paulo para o prédio da Rua Antônio Simplício, na Vila Albertina.

1998

Entre 29 de julho e 2 de agosto são abertas inscrições para participação no Programa Virando o Jogo, que começa suas atividades no dia 18 de agosto. Quatro dias antes do início das aulas ocorre a reunião com os pais, para esclarecer sobre o desenvolvimento das atividades de escolarização nas áreas de esportes e artes, bem como sobre horários, uniformes e material.

No dia 16 de agosto é inaugurada a sede da Fundação Gol de Letra em São Paulo, no bairro da Vila Albertina. Virando o Jogo é o programa de atividades que dá início ao funcionamento da Fundação. Também começam a funcionar em agosto a brinquedoteca e a biblioteca.

2000

Entre 27 e 31 de março, a Fundação realiza o 1º Encontro Gol da Cidadania pelos Direitos da Mulher, que promove tanto atividades de lazer como palestras sobre saúde, cidadania e reeducação alimentar. Esse encontro impulsiona a formação do grupo Mulheres em Ação, que atuou até 2004, formado por 20 pessoas que atuavam voluntariamente dentro da Gol de Letra.

Em julho, a Fundação Gol de Letra implanta o Projeto A Cara da Vila, que atende adolescentes e jovens por meio de oficinas de vídeo, hip-hop, teatro e fotografia. O projeto vigorou entre julho de 2000 e agosto de 2001.

No dia 19 de novembro, a FGL celebra, pela primeira vez, o "Dia de Fazer a Diferença", com atividades realizadas junto à comunidade. O evento **Make a Difference Day** surgiu em 1992, nos EUA, e se estendeu por outros países, visando mobilizar a população para ações sociais simultâneas, com a participação de milhões de voluntários. O Brasil participou pela primeira vez em 1999, envolvendo mais de 108 mil voluntários em 18 Estados.

2001

É desenvolvido o Projeto Turma da Vila, impulsionado pelos resultados do Projeto A Cara da Vila, em que a liderança e a autonomia apareciam como características relevantes entre os jovens. O Turma da Vila, que vigorou entre julho de 2001 e junho de 2002, foi o embrião do Programa de Formação de Agentes Comunitários (FAC), atual Programa de Jovens.

Em 10 setembro é inaugurada, em Itaipu, bairro de classe média em Niterói (RJ), a segunda unidade da Fundação Gol de Letra. Entre os meses de setembro e dezembro tem início o Programa Dois Toques, com atividades de língua portuguesa, dança, música, educação física e esporte. A unidade funciona em terreno cedido em comodato por Leonardo.

2002

Vila Albertina. A média de livros retirada passa a ser de 200 títulos por semana.

Tem início o Programa de Formação de Mediadores em Biblioteca e Brinquedoteca, com o objetivo de capacitar, a cada dois anos, 20 jovens, de 15 a 18 anos, para a mediação de biblioteca e brinquedoteca, visando estimular crianças e adolescentes do Programa Virando o Jogo na descoberta, identificação e experimentação das práticas de leitura e contação de histórias.

Formação do primeiro grupo de agentes sSociais, que passaram a atuar na área social da Vila Albertina. Com isso, a comunidade passa a ter mais representatividade em questões ligadas ao bairro.

O Dia de Fazer a Diferença é, pela primeira vez, descentralizado para mais de dez polos, representados pelas organizações da rede Vila Albertina. Nesse dia, a comunidade recebeu mais de 4 mil atendimentos.

No dia 9 de dezembro é criada a Associação Gol de Letra – Itália, por Leonardo, Beatriz Pantaleão e Giorgio Pozzi, com o objetivo de realizar eventos para apoiar o trabalho desenvolvido no Brasil.

A Unidade Niterói realiza seu primeiro desfile de carnaval nas ruas da região oceânica de Niterói. Esse evento tornou-se parte da agenda cultural do município e reunia, além de alunos e famílias atendidas, moradores do entorno que se integravam livremente ao bloco carnavalesco, que contava com samba-enredo e alas construídas pelos alunos e educadores.

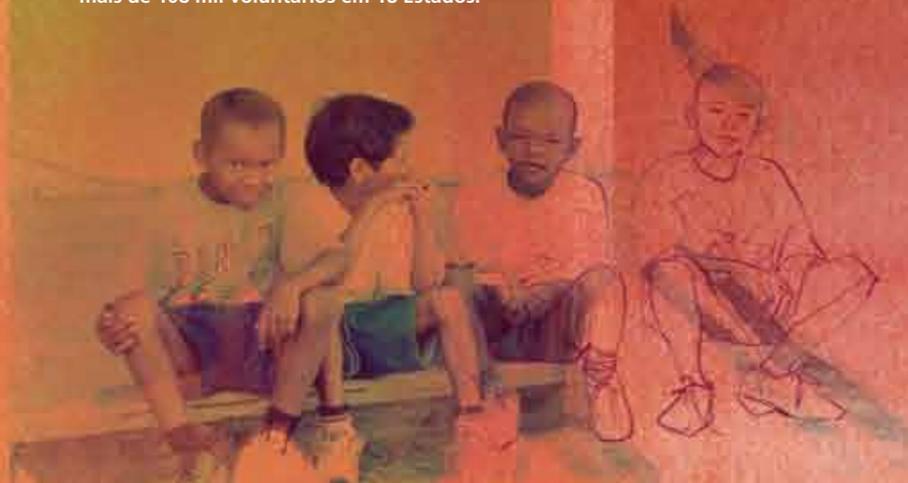
2003

A FGL é reconhecida como entidade de Utilidade Pública, conforme declaração de reconhecimento expedida pela Prefeitura de São Paulo. Além disso, conforme *Diário Oficial da União*, de 31/1/2003, o Ministro de Estado da Justiça, Marcio Thomaz Bastos, concede certificado de Utilidade Pública Federal à FGL.

Sport's Dans la Ville: pelo segundo ano consecutivo, acontece o intercâmbio com o projeto francês e os alunos de Niterói.

Amigos de Leonardo e Raí reúnem empresas e organizações para um torneio de futsal em Levallois, cidade vizinha de Paris, França. A arrecadação foi toda revertida para a Fundação Gol de Letra. O formato desse evento inspirou a criação do Torneio Gol de Letra, principal evento de arrecadação de fundos para a instituição.

Na Unidade Niterói é realizado, em parceria com a Prefeitura do município, o Projeto Arte e Ação Jovem, que atendeu a 40 jovens entre 16 e 17 anos, nas áreas de cultura, educação para a saúde, desenvolvimento da cidadania e geração de renda.



2004

Mulheres da região oceânica de Niterói (RJ) participam do evento “Gol de Cidadania pelos Direitos da Mulher”, promovido pela FGL, em que tiveram acesso a palestras e debates sobre saúde, receberam orientação jurídica e participaram de atividades de esporte e lazer.

A FGL Niterói promove o evento “Gol de Cidadania pelos Direitos de Emprego e Renda”, que contou com palestras e oficinas gratuitas sobre emprego, exigências do mercado de trabalho, criação de negócio próprio e cooperativa, além da emissão de carteiras de trabalho.

É realizado o Primeiro Torneio Gol de Letra, criado pelo Comitê de Mobilização Voluntário. O evento é uma disputa amistosa entre times de empresas que se comprometem com a responsabilidade social empresarial. Em São Paulo, a final do torneio acontece no Estádio do Morumbi.

Início das atividades do Programa de Formação de Agentes Comunitários da Fundação Gol de Letra, unidade Niterói, com oficinas de arte e comunicação voltadas para jovens de 13 a 21 anos.

Início do Programa de Formação de Agentes Comunitários em Esportes, na unidade da Vila Albertina. Há seis modalidades (basquete, futsal, handebol, tae kwon do, tênis e vôlei), para 200 alunos, com idade entre 13 e 16 anos. Esse programa é inovador em termos de parcerias realizadas pela Fundação Gol de Letra, pois interligou poder público, terceiro setor e iniciativa privada. A Fundação Nike/Nike do Brasil financia o programa e a construção da nova infraestrutura na Promove – Ação Sociocultural, organização presente na comunidade, conveniada à subprefeitura Jaçanã/Tremembé.

Início do Programa de Formação de Agentes Comunitários em Esportes, na unidade Niterói. São três modalidades (futsal, futebol e vôlei), para 180 alunos, com idade entre 13 e 16 anos, e dez monitores, com idade entre 17 e 21 anos. Com a implantação desse programa, a unidade passa a atender à comunidade nos turnos da manhã, tarde e noite.

O Conselho Nacional de Assistência Social concede certificado à FGL que atesta a entidade como Beneficente Social.

2005

Início do trabalho dentro das comunidades, como parte do Programa de Formação de Agentes Comunitários (FAC), em Niterói, com diversas atividades, entre elas o Projeto Cineclubes (sessões de filmes em escolas públicas da região oceânica e produção de curtas-metragens, como *Grafite em Foco*, exibido no Festival de Cinema em Fortaleza) e o Programa Escola Aberta: atividades voltadas à comunidade do entorno da Escola Estadual Marcos Valdemar.

Pesquisa junto à prefeitura de Niterói e instituições de pesquisa no Rio de Janeiro, para busca de novos espaços de atuação integrada ao sistema público de ensino em Niterói e para a implantação de uma nova sede na cidade do Rio de Janeiro.

Encerramento das atividades do Programa Dois Toques na sede Itaipu e preparação para a transferência das ações educacionais desse programa para o espaço de uma escola parceira no bairro do Jacaré, região de Piratininga.

2006

O Programa de Formação de Agentes Comunitários em Esportes é reestruturado e passa a se chamar Jogo Aberto.

Em abril, Danielle Miterrand, fundadora da France Liberté, visitou a Fundação Gol de Letra, na Vila Albertina. Pelo acordo assinado em março, em Paris, a instituição financiou, durante três anos, o Projeto Mensageiros da Água. Essa ação formou 30 jovens agentes comunitários de 16 a 24 anos, nas áreas de informática e educação ambiental.

A Fundação Gol de Letra encontra novo local em Niterói: a comunidade do Jacaré. Lá dá início ao Programa Dois Toques na Escola, em parceria com a Escola Municipal Eulália da Silveira Bragança. Os temas trabalhados são: dança – cultura hip-hop, educação física, jogos e brincadeiras tradicionais, reescrita de contos e culinária típica, que fizeram parte do Projeto Nossas Histórias nas áreas de leitura, escrita, informática e biblioteca.

Em agosto de 2006 surge o Núcleo de Projetos em São Paulo, com o propósito de auxiliar os jovens da Fundação a implementar seus planos de intervenção na comunidade. O projeto foi possível a partir da parceria da Fundação Gol de Letra com o Geração Muda Mundo (GMM), vinculado à ONG Ashoka Empreendedores Sociais. 2007 Nasce o , ação de educação ambiental para jovens com foco na utilização e preservação dos recursos hídricos do bairro do caju, na cidade do Rio de Janeiro.

Neste ano também é encerrado um ciclo do **Programa Dois Toques** na Escola, no bairro do Jacaré, em Niterói - RJ. 2008

Inauguração das atividades da Fundação Gol de Letra no bairro do Caju, contando com o apoio da população moradora das oito comunidades, pois as atividades eram desenvolvidas em espaços cedidos por associações de moradores. O projeto oferecia 180 vagas para alunos entre 7 e 15 anos na área de esportes, além de 12 vagas para jovens monitores de 16 a 21 anos que, além da formação específica, recebiam aulas de leitura, escrita e informática.

2007

O Torneio Gol de Letra é realizado pela primeira vez no Rio de Janeiro e conta com a presença de jogadores ilustres, como Bebeto, Leonardo, Carlos Alberto Torres, Zico, Junior e Ricardo Rocha.

Originário da oficina de grafite da Fundação Gol de Letra em Niterói, com apoio da empresa Soter, o Projeto 100% Grafitti é desenvolvido desde 2006 por jovens no bairro de Piratininga. Em 2007, o wprojeto recebeu 20 novos jovens e aumentou o número de monitores de 12 para 15. O grupo grafitou os tapumes de uma construção em Niterói e, com seu trabalho artístico, participou da campanha para preservação e reabertura da sala de cinema mais antiga da cidade.

Em março, ocorreu no Rio de Janeiro o evento “Gol de Cidadania pelos Direitos da Mulher” em comemoração ao Dia Internacional da Mulher.

2008

Foi deliberado pelo Conselho Curador da FGL o encerramento das atividades em Niterói.

No início de 2008, a Fundação Gol de Letra firma uma parceria com o S.O.S e o Rotary Clube, que ofereceram uma área já construída de 891,57 m<sup>2</sup>, situada no bairro do Caju, bairro da capital do Rio de Janeiro, para ser utilizada mediante reforma. Assim, a sede fluminense é transferida de uma associação de moradores para as dependências do S.O.S. Com essa mudança, amplia-se o atendimento às comunidades e incorporam-se à grade do Programa Jogo Aberto as atividades de biblioteca, artes, leitura, escrita e informática.

Em junho foi inaugurada quadra e um campo de futebol na sede do Caju, construídos com recursos doados pela Fundação Renné Lacoste.

Em setembro são finalizadas as obras do Centro Cultural Nazionale Cantante, na sede do caju, que passaria a oferecer ao público uma biblioteca, uma sala multiuso, um auditório, uma sala de informática e salas de aula.

2009

Em março é inaugurado o Projeto Cineclubes para as comunidades do Caju.

Em 16 de abril, a Fundação Gol de Letra inaugura o seu Centro Cultural na unidade do Caju. A festa, que reuniu toda a comunidade local, parceiros e colaboradores, marca o momento de consolidação de um intenso trabalho desenvolvido nas comunidades atendidas.

Em maio é realizado o segundo “Gol de Cidadania pelos Direitos da Mulher”, com a participação de pessoas de todas as comunidades, vencendo uma barreira territorial histórica no bairro.

A Unidade Rio de Janeiro recebe o título de utilidade pública estadual.

No mês de novembro a Fundação Gol de Letra Rio de Janeiro é premiada com a Medalha Tirandentes pela Câmara dos Deputados Estadual.

Em uma parceria inédita com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, é realizada a 4ª Olimpíada de Integração do Caju, com a participação das seis escolas públicas do entorno.

É realizada a sexta edição do Torneio Gol de Letra em São Paulo. Os jogos classificatórios ocorrerão na estância de Jarinu e a final será mais uma vez nos gramados do Estádio do Morumbi. No Rio de Janeiro, a terceira edição do Torneio, disputada no Centro de Futebol Zico, teve a sua final marcada para o Maracanã, em novembro.

Início do projeto piloto de disseminação da prática educativa da Fundação Gol de Letra.

A logomarca da Fundação Gol de Letra, criada em 1998, é modernizada, refletindo o novo momento da instituição.



# Os autores desta história

**Raí Souza Vieira de Oliveira** nasceu dia 15 de maio de 1965, em Ribeirão Preto (SP). Aos 17 anos, profissionalizou-se no futebol, no time Botafogo de Ribeirão Preto. Em 1987, jogou pelo Brasil na Inglaterra e depois no São Paulo Futebol Clube, com o qual foi duas vezes campeão da Copa Libertadores e uma vez do Mundial Interclubes. Em 1993, foi transferido para a equipe francesa Paris Saint Germain, time em que jogou durante cinco anos. Em 1994, foi capitão da seleção brasileira na Copa do Mundo dos EUA. Em 1998, de volta ao Brasil, retornou para o São Paulo Futebol Clube, encerrando a carreira de jogador. Ainda em 1998, em parceria com o jogador Leonardo, fundou a Fundação Gol de Letra, onde atua até hoje.

**Leonardo Nascimento de Araújo** nasceu no dia 5 de setembro de 1969 na cidade de Niterói (RJ). Aos 17 anos, já formado nas divisões de base do Flamengo, foi para o time principal durante os jogos da Copa União. Em 1990, deixou o rubro-negro e transferiu-se para o São Paulo Futebol Clube, compondo o chamado Esquadrão Tricolor, sob o comando de Telê Santana. Após jogar no clube espanhol Valência, vencer a Copa Libertadores da América e o mundial Interclubes, ambos em 1993, e a Copa do Mundo de 1994, foi para o Japão atuar ao lado de Zico no Kashima Antlers. Em 1996, estimulado pelo amigo Raí, deixou o Japão para jogar no time francês Paris Saint-Germain e, mais tarde, no italiano Milan. Em 2001, retornou ao Brasil, jogou algumas partidas pelo São Paulo e pelo Flamengo. Leonardo, que em 1998, em parceria com Raí, havia fundado a Gol de Letra, retornou ao Milan como dirigente e atualmente é técnico do time.

**Dirce Cristina Belíssimo** nasceu no dia 23 de julho de 1966, em Ribeirão Preto (SP). Casou-se com o ex-jogador de futebol Raí de Oliveira e, após morar em São Paulo, quando o marido jogava pelo São Paulo Futebol Clube, viveu com ele e as duas filhas do casal na França, onde tiveram a ideia de montar uma Fundação para ajudar crianças carentes. De volta ao Brasil, Tina, como é chamada, participou de todo o processo de estruturação da Fundação Gol de Letra, da qual se afastou em 2001. Atualmente, trabalha com reforma e revenda de casas, sua nova paixão.

**Beatriz Campos Pantaleão de Araújo** nasceu em Niterói (RJ), no dia 6 de outubro de 1970. Iniciou a faculdade de Economia, que anos mais tarde abandonou para estudar Educação Física, curso que também não concluiu, pois, ao casar-se com o ex-jogador de futebol Leonardo, morou na Espanha, no Japão, na França e na Itália. Ao voltar ao Brasil em 2007, retomou os estudos, agora na área de História. Bia, que tinha acompanhado de longe o processo de estruturação da Gol de Letra, aproximou-se mais da Fundação ao voltar ao Rio, sendo hoje a Diretora da sede do Caju.

**Ana Maria Wilhelm** nasceu em 15 de dezembro de 1957, em São Paulo (SP). Interessada por questões de gênero, atuou em movimentos de mulheres e na luta por creches na cidade de São Paulo, não apenas na perspectiva dos direitos da mulher, mas também dos direitos das crianças. Foi então trabalhar na Fundação Abrinq, por meio da qual conheceu o ex-jogador de futebol Raí e colaborou na estruturação da Fundação Gol de Letra. Atualmente, é consultora de investimentos sociais privados.

**José Roberto de Souza**, mais conhecido como Pitti, nasceu no dia 6 de julho de 1950, em São Paulo (SP), capital. Aos 14 anos, ingressou como aprendiz numa agência de propaganda; aos 18 já era diretor de arte e, aos 20, diretor de criação – isso tudo sem ter cursado uma faculdade! Já com sua própria empresa, ao fazer uma propaganda para os chocolates Kopenhagen, conheceu o ex-jogador de futebol Raí, que na época estava pensando em montar uma fundação e procurava alguém para criar o logotipo. Pitti foi, portanto, o responsável por toda a identidade visual da Gol de Letra. Além disso, junto com os jovens das oficinas, produziu o livro *Um Olhar sobre a Vila*, sobre a comunidade da Vila Albertina.

**Sônia Helena Doria London** nasceu no dia 17 de dezembro de 1952, na cidade de São Paulo (SP). Formada em Língua e Literatura Francesa e Portuguesa, fez pós-graduação na área de Educação. Trabalhou com alfabetização infantil e montou uma escola de educação não formal, num momento em que se buscavam novas formas de ensinar. Atuou na Secretaria do Menor e depois se aproximou da educação de Terceiro Setor, na Fundação Fé e Alegria, quando foi chamada pela Fundação Abrinq para ajudar os jogadores Raí e Leonardo a estruturarem a Gol de Letra, bem como a pensar o projeto pedagógico. Afastada da Fundação desde o fim de 2001, atualmente é coordenadora da área de formação do Museu da Pessoa.

**Sóstenes Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira** nasceu em Belém (PA), no dia 23 de março de 1955.

O segundo filho de uma família de seis irmãos, mudou-se com a família para Ribeirão Preto (SP) quando tinha cinco anos. Formou-se em Engenharia de Produção na UFSC, fez mestrado no Rio de Janeiro, foi professor da Universidade de São Carlos, atuou no Sindicato dos Engenheiros, foi Secretário de Esportes do Município de São Carlos e participou do Conselho Curador da Fundação Gol de Letra na época de sua estruturação. Foi convidado pelo irmão Raí a assumir a direção da Fundação em 2002 e se mantém no cargo até os dias de hoje.

**Célia Yoshi Hara** nasceu em São Paulo (SP) no dia 7 de fevereiro de 1957. Formada em Serviço Social e Pedagogia, atuou na área socioeducativa, chegando à Fundação Gol de Letra em 1999, como coordenadora geral. Lá desenvolveu uma série de atividades sociais, como o Mulheres em Ação. Em 2002, se afastou da Fundação e hoje é coordenadora do Centro Social Marista de Educação Infantil Robru.

**Rosângela Batista Ganga** nasceu dia 25 de novembro de 1979, na comunidade da Vila Albertina, em São Paulo (SP). Estudou na antiga escola que ocupava o prédio da Fundação Gol de Letra e foi porta-bandeira da fanfarra da escola. Seu filho mais velho, Matheus é aluno da Fundação Gol de Letra.

**Sebastião de Oliveira Paes** nasceu dia 30 de dezembro de 1956, na cidade de Viçosa (AL). O sexto filho de uma família de 22 irmãos, saiu da casa onde morava com a avó aos oito anos. Depois de trabalhar na feira e morar na rua, conseguiu emprego numa fábrica de adubos em Maceió, com a qual viajou pelo Brasil, Argentina, Chile, Peru e Bolívia. Finalmente, estabeleceu-se em São Paulo, na comunidade de Vila Albertina. Depois de participar como voluntário na reforma do prédio da Fundação Gol de Letra, foi empregado como porteiro. Hoje, sem ter abandonado esse cargo, oferece ainda oficinas de pânfilização para a comunidade.

**Alexandre Carvalho Ferreira** nasceu em São Paulo (SP), no dia 13 de novembro de 1982. Ao terminar o terceiro colegial, procurou a Fundação Gol de Letra, interessado em cursar a oficina de vídeo. Participou do Projeto “A Turma da Vila”, foi mediador de leitura, trabalhou com o publicitário Pitti no livro *Um Olhar sobre a Vila*, foi monitor do FAC. Estudou Pedagogia para atuar na área social. Tornou-se assistente dessa área, criou o Núcleo de Comunicação da Gol de Letra e conseguiu uma bolsa para estudar Marketing, em 2005, quando deixou a Fundação.

**Averaldo Nunes Cordeiro** nasceu no dia 18 de outubro de 1953, na cidade de Águas Belas (PE). Aos quatro anos de idade, veio a São Paulo com seus pais em um pau-de-arara, chegando ao bairro de Vila Maria, zona norte de São Paulo. Cresceu na atual Vila Albertina, antes conhecida como “Esmaga-Sapo”, onde estudou e ajudou seu pai na sapataria que montou nos anos 60. Hoje em dia, trabalha na área gráfica, mas, por prazer, continua a trabalhar com sapatos, além de preparar um livro sobre a história da Vila Albertina.

**Elaine Alves Xavier** nasceu em 27 de dezembro de 1974 em São Paulo (SP). Mãe de cinco filhos, dos quais três frequentam a Gol de Letra, foi agente social da Fundação por dois anos. Depois, retomou os estudos, ingressando no curso de Pedagogia, e conseguiu emprego num abrigo de menores, onde está até hoje.

**Wanderley Santos da Silva** nasceu em São Paulo (SP), no dia 3 de março de 1985. Aos dois anos de idade, mudou-se com seus pais para a comunidade da Vila Albertina. Aos 14 anos, ingressou na Fundação Gol de Letra, logo após sua inauguração. Começou fazendo oficinas de grafite e hip hop e depois entrou para as aulas de dança. Após cinco meses, foi aprovado em uma audição para um projeto do coreógrafo Ivaldo Bertazzo. Com a companhia de dança, viajou pelo Brasil, França e Holanda, sem perder a paixão pelo grafite.



**Eduardo Hatada** nasceu no dia 12 de agosto de 1978, no bairro do Jaçanã, zona norte de São Paulo (SP). Filho de uma família humilde, trabalhou como atendente na área do comércio. Formou-se em Administração de Empresas pelo Mackenzie e, interessado pelo terceiro setor, atuou no Centro do Voluntariado, quando conheceu a Fundação Gol de Letra e nela iniciou um trabalho voluntário de coordenação dos demais interessados em trabalhar voluntariamente e de captação de recursos; mais tarde, foi contratado. Está afastado da Fundação desde 2008.



**Jérémie Nicoläe Dron** nasceu em 13 de fevereiro de 1977, em Melun, departamento de Seine-et-Marne, na França. Filho de pai romeno e mãe brasileira de origem russa, Jérémie passou por diversas mudanças na infância, devido à profissão do seu pai, que era tenista. Desde cedo, o franco-brasileiro pratica essa modalidade de esporte e a ensina às crianças. Depois de se formar em Física e fazer um mestrado em História da Ciência, ele decidiu vir ao Brasil para conhecer melhor suas origens e atuar como voluntário. Foi então que chegou à Fundação Gol de Letra, onde trabalhou voluntariamente no setor administrativo e nas atividades de lazer aos sábados. Atualmente, atua na Fundação como analista de projetos, além de coordenar os intercâmbios das crianças para a França.



**Vera Lúcia Zanuto** nasceu na cidade de Piquete (SP). Formou-se em Estatística pela Universidade de Campinas (Unicamp). Foi coordenadora da área de pesquisa na empresa Hay Consultoria, onde trabalhou dez anos. Depois, estruturou a área comercial da empresa OdontoPrev, chegando mais tarde ao serviço de atendimento ao cliente. Em 1999, iniciou uma parceria com a Fundação Gol de Letra, com o objetivo de fornecer atendimento odontológico para a comunidade. Essa parceria existe até hoje.



**Felipe Pitaro Ramos** nasceu dia 18 de março de 1978, na cidade do Rio de Janeiro (RJ). cursou Educação Física na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Entrou na Fundação Gol de Letra de Niterói em 2001, como professor de educação física. Foi assistente de coordenação, coordenador do FAC Esporte, acompanhou e coordenou a chegada da Fundação à comunidade do Caju, foi coordenador pedagógico e atualmente é coordenador-geral dessa unidade.



**Anna Karla Rodrigues Freire** nasceu dia 4 de abril de 1988, em Niterói (RJ). Aos 14 anos ingressou na Fundação Gol de Letra de Niterói. Participou do FAC, do Projeto Aprendiz, foi monitora e atuou na sede da Fundação na comunidade do Jacaré. Atualmente afastada da Gol de Letra, estuda Pedagogia na Universidade Federal Fluminense.

**Luciano Pereira de Almeida** nasceu em São José do Rio Preto (SP), no dia 29 de abril de 1975. Aos três anos de idade, mudou-se para Ribeirão Preto, onde cresceu. Trabalhou numa locadora de vídeo, depois numa loja de CDs administrada pelo irmão de Raí, Raimar. Formado em Administração de Empresas, entrou em 1998 na Fundação Gol de Letra como auxiliar de escritório. Hoje em dia é Coordenador do Setor Financeiro da Fundação.



**Olga Cristiane Lembo** nasceu no dia 30 de junho de 1967 na cidade de São Paulo (SP), no bairro da Mooca. Atuou na área financeira de empresas, formou-se em Serviço Social, trabalhou com portadores de necessidades especiais e teve um cargo de coordenação na ONG Promove Ação Sociocultural. Nessa organização, implantou um projeto na Vila Albertina. Foi nesse momento que ela se aproximou da Gol de Letra e passou a ser, em 2002, coordenadora da área social da fundação.



**Valéria Donófrío** nasceu em São Paulo (SP), no dia 1º de julho de 1981. Formou-se em Psicologia, estagiou no Hospital Psiquiátrico de Guaianases, participou do Projeto Rondon em São Félix do Xingu, trabalhou no RH da rede de lojas Tok & Stok até 2005, quando, interessada pelas questões sociais, foi trabalhar como assistente de coordenação da área social na Fundação Gol de Letra. Foi, coordenadora do Programa de Jovens.

**Mônica Zagallo Camargo** nasceu na cidade de São Paulo (SP), no dia 2 de agosto de 1970. Filha de professora, formou-se no curso de Educação Física da Universidade de São Paulo, mas logo descobriu seu interesse pela educação e projetos sociais. Atuou na Secretaria do Menor em São Paulo e na Secretaria de Educação, Esporte e Lazer do município de Diadema. Em 2002, foi contratada pela Fundação Gol de Letra como coordenadora da área pedagógica, cargo que ocupou até 2008.



**Maria Helena dos Santos Gonçalves** nasceu em São Paulo (SP), no dia 2 de agosto de 1980. Cresceu na Comunidade da Vila Albertina. Boa aluna, ao terminar o Ensino Médio, prestou vestibular para Letras e foi aprovada na Universidade de São Paulo. Ao procurar estágio, soube da Fundação, onde iniciou como estagiária observadora em 2000. Passou a estagiária participante e chegou a educadora, função que exerce até hoje. Mais tarde, prestou concurso público e tornou-se professora da rede pública estadual.



**Patrícia Liberali Stelata** nasceu dia 19 de setembro de 1971, na cidade de São Paulo (SP). Fez Magistério e se formou em Pedagogia no Mackenzie. Trabalhou em escolas particulares e, voluntariamente, deu aulas de alfabetização para adultos. Em 2001, entrou na Fundação Gol de Letra como educadora de Leitura e Escrita e, mais tarde, assumiu a coordenação da área pedagógica, função que exerce até hoje.



**Ângela de Carvalho Bernardes** nasceu no dia 16 de março de 1970, na cidade de Uberlândia (MG). Aos nove anos de idade começou a jogar vôlei, sua paixão. Com 15, ingressou no curso de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais e, aos 21, deu início à carreira profissional de jogadora de vôlei. Há cinco anos coordena o programa de esportes da Fundação Gol de Letra, o Jogo Aberto, conciliando a experiência esportiva com a profissão de psicóloga.

**Cristiana Mercadante Esper Berthoud** nasceu no dia 6 de janeiro de 1958, na cidade de São Paulo (SP). Estudou Psicologia na Faculdade Salesiana de Lorena e fez mestrado na PUC São Paulo, especializando-se na área de família. Fez doutorado, estudou nos Estados Unidos e trabalhou com uma metodologia chamada Grupo Focal. Depois de consolidada sua carreira acadêmica, aproximou-se de projetos sociais, para os quais presta consultoria e realiza avaliações. A pedido da Gol de Letra, em 2006, avaliou os projetos da Fundação, tanto em São Paulo quanto em Niterói. Participou do fechamento dessa unidade e da abertura de uma nova sede no Caju, Rio de Janeiro.



**Cezar Augusto Lago Marques** nasceu no dia 4 de março de 1966, em Niterói (RJ). Estudou Comunicação, atuou na área de comunicação das lojas Cantão e Fabricatto, organizou o evento Rio Show Festival, abriu uma empresa de comunicação, com a qual prestou serviços de assessoria de imprensa ao jogador Leonardo e, voluntariamente, cuidou da divulgação da Fundação Gol de Letra em Niterói, assumindo, em 2002, o cargo de diretor dessa unidade. Fez mestrado na área de História, escreveu uma dissertação sobre os projetos sociais desenvolvidos pelos tetracampeões mundiais, foi pesquisador da ONG Observatório de Favelas e é professor universitário.



# Fontes

*ALBUQUERQUE, A. C. C. . Terceiro Setor: história e gestão de organizações. 1ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 2006.*

*ALVES, Eliane Baptista; MACHADO, Mônica Sampaio; KOATZ, G. D.; NACIF, Cristina Lontra . Territorialidades e Conflitos em Bairros Cariocas: Caju e Jardim Botânico. In: 12do Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2009, Montevideo. Caminando en una América Latina en Transformación. Montevideo: Imprenta Gega, 2009. v. 1. Disponível em <egal2009.easyplanners.info/.../5188\_Alves\_Eliane\_Baptista\_.doc>. Acesso em 4/11/2009.*

ESCORSIM, Silvana Maria. *A filantropia no Brasil: entre a caridade e a política de assistência social*. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/086/86escorsim.htm>. Acesso em 8/10/2009.

LESSA, Candace; ROSSETTI, Fernando. *O futuro da filantropia no Brasil – Criando um setor mais diversificado*. Disponível em: <*www.institutorio.org.br/artigos/artigo05.doc*>. Acesso em 09/10/2009.

MARQUES, Cezar. *Herdeiros do tetra: os projetos sociais desenvolvidos por jogadores de futebol tetracampeões mundiais*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp031192.pdf>. Acesso em 9/10/2009.

WORCMAN, Karen. *A história da Fundação Banco do Brasil – Realizar sonhos, transformar realidades*. 1ª ed.. São Paulo: Museu da Pessoa, 2007, pág. 68.

http://www.abrinq.com.br/Default.aspx?abrId=2. Acesso em 9/10/2009.

http://www.atuacaosocial.com.br/atso\_pagina.php?mpg=05.03.00. Acesso em 13/10/2009.

http://www.bairrodocaju.com.br/pag2.htm. Acesso em 4/11/2009.

http://www.bolaprafrente.org.br/pages/noticias\_053.asp. Acesso em 9/10/2009.

http://www.cenpec.org.br/modules/home/. Acesso em 9/10/2009.

http://www.clickdenegocios.com.br/portfolio/marli/PIM\_MONTE%20AZUL/index.htm. Acesso em 9/10/2009.

http://esportes.terra.com.br/futebol/copa2006/interna/0,,OI684432-EI5508,00.html. Acesso em 9/10/2009.

http://www.ethos.org.br/\_Internethos/Documents/Oded%20%20Grajew%20-%20atualizado%20em%20240804.pdf. Acesso em 9/10/2009.

http://www.filantropia.org/OqueeTerceiroSetor.htm. Acesso em 13/10/2009.

http://www.fundacaolemann.org.br/conteudo/detalhesERelacionadosSemTitulo.aspx?codConteudo=105. Acesso em 9/10/2009.

http://www.fundacaocafu.org.br/. Acesso em 9/10/2009.

http://www.gife.org.br/associados\_ficha.php?codigo=88. Acesso em 9/10/2009.

http://www.gife.org.br/investimento.php. Acesso em 13/10/2009.

http://www.goldeletra.org.br/secao.17,sm.sm48.aspx. Acesso em 9/10/2009.

http://www.goldeletra.org.br/secao.6,materia.33,sm.sm51.aspx. Acesso em 9/10/2009.

http://www.goldeletra.org.br/secao.52.aspx?materia=212&sm=sm51. Acesso em 4/11/2009.

http://www.goldeletra.org.br/secao.52.aspx?materia=682&sm=sm51. Acesso em 4/11/2009.

http://www.goldeletra.org.br/secao.23,sm.sm47.aspx. Acesso em 20/10/2009.

http://www.iets.org.br/paraimpressao.php3?id\_article=1273. Acesso em 4/11/2009.

http://www.monteazul.org.br/. Acesso em 9/10/2009.

http://www.museudosesportes.com.br/noticia.php?id=192. Acesso em 9/10/2009.

http://www.mvvideos.com.br/index2.asp. Acesso em 20/10/2009.

http://oglobo.globo.com/blogs/razaosocial/posts/2009/06/09/nao-facil-fazer-gol-de-letra-192634.asp. Acesso em 4/11/2009.

http://pga.pgr.mpf.gov.br/boletins/arquivos-de-boletins-2009/linha-do-tempo-do-trabalho-voluntario-no-brasil/. Acesso em 20/10/2009.

http://www.promove.org.br/. Acesso em 21/10/2009.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ayrton\_Senna. Acesso em 9/10/2009.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Terceiro\_setor. Acesso em 13/10/2009.

http://www.responsabilidadesocial.com/institucional/institucional\_view.php?id=2. Acesso em 13/10/2009.

www.rits.org.br. Acesso em 13/10/2009.

http://senna.globo.com/institutoayrtonsenna/br/default.asp. Acesso em 9/10/2009.

http://www.unicrio.org.br/Textos/dialogo/ute\_craemer.htm. Acesso em 9/10/2009.

http://www.uniethos.org.br/DesktopDefault.aspx?TabID=4001&Alias=Uniethos&Lang=pt-BR. Acesso em 13/10/2009.

http://www.wkkf.org/Default.aspx?tabid=124&NID=56&TmelineID=10&LanguageID=0. Acesso em 9/10/2009.

http://www.wkkf.org/default.aspx?tabid=63&ItemID=3&NID=37&LanguageID=2. Acesso em 9/10/2009.

# Legenda das imagens

Pág. 2 – Alunos do Programa Dois Toques da Gol de Letra de Niterói. RJ, 2001

Pág. 12 – Leonardo no antigo escritório da Gol de Letra no bairro das Perdizes, SP, 1998

Pág. 14 - Atividade de socialização do Programa Dois Toques. Niterói, RJ, 2001.

Pág. 18 – Raí e Leonardo junto às crianças do Programa Dois Toques. Niterói, RJ, 2001

Pág. 20 – Apresentações dos trabalhos do Virando o Jogo. SP, dezembro de 1999

Pág. 29 – Ladeira da Rua Antônio Simplicio, onde fica a sede da Gol de Letra na Vila Albertina. SP, 2009

Pág. 30 – Leonardo na reforma do prédio para estruturação da Gol de Letra. SP, março de 1998

Pág. 33 – Leonardo e Raí na reforma do prédio para o funcionamento da Gol de Letra. SP, março de 1998.

Pág. 45 – Grafite em área interna da Gol de Letra, produzido durante o projeto “A Cara da Vila” pelos participantes do antigo FAC (programa de Formação de Agentes Comunitários). SP, novembro de 2002.

Pág. 50 – Inauguração da Fundação Gol de Letra na Vila Albertina. SP, setembro de 1999.

Pág. 51 – Alunos do Programa Dois Toques da unidade de Niterói da Gol de Letra em 2001.

Pág. 54 – Reunião de pais na sede de Vila Albertina. SP, 2003

Pág. 56 – Alunos do Programa Dois Toques da unidade de Niterói da Gol de Letra em 2001.

Pág. 57 – Pitti e Leonardo na sede da Gol de Letra na Vila Albertina. SP, s/d

Pág. 57 – O livro “Um Olhar sobre a Vila”, publicado em 2001, resultado do trabalho do grupo de jovens do antigo FAC .

Pág. 59 - Oficina de Artes Plásticas do Programa Virando o Jogo. SP, 1999

Pág. 60 - Olimpíadas de Integração do Programa Jogo Aberto. Caju, RJ, 2007

Pág. 61 – Intervenção artística do Programa de Jovens na Vila Albertina. SP, 2009

Pág. 62 - Maria Helena dos Santos, educadora de Leitura e Escrita. SP, 2009

Pág. 66 (foto maior) – Atividade do Virando o Jogo cujo tema norteador era “África-Brasil”. SP, 2006.

Pág. 68 – Participantes do Torneio Gol de Letra realizado na Estância Santa Filomena. Jarinu, SP, 2006.

Pág. 69 - Oficina de Artes Plásticas do Programa Virando o Jogo. SP, 1999

Pág. 72 – Primeiras atividades esportivas do Programa Virando o Jogo. SP, 1999

Pág. 74 (foto maior) – Oficina de Vídeo do FAC que tiveram como objetivo captar novos olhares sobre a Vila Albertina. SP, 2001.

Pág. 77 – Elaboração de molde para grafite em uma oficina do FAC. SP, 2007.

Pág.83 – Cartaz dos jovens das oficinas de Artes Plásticas do Programa de Jovens. SP, 2009

Pág. 85 - As agentes sociais, conhecidas na comunidade como “as verdinhas” em visitação às famílias. SP, 2009

Pág. 87 - Jovens da turma “6”, oficina de pintura na sala Multiuso da unidade da Vila Albertina. SP, 2009.

Pág.92 – Oficina de marcenaria na Feira Cultural da Gol de Letra da Vila Albertina. SP, 2009

Pág. 93 – Às vésperas da viagem de intercâmbio para a Suíça. Mônica Zagallo (no canto direito) junto às crianças da Gol de Letra. À esquerda, os colegas instrutores. SP, 2002.

Pág. 96 – Olimpíadas de Integração do Programa Jogo Aberto. Caju, RJ, 2007

Pág. 100 – Aula de Educação Física do Programa Dois Toques. Niterói, RJ, 2007.

Pág. 103 – Oficina de dança do Programa Dois Toques. Niterói, RJ, 2007.

Pág. 104 – Formação de jovens monitores do Programa Jogo Aberto. Caju, RJ, 2007.

Pág. 105 – Atividades de Futsal do Jogo Aberto. Caju, RJ, 2007

Pág. 107 – Mediação de leitura na biblioteca do Programa Dois Toques. Niterói, RJ, 2007.

Pág. 108 – Alunos da aula de Educação Física do Programa Dois Toques. Niterói, RJ, 2007

Pág. 113 – Jovem monitor em atividade esportiva na Gol de Letra da Vila Albertina. SP, 2009

Pág., 116 – Oficina de Artes Plásticas do Virando. SP, 1999

Pág. 121 – Montagem das crianças da oficina de informática do Virando o Jogo para o projeto “Bloco-a-bloco, o Brasil que queremos” da Lego Education. SP, 2009

Pág. 122 – Apresentação da peça “Nossa Vila na Mira” pelos alunos do FAC, que também produziram roteiro, figurino e cenário. Vila Albertina, SP, 2002

Pág. 123 – Criança assistindo as apresentações durante as comemorações do quinto aniversário da Fundação. SP, 2004

Pág. 124 – Montagem das crianças da oficina de informática do Virando o Jogo para o projeto “Bloco-a-bloco, o Brasil que queremos” da Lego Education. SP, 2009

Pág. 125 – Jovem prepara o material para ser utilizado no Fórum do FAC. SP, 2007

Pág. 126 – Atividade de recreação e socialização do Programa Virando o Jogo. SP, 2003

Pág. 128 – Participantes do”Colégio Clowndestino”, peça teatral criada pela Oficina de Teatro do Programa de Formação de Agentes Comunitários (FAC). SP, junho de 2005

Pág. 131 – Raí junto aos alunos do Programa Virando o Jogo. SP, 2009



